

MEDICINA NA BEIRA INTERIOR

DA PRÉ HISTÓRIA AO SEC XXI



CADERNOS DE CULTURA n.º XIV NOVEMBRO 2000

MEDICINA NA BEIRA INTERIOR

DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉC. XXI



CADERNOS DE CULTURA

PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

Director
António Lourenço Marques

Editor
António Salvado

Nº14 - Novembro de 2000

Secretariado
Urb. Quinta Dr. Beirão
27 - 2ª E
6000 Castelo Branco
Telef.: 272 342 042

Produção

edi **raia**
EDITORAIA, Lda

Rua da Fonte Nova, L1 nº35 r/c esq.
tel. 272 325 477/8 fax 272 325 479
6000-167 Castelo Branco

<http://www.ediraia.pt>
e-mail: ediraia@ediraia.pt

Composição Gráfica

PUBLIRAI@
PUBLICIDADE E IMAGEM

Impressão

Gráfica do Tortosendo

Capa: Diagrama de uma obra de Santo
Isidoro de Sevilha, De responsione mundi et
astrorum ordinatione, impressa em
Augsburg, em 1472.

Os textos assinados são, na forma e no conteúdo, da
inteira responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

MEDICINA E TRANSDISCIPLINARIDADE	
Nota de Abertura	3
SALAMANCA Y LA FORMACIÓN DE MÉDICOS PORTUGUESES EN EL SIGLO XVI	
Mercedes Grangel	4
A REACÇÃO HIPOCRÁTICA PENINSULAR - AMATO LUSITANO E "O MÚMIA"	
Alfredo Rasteiro	14
OS QUATRO ELEMENTOS, OS ASTROS, AS DOENÇAS E O HOMEM NA VISÃO DE AMATO LUSITANO	
Maria Adelaide Neto Salvado	21
O "FOGO", NA OBRA DE AMATO LUSITANO	
Fanny André Font Xavier da Cunha	29
OS QUATRO ELEMENTOS E O QUOTIDIANO DOS DOENTES, NA OBRA DE AMATO LUSITANO	
António Lourenço Marques	34
RELACIONES DE SALAMANCA CON LA BEIRA INTERIOR	
José Miguel Santolaya Silva	39
ESCRITOS MAIORES E MENORES SOBRE EGAS MONIZ	
Ana Leonor Pereira e João Rui Pita	41
A MEDICINA NA ESCRITA	
João Maria Nabais	46
ESTEVIÃO RODRIGUES DE CASTRO (1559-1638) ESSE DESCONHECIDO	
João Maria Nabais	50
CURAS E LEIS	
Antonieta Garcia	54
UM PODER DO FOGO - DE AMATO LUSITANO AOS POETAS	
Maria de Lurdes Barata	59
A PERDA DA VIRGINDADE DA MULHER EM CONTEXTO EXTERIOR AO CASAMENTO	
Maria Helena Duarte Santos	64
NOS CAMINHOS DA SEXUALIDADE: ANDROGINIA NA RELIGIÃO E NA CULTURA PORTUGUESAS	
António Maria Romeiro Carvalho	68
DE QUANDO SE CONSIDEROU A ÁGUA CONSTITUÍDA POR OXIGÉNIO E HIDROGÉNIO E A ADESAO DOS QUÍMICOS PORTUGUESES ÀS NOVAS TEORIAS NO SÉCULO XVII	
Maria de Fátima Paixão	81
ÍNDICE GERAL DOS CADERNOS DE CULTURA "MEDICINA NA BEIRA INTERIOR - DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉC. XX	87
ÍNDICE ONOMÁSTICO	92

Medicina e Transdisciplinaridade

As Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior - da pré-história ao séc. XX” têm como propósito reunir investigadores das diversas disciplinas, com especial incidência da área das Ciências Humanas, visando, em primeiro lugar, enriquecer o conhecimento desse personagem ímpar da Renascença europeia, nascido em Castelo Branco, que foi Amato Lusitano. Quando iniciámos este projecto, estávamos conscientes que, através do diálogo dos diferentes estudiosos, sem renunciarem aos seus métodos próprios de investigação, outras luzes brotariam na análise da obra do médico ilustre. Uma obra riquíssima, marcada de forma singular pelo humanismo. Durante as Jornadas já realizadas, procurámos ainda estudar outras realidades da história cultural da Beira Interior, por seu lado, suscitadas pelas vertentes da obra de Amato Lusitano analisadas em cada ano.

Muitas comunicações foram assim produzidas e a sua análise global pode constituir já um novo objecto de estudo, uma vez que uma boa percentagem desses trabalhos está publicada nos Cadernos de Cultura, cujo 14º número agora se apresenta.

Lembremos que, nos primeiros números destes Cadernos, nas notas de apresentação, invocámos, sucessivamente, a relação da medicina com a cultura, seguindo-se-lhe o humanismo e a verdade. Depois, no quarto número, em 1991, sublinhámos a importância que a interdisciplinaridade representava no nosso desígnio das Jornadas. Dissemos que esta forma de apreciação era uma necessidade para se entender melhor a “conjuntura global” em que cada segmento de estudo, que íamos analisando, mergulhava. “A medicina no cruzamento dos saberes” foi uma expressão síntese que, no quinto número, apresentámos para definir melhor o nosso projecto. Atingir “uma perspectiva que englobe o todo”, algo que a especialização isolada não permite, era um dos resultados que almejávamos pela prática da interdisciplinaridade.

E seja-nos lícito perguntar agora se será estulto, perante esse vasto campo relacionado com a medicina, quando o Homem é reconhecido, definitivamente, como ser pluridimensional, falarmos da possibilidade da emergência de um conhecimento transdisciplinar? Por exemplo, o corpo e o mental regem-se absolutamente pelas mesmas leis? É verdade que quando os níveis de realidades são diferentes, embora possam estar interligados, não se submetem obrigatoriamente aos mesmos instrumentos de pesquisa. Diz Basarab Nicolescu que “dois níveis *de realidades* são diferentes se, ao passar de um para o outro, há ruptura das leis e ruptura dos conceitos fundamentais (como, por exemplo, a causalidade). Esta noção não é realmente nova, pois ela atravessa, sob uma forma não científica, os séculos e as civilizações. O que é novo é o seu aparecimento no domínio científico”.

Edgar Morin notou que “a história das ciências não é unicamente a da constituição e da proliferação das disciplinas, mas ao mesmo tempo é também a das rupturas das fronteiras disciplinares”. Quando essas disciplinas focam o mesmo objecto, ainda que na sua própria perspectiva, encontram zonas que resistem à penetração mais profunda, a não ser nesse jogo entre elas, com resultados que ultrapassam os que cada uma por si alcançaria. O homem é o paradigma máximo da “multiplicidade complexa” de um objecto de estudo. O acompanhamento dos moribundos, uma atenção que recrudesce actualmente, tornando-se uma actividade que de algum modo vai caracterizar a civilização deste tempo, é integrada pela disciplinaridade, mas também pela multidisciplinaridade, pela interdisciplinaridade e ainda pela transdisciplinaridade. A morte e a vida estão tão interligadas, com fluxos em ambas as direcções que, em último caso, só esse complexo jogo das disciplinas, porventura excedendo-se, virá iluminar.

SALAMANCA Y LA FORMACIÓN DE MÉDICOS PORTUGUESES EN EL SIGLO XVI

Mercedes Grangel*

1. El problema de los judeoconversos en el Estudio salmantino

La existencia de los conversos, más aún que la de los propios judíos según ya advirtiera Domínguez Ortiz, marcó la vida de la sociedad española y fue uno de los rasgos más singulares y significativos de nuestro país durante el Mundo Moderno.¹ Una de las consecuencias del mantenimiento de este nutrido grupo social fue la implantación por parte de los cristianos *viejos* de la exigencia de la “limpieza de sangre”. Aunque con unos orígenes claramente religiosos, pues el pretexto invocado para implantar los estatutos de limpieza fue siempre el salvaguardar la pureza de la fe, acabó siendo una medida de discriminación, una forma más de segregación social. La importancia que el problema tuvo en la vida española se vio potenciada por el establecimiento de la Inquisición y la implantación de estos estatutos de limpieza en órdenes religiosas, cabildos catedrales y capillas, tribunales como el del Santo Oficio, cofradías y hermandades, en tierras forales o para la realización de determinados cargos u oficios.

El antisemitismo que se advierte en la sociedad española del Mundo Moderno, con unos orígenes claramente económicos, condicionó la importancia social de demostrar la condición de cristiano viejo, imprescindible para ocupar ciertos puestos y ascender socialmente. El sentimiento popular, patente en la España del siglo XV, penetró lentamente en muy diversas instituciones, y quedó plasmado en sus estatutos o constituciones.

Teniendo en cuenta el alto nivel intelectual de los judeoconversos españoles y el elevado porcentaje de médicos, boticarios y escribanos de este origen, no puede extrañar que una de las primeras medidas adoptadas por la Inquisición fuese precisamente el intentar cerrarles la puerta de las altas instituciones docentes. En la universidad de Salamanca, en la que centraremos nuestro estudio, a pesar de la tenacidad

de un sector del claustro y del empeño mostrado por algunas autoridades, el problema de la promoción de los conversos a grados y a cátedras se suscitó en más de una ocasión a lo largo del siglo XVI.

La legislación al respecto era clara y tajante: la orden remitida por el Consejo de la Inquisición el 5 de junio de 1509 al claustro salmantino prohibía claramente la admisión de los conversos a oposición o sustitución a cátedras y su promoción a grados en cualquier facultad. Sin embargo años después esta restricción quedaba limitada únicamente para los futuros teólogos. El mandato de Cisneros no era nuevo en el Estudio salmantino: un año antes, y recuperando un antiguo estatuto jurado, el claustro renovaba la decisión de “que ningún tornadizo se admita a oposición de cátedras ni de sustitución”, con la convicción de que el restablecimiento del citado estatuto era “en provecho e honra de la Universidad”.² Claramente se percibe el sentimiento tan común en la sociedad española del Mundo Moderno de que la “pureza” equivalía al “honor”, presentado como el mayor de todos los bienes.³ Las autoridades eclesiásticas, temerosas de que la disposición no se llevase a la práctica, remitieron un nuevo mandato dirigido esta vez a los “cristianos nuevamente convertidos”. Claramente se les advertía de la prohibición de acceder a los grados universitarios y de incorporarse a la más alta institución docente, y se impedía además a los que ya los tuvieran usar de ellos.⁴

Sin embargo, y a pesar de la rotundidad de los mandatos inquisitoriales, el ambiente universitario no era precisamente el más propicio para admitir determinado tipo de restricciones y el ingreso y promoción de judeoconversos continuó de hecho en el estudio salmantino. La carta remitida por Fernando V en octubre de 1509 haciéndose eco de la pretensión de algunos cristianos nuevos de graduarse e incorporarse en esta universidad, constituyó una nueva llamada de atención a las autoridades académicas, a las que al tiempo que se solicitaba información

detallada de lo sucedido, se les ordenaba no acceder a esas pretensiones: “entretanto que se vos enbía a desir lo que en ello aveys de faser, sobreseed en faser lo susodicho e non fagades ende al”.⁵

La realidad fue que esta posición radical cedió paso a otra más tolerante y facilitó que las comentadas órdenes quedasen poco menos que relegadas al olvido. La presión de los “tornadizos” en el claustro salmantino y la dependencia de los ingresos provenientes de los alumnos judeoconversos, motivó la permisividad de la universidad que, con el más amplio criterio, continuaba admitiendo a estos alumnos en sus aulas. Prueba del escaso interés de las autoridades por este tema es el hecho de que no aparezca abordado en ninguno de los Estatutos promulgados a lo largo del siglo XVI: ni los realizados bajo el rectorado de Pérez Oliva en 1529, ni los posteriores de 1538, los de Covarrubias de 1561 o los de Zúñiga de 1594.⁶

Bajo los reinados de Carlos V y Felipe II las cosas comienzan a adquirir matiz bien distinto: las preocupaciones por la limpieza de sangre pasan a primer plano a la vez que cambian de carácter. Si bajo el reinado de Fernando el Católico los conversos de buena fe acabaron encontrando abiertas todas las puertas (baste aquí citar como testimonio la carta de felicitación enviada por este monarca a los “nuevamente convertidos doctores de la ciudad de Burgos”), en los años centrales del siglo la situación adquiere otro sesgo: los estatutos se multiplican, comienza a mirarse con desvío a los conversos sin distinción y las condenas por judaísmo son todavía frecuentes. Con todo, el espíritu abierto de las universidades determinó que no se pusieran barreras legales para el acceso a sus aulas. Ni siquiera Cisneros, gran inquisidor del reino, introdujo ninguna cláusula de este tipo al fundar Alcalá.

Esta situación de mayor intransigencia social y religiosa fue hábilmente aprovechada por los colegios mayores, la más importante institución docente después de la universitaria y centro de formación de la burocracia moderna. Frente a la aparente pasividad de la universidad, que durante toda la centuria arrastró sin solventar el problema de la admisión de los cristianos nuevos, los colegios adoptaron desde fecha temprana una postura más radical, imponiendo un control más riguroso y severo a sus aspirantes. En este sentido, las instituciones docentes salmantinas ofrecen un contraste notable entre la tolerancia de la universidad, donde no llegó nunca a establecerse de manera oficial, y el empeño de sus colegios mayores en ser considerados como los más puntillosos en materia de probanzas de limpieza. La importancia que progresivamente adquirirá el estatuto de limpieza de sangre en los colegios, en detrimento de otras condiciones como las económicas (recordemos que estas instituciones surgen como instrumento de ayuda

al alumno menesteroso), se debe a que representaba una carta de presentación de linaje intachable, imprescindible para que el colegio mantuviese su honra y prestigio. Dado que los colegios fueron el lugar de donde salían las más altas dignidades eclesiásticas y civiles, fueron los propios colegiales los más activos propagandistas de esta discriminación, que en opinión de Domínguez Ortiz llegó a ser más racial o social que religiosa.⁸ De ahí el que estas instituciones fuesen enormemente celosas en el cumplimiento de esta disposición, celo que, por el contrario, no se advierte en otros asuntos.

Los colegios mayores salmantinos pasaron de ignorar totalmente las cuestiones relativas al genus de sus colegiales a convertirse, como hemos dicho, en sus mayores fiscalizadores. De los cuatro colegios existentes en Salamanca en esta época (San Bartolomé, Oviedo, Cuenca y del Arzobispo), fue el primero de los citados el pionero a la hora de instaurar este requisito, que aparece estipulado con claridad en unos estatutos sin fecha al parecer de principios del siglo XVI.⁹ La exigencia de que ningún colegial fuese elegido sin que antes se realizase “pesquisa de su linaje” muy pronto fue asumida por los otros colegios. Así, en el Colegio de Cuenca la encontramos de forma rudimentaria en sus primitivas Constituciones, para aparecer poco después perfectamente desarrollada como una de las exigencias más estrictas.¹⁰ De esta manera, a medida que avanza el siglo XVI en el catálogo de impedimentos para acceder a cualquier colegio queda establecido con curiosa unanimidad el veto para los descendientes de moros, judíos y los penitenciados por la Inquisición. Precisamente, y como ha señalado Carabias Torres, las características más significativas de estas instituciones fueron la minuciosidad con la que se realizaron las informaciones de limpieza de sangre de los aspirantes y el valor que adquirió en el seno de la sociedad española el haber sido colegial mayor en relación a los cargos que requerían ese estatuto.¹¹

Los estatutos de limpieza de sangre implantados en los colegios mayores desataron paralelamente nuevas polémicas en la universidad de Salamanca. Sin embargo, el temor a quedarse sin escolares en un momento en que gran parte de los alumnos eran marranos portugueses, determinó una fuerte resistencia a llevar a la práctica las disposiciones existentes. Sólo ante el riesgo que supuso la “fiebre erasmista” se intentó implantar esa exigencia para la obtención de grados en la Facultad de Teología, a imitación de lo que, por idénticos motivos, se había dispuesto en Alcalá.

Así, en 1562 se planteó el problema en uno de los claustros: el rector, Antonio Manrique, propuso entre otras reformas el que “ninguno que viniese de raza de judío se pudiese graduar en esa Universidad de licenciado ni de maestro en la facultad de teología”.

De nuevo las presiones ejercidas por un grupo de claustrales lograron detener una decisión que había sido aprobada por la mayoría, acordándose que “por agora el dicho estatuto no se hiciese sino que se suspendiese”.¹² El asunto quedaba pendiente hasta que fue de nuevo planteado en abril de 1566. En esta ocasión la propuesta de reforma que propuso el rector fue mucho más lejos, pues ampliaba la exigencia a todas las facultades, a fin de conseguir que “ninguno se pueda graduar por esta universidad sin que

primero se le haga información ansí de limpieza de linaje”. Este requisito habría de ser también exigido a los que quisieran ser rectores. Obviamente la propuesta desató aún más protestas que las suscitadas cuatro años antes y aún contando con el apoyo de la mayoría de los claustrales los contrarios lograron una vez más detener la reforma.

La polémica desatada en el seno de la universidad obligó a Felipe II a enviar al Obispo de Ciudad Rodrigo, Diego de Simancas, con la misión de velar por el cumplimiento de las medidas de reforma acordadas en los nuevos estatutos y recabar información sobre “todo lo que se refiere al nuevo estatuto que parece ha hecho la universidad en claustro para que ninguno se pueda graduar en ella de licenciado ni maestro en teología sin que haga información de su limpieza linaje y legitimidad de su persona”.¹³ La prohibición clara y tajante de implantar el citado estatuto era otra de las órdenes con que llegó Diego de Simancas a la capital salmantina. Meses después el claustro recibía la prohibición real de llevar a cabo la deseada reforma.

Después de los episodios más arriba comentados llegó como recordatorio un mandato de la Inquisición prohibiendo a cualquier miembro del estudio salmantino “tratar ni disputar en ninguna manera pública ni secretamente ni en sermones ni en otra manera alguna por vía de disputa” de la exclusión o no exclusión de los conversos de los colegios, universidades y otras congregaciones religiosas.¹⁴ El tema, sin embargo, no quedó en modo alguno zanjado: el cabildo y los colegios mayores mantuvieron el cerco y acoso a los cristianos nuevos.

Por el enorme interés de la abundante documentación conservada en el Archivo Universitario de Salamanca, nos detendremos en analizar las caracterís-



ticas de las probanzas realizadas en los colegios mayores salmantinos y el perfil que presentaba el aspirante a colegial.¹⁵

Un hecho llama en primer lugar nuestra atención: la ausencia de colegiales médicos en los cuatro colegios salmantinos. Como es sabido, las Constituciones de todos estos centros establecían el número de becas a cubrir por colegiales de las distintas facultades. En Salamanca, únicamente el de Cuenca y el del Arzobispo debían contar, según lo estipulado por sus fundadores, con médicos entre sus colegiales. Así, las Constituciones dictadas por su fundador, Diego Ramírez de Villaescusa, en 1535 para el Colegio de Cuenca establecen que de las 20 becas de colegiales dos habrían de ser para escolares médicos.¹⁶ Lo mismo podemos decir para el del Arzobispo, que según lo dispuesto en las constituciones de 1539 de los 22 colegiales con que contaba, dos becas estaban reservadas para médicos.¹⁷ Sin embargo, ninguna de las dos instituciones tuvo a lo largo del siglo XVI escolares médicos. Desde fecha temprana se generalizó la costumbre de asistir a una facultad para la que no se tenía la beca. El hecho iniciado en el Colegio de San Bartolomé por los colegiales que disfrutando de una beca para cánones preferían estudiar leyes, fue prontamente imitado por las otras instituciones. El flujo de una facultad a otra respondía, obviamente, a intereses tanto económicos como sociales: la creciente burocratización del estado moderno determinó que desde fecha temprana fueran los estudios de leyes los más solicitados, en detrimento de los de medicina.¹⁸ Así en el de Cuenca las becas reservadas para escolares médicos fueron prontamente acaparadas por los juristas. Con el paso del tiempo, los colegiales, amparándose en la

necesidad de actualizar sus constituciones primitivas, redactaron nuevos estatutos o pidieron permiso al papa para reconvertir estas becas. Únicamente hubo en todo el siglo un escolar médico con beca de colegial y, paradójicamente, en el de Oviedo que no contemplaba becas para estos estudios. Se trató de Juan Pérez de Mondragón, elegido para esa plaza por el fundador del colegio en 1524.

Varias razones podemos aducir para explicar el porqué de esta situación. La primera causa es sin duda el menor interés mostrado por los que decidían cursar estudios superiores a la hora de matricularse en la facultad de medicina. En efecto, el auge y potenciación de otros saberes como los de leyes fue parejo a una paulatina disminución de los interesados en una formación médica. La razón, ya lo hemos comentado, fue sin duda de tipo social y económico: los estudios de derecho permitían ocupar puestos y cargos en la administración mejor remunerados y, lo que era muy importante, de una mayor consideración y prestigio social. La expansión de la monarquía española y su creciente burocratización exigía de las universidades cada vez más letrados, lo que determinó el auge de estos estudios. A partir de 1600 el control de esta jerarquía por parte de graduados en los colegios determinó que éstos se convirtieran en escuelas de formación de los funcionarios de la corona.¹⁹

Otra de los motivos fue el endurecimiento que supuso la Pragmática de 1563 al exigir el “examen de medicina” para la obtención del grado de bachiller: en nuestra universidad la realización del este examen supuso, como ha puesto de manifiesto Teresa Santander, una disminución del número de oyentes.²⁰ Para solucionar la situación, y tras ser debatida en el claustro, la universidad decidió solicitar al Rey que eximiese a los escolares salmantinos de la realización de dicho examen y redujese a uno el año de prácticas. La petición se desestimó y los exámenes continuaron celebrándose. De nuevo en 1580 la situación se planteó en un claustro: la mayor duración de los estudios médicos y la inexistencia de “premios” para los que desearan cursar estos estudios sería la causa de que los escolares se dedicasen a otros estudios. Como solución se propuso que “en el colegio trilingüe se admitan y pongan dos prebendas de la dicha facultad”, en los menores que se fundaren se estableciese lo mismo y se solicitase al Rey las provisiones para que en los mayores que tengan instituida alguna beca para estos colegiales se cubra.²¹ En esta ocasión la triple petición fue atendida,²² aunque de poco sirvió a la larga, pues la universidad no consiguió incentivar la matrícula en medicina por la vía de los colegios mayores.

El endurecimiento de los exámenes para la obtención del grado de bachiller, motivó también que durante la segunda mitad del siglo fuesen frecuentes

las denuncias originadas por el traslado de escolares médicos a otras universidades, buscando lograr con mayor facilidad el grado de bachiller. El hecho motivó que en alguna de sus reuniones las Cortes abordasen el asunto de aquéllos que, “sin haver estudiado Medicina salen de los Estudios e se van a otros, e con informaciones falsas que tienen los cursos, que se requiere, les dan el grado de bachilleres, e con esto se van a curar”.²³

La tercera de las razones clásicamente aducidas para explicar el menor interés hacia la titulación en medicina cabe atribuirla a encontrarse esta profesión tradicionalmente ejercida en buena parte de sus miembros por judíos y cristianos nuevos. En opinión de Domínguez Ortiz hasta bien entrado el siglo XVIII hubo una cierta repugnancia entre los miembros de las clases superiores hacia la práctica de esta profesión, lo que explicaría también el escaso relieve social del médico comparado con el del legista.²⁴ Así, cuando en 1608 Pablo V accedió, a petición de los colegiales, a dar las dos becas reservadas para médicos a los juristas, se justificaba la solicitud por “no convenir a la dignidad y estimación” de la institución la presencia de estos profesionales por no haberlos en el resto de los colegios salmantinos.²⁵ En el estudio salmantino, el elevado número de alumnos portugueses, cerca de la cuarta parte de los matriculados en medicina, refuerza la tesis de la condición judaizante de los futuros médicos. Este hecho es una realidad admitida por todos los historiadores y resulta muy esclarecedor para comprender la posición de los estudiantes de medicina frente a los colegios mayores. Es evidente que el miedo a descubrir una condición familiar tan perseguida en la sociedad española de la época retrajo a posibles aspirantes ante la minuciosidad de las informaciones que se realizaban antes de seleccionar a los nuevos colegiales.

¿Qué tipo de probanzas realizaban los colegios para ahuyentar de esa manera a los futuros colegiales? Como es sabido la realización de estas informaciones era un requisito imprescindible para la provisión de una beca de colegial. Como únicamente podían acceder a ellas aquéllos que reunieran ciertos requisitos era ineludible esta pesquisa previa. Los documentos que actualmente se conservan constituyen una fuente de primer orden para valorar la importancia que con el paso del tiempo va adquiriendo la necesidad de acreditar la condición de cristiano viejo. La revisión de estos expedientes muestra cómo de una rutinaria información de escasa extensión se pasa, en el transcurso de la centuria, a una minuciosa y exhaustiva pesquisa que se traduce en un voluminoso expediente.²⁶ Sala Balust reproduce en su colección documental el interrogatorio que debía practicarse a los testigos e informadores de la villa o lugar de procedencia del opositor acerca del linaje de

la familia, la situación económica y las condiciones físicas, morales y académicas del aspirante al Colegio de San Bartolomé.²⁷

El interrogatorio, realizado bajo juramento, se dirigía a informarse sobre el interesado y el linaje de sus padres, su condición de hijo legítimo, y acerca de la ausencia de procesos inquisitoriales o de otros tribunales entre sus antepasados, siempre en la doble línea paterna y materna. Otras preguntas incidían sobre la personalidad del solicitante, así su situación civil (desposado o con votos en alguna orden religiosa), la ausencia de enfermedades contagiosas (bubas o lepra fundamentalmente) o sobre la solvencia económica de él y de sus padres. Finalmente se preguntaba por el grado de conocimiento público que en la opinión del testigo se tenía de todos estos hechos. Se trataba de 12 ó 13 preguntas numeradas que se enunciaban al comienzo del proceso y que los testigos respondían en ese orden. Aun cuando con frecuencia en los expedientes el testigo reconoce su desconocimiento de algunos de los asuntos sobre los que se le interroga y en otros casos el cuestionario se reduce a seis o siete preguntas, no por ello deja de resultar muy minucioso. Sobre todo si se tiene en cuenta que los testigos eran muy numerosos y de distinta procedencia geográfica, con lo que la posibilidad de ocultar un origen infamante era prácticamente nula.



Los colegios, en su celo por cumplir con exactitud y minuciosidad esta disposición, terminaron por designar entre sus propios colegiales a los informadores, misión que venían cumpliendo personas nombradas por la universidad o el cabildo. El

primero en adoptar esta resolución fue el del Arzobispo en 1538, ejemplo prontamente seguido por el resto de los colegios. La carta de poder y una copia de la provisión real que obligaba a cualquier persona a responder como testigo si era requerido, constituían las credenciales con que se proveía al colegial que había de realizar las informaciones.

En consecuencia, los aspirantes a médicos se vieron obligados a nutrir el grupo de estudiantes manteístas que constituían el 90% del total de escolares de las aulas salmantinas durante el siglo XVI.

En los primeros capítulos de sus *Discursos medicinales*, uno de estos manteístas, el médico portugués Juan Méndez Nieto describió su propia vida en la ciudad del Tormes durante la década de 1550 a 1560.²⁸ Al margen de lo que en su obra puede haber de ficción no hay duda que reflejó con una exactitud ejemplar la situación de los estudiantes de medicina en la práctica impedidos de entrar en el restringido reducto de los colegios mayores. Su linaje, como el de tantos otros compañeros, cuando menos sospechoso, las relaciones con los estamentos privilegiados limitadas a sus visitas profesionales acompañando a los catedráticos, el alojamiento en viviendas particulares, junto a otras noticias como la mayor cotización de los libros de leyes frente a los textos médicos o la escasez de bibliotecas con libros de medicina son algunos de los testimonios que advierten del muy diferente nivel en que, fuera de los colegios mayores, los estudiantes de medicina completaron su formación.

2. Escolares médicos portugueses

Como hemos señalado, el número de alumnos portugueses matriculados en las distintas facultades de la Universidad de Salamanca fue tradicionalmente muy elevado. Esta presencia, como se verá a continuación, fue aún mayor en la Facultad de Medicina. La información contenida en los Libros de Matrícula permite conocer el número y procedencia de los escolares médicos desde el curso 1546-1547.²⁹ Aunque desde 1538 los estatutos del estudio salmantino establecían la necesidad de hacer constar en estos libros no sólo el nombre y apellidos del alumno y el curso en que se matriculaba, sino también su lugar de procedencia, hasta 1561 la exigencia no se cumplió. En los libros de cursos anteriores los datos consignados solían reducirse al nombre, curso y Facultad en la que se matriculaba el alumno y sólo en algunos casos se hacía constar el lugar o región de procedencia. El encargado de recoger esta información era el Secretario del Estudio, que recibía el libro correspondiente de manos del rector al comenzar cada curso.

El incumplimiento de esta exigencia determinó que los Estatutos elaborados por Diego de Cobarrubias y

sancionados por Felipe II en 1561 establecieran una multa de un ducado por cada vez que se omitieran estos datos en los registros. A partir de este momento será norma general incluir la información correspondiente al lugar de nacimiento de todos los escolares.

Estas lagunas informativas en los Libros de Matrícula determinan que de 935 escolares médicos desconozcamos su lugar, región o diócesis de procedencia. Si tenemos en cuenta que en la Facultad de Medicina se matricularon 3.459 alumnos en el periodo comprendido entre el curso 1546-47 y el curso 1559-1600, el porcentaje de los que no sabemos ni siquiera su nacionalidad representa el 27,03 %.

El primer hecho que hemos constatado es el elevado número de aspirantes a médicos de este origen: un total de 616 escolares médicos eran portugueses, lo que representa el 24,57% de los alumnos de los que se conoce su lugar de procedencia. Sin embargo de 20 de ellos sólo sabemos su nacionalidad, al haber realizado sus estudios médicos con anterioridad a la promulgación de los Estatutos de 1561. El número es ciertamente elevado si se compara con el del resto de alumnos extranjeros: en este periodo cursaron Medicina en Salamanca: cuatro franceses, tres belgas, tres italianos, dos ingleses y dos irlandeses.

Tradicionalmente la proporción de alumnos portugueses fue mucho mayor en Medicina que en el resto de las Facultades del Estudio salmantino. Según Sala Balust, la presencia lusitana representó el quince por ciento del total de alumnos de la Universidad en el siglo XVI. Como se desprende, una proporción en gran medida determinada por el elevado volumen de alumnos de este origen matriculados en la Facultad de Medicina.

Como hemos señalado, a partir de 1561 los libros de matrícula recogen tanto el lugar de nacimiento, como la región y diócesis a que pertenecía esa localidad.³⁰ Esto nos ha permitido analizar las diócesis y localidades que proporcionaron el mayor número de alumnos de medicina al estudio salmantino a lo largo de este periodo. Como en otros países, la división administrativa del reino de Portugal en provincias (también llamadas comarcas) no se correspondía con la establecida por la Iglesia en diócesis. Así, en el siglo XVI Portugal estaba dividido en seis provincias: Entre-Douro-e-Minho; Trás-os-Montes, Beira, Estremadura, Alentejo y o Algarve. Por su parte, la organización eclesiástica establecía la división del reino en las siguientes diócesis: Braga, Porto, Lamego, Viseu, Coimbra, Guarda, Lisboa, Évora y Silves. En el periodo que nos ocupa se crearon nuevos obispados en Miranda do Douro y Leiria (1545), Portalegre (1549) y Elvas (1570).

El hecho de que la demarcación establecida por la Iglesia se utilizara con frecuencia a efectos civiles, ha determinado que en nuestro estudio sigamos

preferentemente esta división a la hora de analizar la procedencia de los alumnos portugueses que realizaron estudios médicos en la Universidad de Salamanca en el siglo XVI. La distribución de los escolares médicos portugueses por diócesis es la que sigue:

Diócesis de Évora: 125 escolares
 Diócesis de Lisboa: 96 escolares
 Diócesis de Guarda: 71 escolares
 Diócesis de Elvas: 59 escolares
 Diócesis de Braga: 52 escolares
 Diócesis de Miranda do Douro: 50 escolares
 Diócesis de Lamego: 33 escolares
 Diócesis de Viseu: 27 escolares
 Diócesis de Portalegre: 22 escolares
 Diócesis de Coimbra: 20 escolares
 Diócesis de Porto: 15 escolares
 Diócesis de Silves [Faro]: 14 escolares
 Diócesis de Angra (islas Azores): 3 escolares
 Diócesis de Funchal: 2 escolares
 Otras: 27 escolares

La diócesis que proporcionó el mayor número de escolares fue la de Évora, con un total de 125 alumnos. Esta diócesis comprendía buena parte de la comarca del Alentejo, región que mantuvo una elevada presencia lusitana en el estudio salmantino. En concreto las ciudades de Evora (lugar de origen de 22 escolares), Vila Viçosa (con 15 estudiantes cada una), Beja (de donde fueron naturales 14 escolares) o Estremoz con 12 fueron las que proporcionaron el mayor número de alumnos. La creación de dos nuevas diócesis en Portalegre (1549) y Elvas (1570) supuso una disminución del número de escolares procedentes de la primitiva diócesis de Évora.

Un total de 96 escolares procedían de la diócesis de Lisboa. La mayor parte de ellos (en concreto 71), eran naturales de la capital lusa, la ciudad que proporcionó el mayor número de alumnos médicos durante el periodo estudiado. Del resto de las poblaciones pertenecientes a esta diócesis, únicamente la localidad de Santarém superó la cifra de diez escolares. A la diócesis de Guarda (la más próxima a la capital salmantina) pertenecieron un total de 71 estudiantes. No deja de sorprender el elevado número de escolares (20 en total) naturales de Covilha, cifra muy superior a la que tuvo la propia sede episcopal. La ciudad de Guarda proporcionó el mismo número de alumnos (ocho en todo el periodo) que la localidad de Celorico. A esta diócesis pertenece la ciudad de Castelo Branco, lugar de nacimiento de siete escolares en el periodo estudiado.

La diócesis de Elvas (creada como ya se ha indicado en 1570) ocupó un lugar destacado en lo que a la presencia de escolares se refiere. La mayor parte de los 59 alumnos de esta diócesis procedían de las localidades de Campo Maior (lugar de origen de 21 alumnos), Fronteira, la propia ciudad de Elvas y Veiros.

Por su parte, la diócesis de Braga fue el lugar de

origen de 52 escolares. Sin embargo, la dispersión de los alumnos fue en este caso muy acusada: únicamente cuatro poblaciones de las 20 que proporcionaron escolares médicos al estudio salmantino, superaron la cifra de cinco alumnos. Una dispersión similar se registró en la diócesis de Miranda do Douro. Sólo las localidades de Bragança (lugar de origen de 25 escolares) y de Miranda (con nueve escolares) superaron la cifra de cinco alumnos en este periodo.

El mismo fenómeno de dispersión comentado para las diócesis de Braga y de Miranda do Douro se dio en la de Lamego.³¹ Por el contrario, la situación fue muy diferente en la diócesis de Viseu: Los aspirantes a médicos que se desplazaron hasta Salamanca procedían en su gran mayoría de las localidades de Trancoso (lugar de origen de 12 escolares) y de la propia sede episcopal, de donde eran naturales 11 alumnos. Una concentración similar se dio en la diócesis de Portalegre. Los 22 escolares naturales de ella procedían de las ciudades de Castelo de Vide, Nisa y, fundamentalmente de la propia sede episcopal.

Resulta llamativa la situación de otras diócesis y ciudades portuguesas. El escaso número de alumnos procedentes de las diócesis de Coimbra (sólo 20 escolares en todo el periodo) o de Porto (15

estudiantes) no se corresponde con el peso demográfico que ambas tuvieron en este periodo. Parece evidente que la existencia de un centro universitario en la ciudad de Coimbra fue la causa de la reducida representación de escolares lusos de estas diócesis en el estudio salmantino. Por lo que al resto de las diócesis se refiere (Silves en Faro, Angra en las islas Azores y Funchal en la de Madeira), resulta evidente que su lejanía con la capital salmantina determinó el escaso número de escolares de este origen.

En lo que al número de escolares portugueses de ascendencia judía se refiere, cabe suponer que fue muy elevado. Sin embargo, la resistencia de las autoridades académicas a implantar los estatutos de limpieza nos impide analizar una realidad tradicionalmente aceptada por todos los historiadores.

* *Professora da Faculdade de Medicina da Universidade de Salamanca*

APÊNDICE

PROCEDENCIA DE ESCOLARES MÉDICOS POR DIÓCESIS

Dióc. de BRAGA

- Barcelos, Minho: 2
- Braga, Minho: 1
- Caminha, Minho: 3
- Carrazedo, Minho: 1
- Constantim, Trás-os-Montes e Alto Douro: 1
- Chaves, Trás-os-Montes e Alto Douro: 5
- Freixo de Espada à Cinta, Trás-os-Montes e Alto Douro: 7
- Guimarães, Minho: 3
- Monção, Minho: 1
- Murça, Trás-os-Montes e Alto Douro: 1
- Ponte da Barca, Minho: 1
- Ponte de Lima, Minho: 1
- Ribalonga, Trás-os-Montes e Alto Douro: 2
- Santiago de la Gadaña: 1
- Torre de Moncorvo, Trás-os-Montes e Alto Douro: 5
- Valença do Minho, Minho: 1
- Viana do Castelo, Minho: 2
- Vila Flor, Trás-os-Montes e Alto Douro: 3
- Vila Nova, Minho: 1
- Vila Real, Trás-os-Montes e Alto Douro: 10

Dióc. de COIMBRA

- Aveiro, Beira Litoral: 2
- Beco, Beira Litoral: 2
- Bemposta, Beira Litoral: 1
- Coimbra, Beira Litoral: 6
- Gouveia, Beira Alta: 1
- Leiria, Beira Litoral: 1
- Linhares, Beira Litoral: 1
- Montemor-o-Velho, Beira Litoral: 2
- Mortágua, Beira Alta: 1

Dióc. de COIMBRA (cont.)

- San Paio de Govea, Beira Alta: 1
- Seia, Beira Alta: 1
- Sepins, Beira Litoral: 1

Dióc. de ELVAS

- Alandroal, Alto Alentejo: 1
- Alter do Chão, Alto Alentejo: 3
- Cabeço de Vide, Alto Alentejo: 2
- Campo Maior, Alto Alentejo: 21
- Elvas, Alto Alentejo: 10
- Fronteira, Alto Alentejo: 11
- Monforte, Alto Alentejo: 4
- Veiros, Alto Alentejo: 7

Dióc. de ÉVORA

- Alcácer do Sal, Baixo Alentejo: 2
- Aljustrel, Baixo Alentejo: 1
- Alvito, Baixo Alentejo: 2
- Arronches, Alto Alentejo: 3
- Avis, Alto Alentejo: 6
- Beja, Baixo Alentejo: 14
- Borba, Alto Alentejo: 3
- Castro Verde, Baixo Alentejo: 1
- Colos, Baixo Alentejo: 1
- Coruche, Ribatejo: 2
- Estremoz, Alto Alentejo: 12
- Évora, Alto Alentejo: 22
- Medeyros: 1
- Mértola, Baixo Alentejo: 1
- Monsaraz, Alto Alentejo: 1
- Montemor-o-Novo [Montemayor], Baixo Alentejo: 5
- Mora, Alto Alentejo: 7
- Moura, Baixo Alentejo: 3
- Mourão, Alto Alentejo: 1
- Portel, Alto Alentejo: 3
- Serpa, Baixo Alentejo: 4

Dióc. de ÉVORA (cont.)

- Sousel, Alto Alentejo: 4
- Torrão, Baixo Alentejo: 3
- Viana do Alentejo, Alto Alentejo: 1
- Vidigueira, Baixo Alentejo: 5
- Vila de Frades, Baixo Alentejo: 1
- Vila Ruiva, Baixo Alentejo: 1
- Vila Viçosa, Alto Alentejo: 15

Dióc. de FARO

- Algarve: 1
- Albufeira, Algarve: 1
- Lagos, Algarve: 3
- Faro, dióc.: 1
- Tavira, Algarve: 7
- Vila Nova de Cacela, Algarve: 1

Dióc. de GUARDA

- Abrantes, Ribatejo: 5
- Alcaide, Beira Baixa: 1
- Aldea Nova das Donas: 1
- Alpedrinha, Beira Baixa: 1
- Baraçal, Beira Alta: 1
- Castelo Branco, Beira Baixa: 7
- Celorico da Beira, Beira Alta: 8
- Covilhã, Beira Baixa: 20
- Famalicão, Beira Alta: 1
- Fundão, Beira Baixa: 7
- Guarda, Beira Alta: 8
- Penamacor, Beira Alta: 7
- San Vicente da Beira, Beira Baixa: 1
- Sardoal, Ribatejo: 1
- Teixeira, Beira Baixa: 2

Dióc. de LAMEGO

- A.de Barros, Beira Alta: 1

Dióc. de LAMEGO (cont.)

- Alfaiates, Beira Alta: 1
- Almendra, Portugal: 3
- Almofala, Beira Alta: 1
- Castro Daire, Beira Alta: 2
- Escarigo, Beira Alta: 5
- Figueira, Beira Litoral: 1
- Freixeda, Trás-os-Montes e Alto Douro: 1
- Lamego, Trás-os-Montes e Alto Douro: 10
- Marialva, Minho: 3
- Mondim, Trás-os-Montes e Alto Douro: 1
- Muxagata, Trás-os-Montes e Alto Douro: 1
- Nave de Haver, Beira Alta: 1
- Sabugal, Beira Alta: 1
- Vidigal, Trás-os-Montes e Alto Douro: 1

Dióc. de LISBOA

- Alcobaça, Extremadura: 1
- Alenquer, Extremadura: 1
- Golegã, Ribatejo: 3 -Lisboa: 71
- Santarém, Ribatejo: 11
- Sesimbra, Estremadura: 2
- Setúbal, Estremadura: 4
- Tancos, Ribatejo: 3

Dióc. de MIRANDA DO DOURO

- Agrochão, Minho: 1
- Azinhoso, Trás-os-Montes e Alto Douro: 2
- Bragança, Trás-os-Montes e Alto Douro: 25

- Carção, Trás-os-Montes e Alto Douro: 1
- Castro, Trás-os-Montes e Alto Douro: 1
- Frieira, Trás-os-Montes e Alto Douro: 1
- Lebução, Trás-os-Montes e Alto Douro: 1
- Miranda do Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro: 9
- Mirandela, Trás-os-Montes e Alto Douro: 2

Dióc. de MIRANDA DO DOURO (cont.)

- Piqueto: 1
- Quintela, Portugal: 1
- Sandim, Trás-os-Montes e Alto Douro: 1
- Vilar Chão, Trás-os-Montes e Alto Douro: 1
- Vinhais, Trás-os-Montes e Alto Douro: 3

Dióc. de PORTALEGRE

- Castelo de Vide, Alto Alentejo: 4
- Nisa, Alto Alentejo: 3
- Portalegre, Alto Alentejo: 15

Dióc. de PORTO

- Arrifana de Sosa, Douro Litoral: 1
- Mesão Frio, Trás-os-Montes e Alto Douro: 1
- Porto, Douro Litoral: 12
- Vilar, Douro Litoral: 1

Dióc. de VISEU

- Dardavaz, Beira Alta: 1
- Insua, Beira Alta: 1
- Pinhel, Beira Alta: 2
- Trancoso, Beira Alta: 12
- Viseu, Beira Alta: 11

ISLAS AZORES

- Angra: 1
- San Miguel, isla de las Azores: 2
- Funchal, dióc.: 1
- Madeira, isla: 1

OTROS

- Arouca, Portugal: 1
- Goa, Índias de Portugal: 1

NULLIUS DIOEC.

- Belver, Portugal, nullius dioec.: 1
- Crato, Alto Alentejo, nullius dioec.: 1
- Tomar, Ribatejo, nullius dioec.: 3

PORTUGUÉS: 20

Notas

- 1- A. Domínguez Ortiz, *Los Judeoconversos en España y América*, Madrid, Istmo, 1971, p.13.
- 2- V. Beltrán de Heredia, *Cartulario de la Universidad de Salamanca. La Universidad en el siglo de Oro*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1970, II: 333-34.
- 3- Cf. J. Caro Baroja, *Los judíos en la España Moderna y Contemporánea*, Madrid, Arion, 1961, II: 304 ss.
- 4- V. Beltrán de Heredia, *Ob.cit.*, 11: 335.
- 5- Citado por E. Esperabé Arteaga, *Historia pragmática e interna de la Universidad de Salamanca*, Salamanca, 1914, I: 364-65.
- 6- Existen ediciones recientes de los Estatutos de 1529 y de 1594. Cf. J.L. Fuertes Herrero, *Estatutos de la Universidad de Salamanca, 1529. Mandato de Pérez Oliva, rector*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1984 y F.J. Alejo Montes, *La reforma de la Universidad de Salamanca a finales del s. XVI: los Estatutos de 1594*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1990.
- 7- Cf. la Cédula real firmada por el rey Fernando el 7 de noviembre de 1514. Citado por V. Beltrán de Heredia, *Ob.cit.*, II: 393-94.
- 8- A. Domínguez Ortiz, *La clase social de los conversos en Castilla en la Edad Moderna*, Madrid, C.S.I.C., 1955, p. 57-58.
- 9- Su editor da como probable la fecha de 1536. Cf. B. Delgado, *El Colegio de San Bartolomé de Salamanca. Privilegios, bienes, pleitos, deudas y catálogo biográfico de colegiales según un manuscrito de principios del XVII*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1986.
- 10- A. M^a Carabias Torres, *El Colegio Mayor de Cuenca en el siglo XVI: estudio institucional*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1983, p.104.
- 11- *Ibidem*, p. 23.
- 12- V. Beltrán de Heredia, *Ob.cit.*, II: 336-37.
- 13- E. Esperabé Arteaga, *Ob.cit.*, 1: 517.
- 14- V. Beltrán de Heredia, *Ob.cit.*, 11: 338.
- 15- Los expedientes se encuentran en el Archivo Universitario, reunidos en 33 libros que corresponden a cada uno de los colegios y abarcan un periodo que se inicia en 1505 para el colegio de San Bartolomé.
- 16- A. M^a Carabias Torres, *Ob.cit.*, p.96.
- 17- L. Sala Balust, *Constituciones, estatutos y ceremonias de los antiguos colegios seculares de la*

universidad de Salamanca, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1966, IV: 175.

18- Acerca de las carreras científicas cursadas por los colegiales salmantinos cf. A. M^a Carabias Torres, *Colegios Mayores: centros de poder. Los colegios mayores de Salamanca durante el siglo XVI*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1986, p. 489-92 y 884-912.

19- R. Kagan, *Universidad y sociedad en la España Moderna*, Madrid, Tecnos, 1981, p.174-180.

20- T. Santander, *Escolares médicos en Salamanca (Siglo XVI)*, Salamanca, 1984, p.30.

21- V. Beltrán de Heredia, *Ob.cit.*, IV: 339-341.

22- E. Esperabé reproduce las reales provisiones que se dictaron para paliar la situación. Cf. E. Esperabé Arteaga, *Ob.cit.*, I: 571-72.

23- L. S. Granjel, *Los estudios de medicina en Salamanca (Ensayo histórico)*, Salamanca, Real Academia de Medicina de Salamanca, 1989, p.29.

24- A. Domínguez Ortiz, *La clase social de los conversos...*, p.148.

25- M. Villar y Macías, *Historia de Salamanca*, Salamanca, Librería Cervantes, 1974 [edición facsimilar], VI: 11415.

26- Carabias Torres expone algunas de las razones que determinaron el creciente interés por las cuestiones relativas a la limpieza de sangre de los colegiales salmantinos. A. M^a Carabias Torres, *Colegios Mayores...*, p.834-35.

27- L. Sala Balust, *Ob.cit.*, Salamanca, 1964, III: 135-36.

28- J. Méndez Nieto, *Discursos medicinales*, Salamanca, Universidad de Salamanca. Junta de Castilla y León, 1989.

29- La información que proporciona Teresa Santander en su obra ya citada ha resultado de gran valor en este trabajo.

30- La información relativa a la diócesis a la que pertenecía el escolar únicamente se omite en 27 ocasiones. La mayor parte corresponde a alumnos que cursaron sus estudios con anterioridad a 1561. Sólo en dos escolares se proporciona la información relativa a su lugar de procedencia sin precisar la diócesis a la que ésta pertenecía. En concreto se trata de un estudiante natural de la localidad de Arouca y de otro procedente de Goa, colonia portuguesa situada al SO. de la India.

31- Sólo las localidades de Lamego (ciudad de origen de 10 estudiantes) y de Escarigo superaron la cifra de cinco escolares en el periodo estudiado.

QUATRO ELEMENTOS, REACÇÃO HIPOCRÁTICA, AMATO LUSITANO E “O MÚMIA”

Alfredo Rasteiro*

A Medicina Europeia do século XVI caracterizou-se por um regresso à pureza originária e este movimento cultural, que ficou conhecido por Reacção Hipocrática, permitiu a recuperação possível de textos autênticos de Hipócrates, Galeno e Dioscoridis.

O estranhíssimo «múmia», «*calida in 2. ordine est, styptica, & resolutive*» (Amato), «*q. tã ordinàriame(n)te aplicã los médicos Arabes a diversas enfermedades*» (Laguna), exemplifica a atitude dos autores peninsulares perante os «*Maumetistas bárbaros*» (Garcia d’Orta) e este assunto, aparentemente absurdo, continuará actual, enquanto o desprezo pela vida alheia provocar morticínios, valas comuns e profanações de cemitérios, se utilizarem embriões humanos para fabricar cremes de beleza e se empregarem extractos de tiróide e de hipófise, humanas, em pseudocuras de emagrecimento.

Tomé Pires soube o que era o múmia e desaconselhou-o em 1516. Gil Vicente ignorou-o. Amato Lusitano, Andres Laguna e Garcia d’Orta provavelmente nunca o prescreveram. Fernão Rodrigues Cardoso aceitou-o no *Regimento de preços* de 1589.

Começamos pela Doutrina dos Quatro Elementos. Empédocles de Agrigento (490-435 a.C.) postulou a existência de quatro *princípios* e quatro *qualidades*, opostas duas a duas:

- Água, **Nestis, fria e húmida**;
- Ar, **Aidoneus, quente e húmido**;
- Terra, **Hera, fria e seca**;
- Fogo, **Zeus, quente e seco**.

Hipócrates (460-337 a.C.) relacionou humores e qualidades:

- sangue, **quente e húmido**, - ar;
- flegma, **fria e húmida**, - água;
- bÍlis, **quente e seca**, - fogo;
- atrabilis, **fria e seca**, - terra.

Galeno (130-200) distribuiu as drogas por *propriedades* e insistiu na importância de *semelhantes e contrários*.

Avicena (980-1037): CANON, (al-Qanum), reuniu o saber médico herdado de Hipócrates e Galeno e teve o cuidado de o resumir num cântico à medicina, o «*Poema de la Medicina*», divulgado neste final de século por Najaty Suliman Jabary e Pilar Salamanca Segoviano (Acta Histórico-Médica Vallisoletana, 1997, LI).

A teoria dos Quatro Elementos vigorou durante os dois mil anos que antecederam Robert Boyle (1626-1691) e o seu conceito de *elemento químico*, ponto de partida para a Tabela Periódica de Dmitri Ivanovitch Mendeleev (1834-1907) compatível com espaço, tempo, matéria, antimatéria e simetrias não convencionais dos nossos dias.

Com Galeno, *simples* são drogas relacionadas com um único *elemento*; *compostos*, as restantes, todas elas detentoras de *qualidades e propriedades*.

A qualidade do *simples*, - quente, húmido, frio ou seco - tem quatro graus: 1º, 2º, 3º e 4º grau, de calor, de humidade, de frio ou de secura.

As *propriedades* dos medicamentos, dizem-se *faculdades*.

- a primeira *faculdade* é eficaz numa doença simples;

- a segunda *faculdade* representa acréscimo da actividade terapêutica, como no Caso Clínico relatado na Primeira Centúria, II, em que a ingestão de água curou a sede e eliminou a dor.

- a terceira *faculdade* depende da experiência do médico, por exemplo na Segunda Centúria, XXIII quando Amato sugere que a medicação dos lactantes pode ser veiculada pelo leite materno;

- a quarta *faculdade* relaciona a medicação com o órgão doente (cefálicos, cordiais, pulmonares, gástricos, ... com reflexos nos nossos dias: febrífugos, diuréticos, antiglaucomatosos, antihipertensivos, antiepilépticos, antianémicos, antitússicos,...).

Amato Lusitano (Segunda Centúria, LXXII, 1551) recordou o que Galeno escreveu acerca da actuação e energias dos medicamentos, umas em acto e outras em potência, concluindo: «não é necessário que

outros recomencem estas coisas, porque os homens de hoje tem acesso a doutrina mais sólida».

Até ao século XVIII tudo foi muito misterioso e muito escolástico.

Heródoto (484-420 a. C.) maravilhou-se com as múmias egípcias e registou três formas usuais de embalsamamento a partir da *salmoura* em natrão durante setenta dias, a que se seguia, ou não, clister de óleo de cedro e, em alguns casos, esvaziamento e lavagem das cavidades, aplicação de vinho de palma, mirra e enfaixamento, conforme as posses.

Em 1443, em Fez, os portugueses que velavam o corpo do infante D. Fernando foram intimados pelos mouros: «Manda nosso Senhor que abraaes o corpo do voso Rey e que lhe tirees as tripas e quanto dentro tiver, e que o enchaes de sal e de murta e de louro seco que vos aquy trazemos ... pera estar conservado ataa que o sua gente comprase» (Frei João Alvares (1408?-1490?): *Trautado da vida e feitos do muito virtuoso S.or Ifante dô Fernão*).

Em 27-1-1516 uma carta de Tomé Pires (1465?-1540?), boticário e primeiro Embaixador na China, regista: «...Momja nó he carne domees como em Nosas par tees se vsa ne(m) a mjm me parecee q. a tall carne seca ou tostada das areas tenha o que della cuydamos p. que ha verdadeira (.) he huã humijdade dos corpos mortos (.) desta maneyra (:) (como ho home(m) morre ali(m)pano das tripas e fresura e lança lhe demtro mjrra e aloees e tornãno a coser e meteno assy e(m) sepulcros cõ furacos (.) esta mjestam cõ ha vmjdade do corpo corre e apanhase (.) e este liquor se chama momja (.) qua nom se vsa (Cochim, India.) a que vay a nosas partees vay dos desertos darabia p. via dalexandria (.) as vezes leuã carnes de camelos tostadas p. car nos dome(n)s». Tomé Pires, conclui: «nõ creio q. aproveyte huã majs q. outr^a», ideia retomada por Ambroise Paré (1510-1590): «Discours de la mumie, de la licorne, des venins et de la peste», Paris, 1582 quando condenou «cette mumie qui consiste à faire entrer un autre homme dans le corps».

Durante o século XVI a designação múmia passou do cadáver para o que lhe metiam dentro, do continente para o conteúdo, dos restos humanos preservados para os preservantes.

Garcia d'Orta conhecia o aloes, a mirra e o açafraão (*Crocus sativus*) que entravam nas pílulas dos

«Maumetistas barbaros», desviou-se do assunto em explicações sobre Turcos e Rumes, não acreditou no «aloés metálico de Jerusalém», equiparou o «asfalto» ao «betume judaico», considerou-o de pouco preço e, depois de tratar «Do linaloes», achou-o bom «para brear as naus».

A obra de Dioscórides (40-90), descrição de 600 plantas, 35 produtos de origem animal e 90 minerais com interesse médico, impressa pela primeira vez em

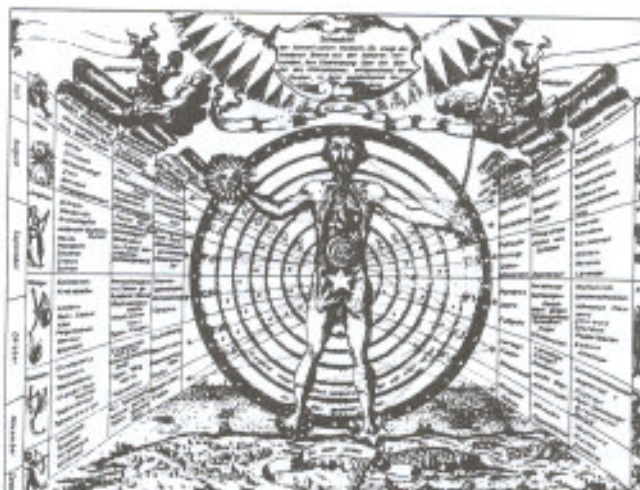
latim, Cole, 1478 e depois em grego, Veneza, 1499, foi comentada em latim renascentista por Amato Lusitano (1511-1568): In *Dioscoridis Anazarbei De Medica Materia*, Veneza, 1553, Lyon, 1558 e será acessível na versão castelhana de Andres Laguna (1499-1563): *Pedacio Dioscorides Anazarbeo, acerca dela Materia Medicial,...*, Antuerpia, 1555, Salamanca, 1586.

Laguna, edição de

1586, pág. 59: «Del Betum que los Griegos llaman Asphalto, Cap. LXXIX - El Betum judaico tiene prerogativa sobre todos los otros, y de aqueste es tenida por muy mejor, aquel que resplandece como la purpurea, y el del pesado, y de muy fuerte olor. Reprueuase el que es negro y suzio...»

- *Del Pissasphalto* - Cap. LXXX - «Llama-se outra especie de betum Pissasphalto, la qual nasce en el territorio de la Velona, que esta junto a Ragusa: y arrebatada de la corriente del rio, baxa de los montes Cer(ua)anos, hasta que la echan las ondas a la ribera; de donde amassada en unos pedaços redondos, la cogen. Tiene el pissasphaito vn olor de pez com betun mesclada...»

- *Del betum llamado Naphta* - Cap. LXXXI - «Outra especie de Asphalto se llama Naphta, la qual es cierto blanco liquor de betum Babylonico, dado que tambien se halla negro. Esta especie tiene tanta virtud de atraher a si el fuego, que aunque este lexos, luego salta en ella la lama. Vale contra cataratas, y contra las blanquezinas nuues, que en los ojos se engendran. Todo betum defiende las partes de inflammacion, suelda, molisca, y resuelve. Reduze a su proprio lugar la madre subida, o salida afuera, y esto aplicado, olido, y administrado en perfume... Embalsamauãse antiguam(n)te los cuerpos muertos de los príncipes y senalados varones en Syria, com Aloe, açafra, myrra y balsamo, la qual costu(m)bre permanece ãn oy dia empero los de los pobres y populares, cõ Pissasphalto, del qual cõficionado en el vie(n)tre



defu(n)cto, cõ el liquor de la carne humana, se hazia y haze la mumia q. tã ordinariame(n)te aplicã los medicos Arabes a diuersas enfermedades. Y dado q. de aq(ue)lla cofectiõ de balsamo y myrra, con la qual se conseruam incorruptos los cuerpos de los grandes Señores, se haga una mumia muy: mas perfecta, que la que consta del Pissasphalto, es toda via de creer; que la tal jamas no viene a nosotros pues ni se venden, ni se pueden tan facilmente robar, los cuerpos embalsamados de personas grandes, y poderosas, como los de otros hombres vulgares. Por donde me persuado, que la mumia verdadera, y legitima, de los Arabes, no diffiere del Pissasphalto, sino en haver sido inficionada de los humores del cuerpo humano...»

As traduções de Amato e de Laguna nem sempre coincidem, capítulo por capítulo. Em Amato *De Bitumine (asphaltus, bitumen iudaicum, vulgo bitume de Judea...)* ocupa a Enarratio LXXXIX, página 118, e *De Pissasphalto (mumie, pex bitume mineral, cera de minera)* será a Enarratio XC, página 120, que leva à margem: «Mumia Arabu(m) apud Diosc. Pissasphaltos est» e ainda, página 122: «Corpore mortuoru(m) pro mumia usurpata. Hominu(m) auaritia quo impudetiæ peruenerit»

- *De Bitumine* - «Olim igitur Syriaci homines, velut Aegyptij, & infimæ plebis Iudæi, bitumine isto, pro seruandis cadaueribus loco pretiosorum medicamentorum, videlicet balsamo, myrrha, aloe, & croco, quibus carebant, utebantur; vt ex Strabone libro XVJ. facil e percipitur. Qua etiam de causa recentiorum nonnulli, bitumen hoc Arabum mumiam esse autum aruntamea tamen sententia Mauritanoru(m) mumia Dioscoridis non est asphaltus, sed pot us pissasphaltos, vt capit segmenti monstramus, habet enim bitumen hoc Iudaicum picis odorem, vt Avicenna scriptum reliquit & experientia ipsa attestatur: de quo Galenus libro XJ. de Facul. simpl. medic. Ita dixit: «Optimum vero bitumen in mari, quod Mortuum vocant, provenit: cuius medicaminis vis est tum reseccatoria tum exsiccatoria in secundo excessu, merito itaq. Utuntur eo ad cruentorum vulnere glutinationem, & ad alia omnia quæ exiccari debent, ceu modica exsiccatione».

- *De Pissasphalto*, página 120, - «... ceperunt Mauritanoru(m) familiae medici eius loco in vsum medicum trahere mumiam hanc, pissasphaltum dictara, quia facillime eam ex cadaueribus infimæ plebis hominum habebant. At postea officinaru(m) mangones auarissimi, & lucri cupidi, non mortuorum cõditura tantum com tenti, ipsorum pulpamenta, pernas, brachia, capita, imo integra corpora, in officinas absq. villo pudore traxerunt. Plectendi igitur sunt, & dira poena cõdemnandi, tanquam malefactores & veri dei contemptores. Qui deinceps corpora mortuoru(m) in tabernis tanquam hominu(m) saluti conuenientia, habuerint, curabu(n)t tamen condita illa aromata ex mortuís corporibus tempore longo in pheretris repositis

habere, quu(m) præcipuè haec sit mumia. Si tamen eam habere non liceat, faltem pissasphaltum verum & naturalem, vel ex cadaueribus extractum, vt habeant solliciti sint, quum multum rei medicae deserviat...»

- «Vires asphalti & picis habet, quæ calida in 2. ordine est, styptica, & resolutive consert abscessibus ex pituita obortis: Opitulatur, fracturis, rupturis, plagis, atq.: ex alto lapsibus factis: Valida est, in epilepsia, & vertigine semidrachmæ pondere cum vino epoca pulcræ euocat menses, resistit omni corruptione, & putrefactioni, in te(m)pore præcipue pestífero; conducibilis admodu(m) est vlceribus, obstructio nibusq.; quibusuis, & humidu(m) remouet, cuius vsus per se expetitur absq. Cõ inge medicina, aut copulat ipsa sulphuri viuo, aut mastichi, & cu(m) aqua vitæ cocleari vulgato exorbetur, medetur eadem febri quartane si aute paroxismi accessione(m) potu exhibeatur.»

O *Auto dos Físicos* (1525 ?) de Gil Vicente (1465?-1537?), retrata a teoria dos Quatro Elementos e a forma como esta doutrina foi aplicada pela Geração de médicos que antecedeu Amato lusitano. Não fala da última doença de D.Manuel, desconhece o mûmia, elogia a Medicina Peninsular sefardita expurgada dos «*Maumetistas bárbaros*» e traça o retrato profissional de quatro médicos e uma «curadeira».

Injustamente apreciado por Carolina Michaelis de Vasconcelos como «*bufonada de franca imoralidade de Carnaval*», surge no período áureo da Reacção Hipocrática, iniciada em Portugal a partir de 1518, da discussão entre Mestre Dionísio e Pierre Brissot, relativamente ao braço de D.Manuel que deveriam sangrar. Venceu a corrente hipocrática representada por Brissot, foi sangrado o braço do lado doente e ficou derrotado o Averroísmo, representado por Dionísio.

O *Auto dos Físicos* poupa a Universidade, então sediada em Lisboa, e não fala no lente da Cadeira Prima de Medicina (1518-1525) D. Agostinho Micas (Miguel), ligado aos Benveniste/Mendes, falecido em 1525, vitimado pela peste, mas refere um *Mestre Nicolau*, possivelmente Nicolau Coronel, feito fidalgo de solar em 6 de Maio de 1499 (Maria José Pimenta Ferro Tavares: *Os Judeus em Portugal no século XV*, 1982), falecido em 1524: «*e Mestre Nicolau quer (e outros) curar a esmo! Ora agora, quero ver*», permitindo uma datação. Além de Nicolau, defunto, são citados os médicos: Gil, Filipe, Fernando, Henriques, Torres e Luis Mendes.

Houve um Gil da Costa, Doutor por Mompilher em 1510, que em 1516 presidiu ao exame de habilitação de Luis Mendes, foi lente de Véspera em 1517 e Cirurgião-mor em 2 de Dezembro de 1518. Sucedeu ao Doutor Micas, foi lente de Prima em 1524 e procurou impedir a transferência da Universidade, em 1537. Faleceu em 1555(?).

Mestre Filipe tem o mesmo nome de um que mais

tarde se fixou em Damasco, que praticara sondagens uretrais com Alderete, em Salamanca, recordado por Amato Lusitano: *Quarta Centúria*, 1553, XIX a propósito de uma conferência médica com Luis Moniz, de Coimbra, Jorge Henrique, de Lisboa, e Manuel Lindo, médico e matemático, levada a efeito em 1535, em Lisboa, tardia em relação ao *Auto dos Físicos*. D. Manuel, político, não dispensava a astrologia judicial e em 29 de Outubro de 1518 mandou que houvesse Cadeira de Astronomia na Universidade de Lisboa e fez dela mercê a Mestre Felipe, substituído em 19 de Outubro de 1521 por Thomaz de Torres, que a leu até a Universidade ser mudada para Coimbra, na época em que Pedro Nunes começou a cultivar a astronomia e rotulou a astrologia de «*superstição quase rejeitada*».

Tomaz de Torres, médico do Arcebispo de Lisboa, começou a ler publicamente nas Escolas Gerais em 8 de Fevereiro de 1518 e obteve licença para tomar o grau de doutor em Medicina em 20 de Dezembro de 1518, depois de aprovado «*nemine discrepante*», na Sé de Lisboa, em textos de Avicena (pleurites) e de uma *articela* (febres pútridas).



Mestre Fernando dificilmente seria o Doutor Fernando, Cirurgião-mor em 1468, que passou cartas de habilitação entre 1471 e 1484.

Mestre *Henrique*, segundo proposta de Américo da Costa Ramalho: *Estudos sobre o século XVI*, 1983, poderia ser o médico Prospero, natural de Trapani, amigo do humanista Cataldo Parisio Sículo, baptizado à força com o nome de Henrique, médico de D. Manuel em 1516, mas poderia tratar-se de Mestre Henrique «colhar», provavelmente oriundo de Cuellar, «a orillas del Duero», que em 16 de Março de 1526 substituiu mestre Gil na Cadeira de Prima e mais tarde concorreu a uma Cadeira de Lógica do Curso de Artes, em 20 de Fevereiro de 1528, juntamente com Garcia d'Orta e outros.

Em 4 de Junho de 1537 este Enrique, de Cuellar, proferirá, em Coimbra, a lição inaugural do novo Curso de Medicina, para os Alunos: Manuel de Torres No-

vas, Diogo Lopes, Manuel Tomaz do Porto, Simão de Figueiró, de Coimbra, Luis Pires, de Évora, e Diogo Fernandes, de Sevilha. Cuellar lerá Hipócrates e comentará Hipócrates e Galeno numa obra: «...*Ad Libros Tres Predictionum Hipocr. Cômmento Etã Gal. Aposito et Exposito*», Coimbra, 1543. Faleceu em 1554.

Os quatro médicos actores poderiam ter pousado para os quatro apóstolos de Albrecht Dürer (1471-1528) que inspiraram Nicola Pende: (*Trattato di Biotipologia Umana*), Milano, 1974 (?):

- Mestre Filipe - Bilioso - «*Ora andar, são paixões ... todo este mundo é canseira.*»

- Mestre Fernando, físico e cirurgião - Sanguíneo - «*qu'é isto? Qu'é isto? ...Sou de palha, eu?*»

- Mestre Anrique - Flegmático - «*Havéis mirado, y bien mirado?*»

- Mestre Torres - Atrabiliário - «*não vejo causa nenhu(m)a pera febre verdadeira.*»

Numa cidade em que o Regimento do Hospital Real determinava, folha 102, que «os imcuravees nam se receberam no dito estprial», estes médicos discutem a «fantasia de (um) clérigo excomungado».

O doente crê que «*Quien tiene amor y pesar, tiene toda enfermedad, que natureza puede dar*» e todos o julgam de perfeita saúde: o Moço dos recados, Blanca Denisa, Brásia Dias, os médicos... No limiar do século XXI acreditamos que nenhum corpo está são quando a alma está doente. No início do século XVI, em 1 de Outubro de 1504, o jovem D. Pedro de Meneses diria que as almas foram criadas para louvar o Criador e que não o podem fazer em corpos doentes, ao encontro de Decimo Júnio Juvenal (60?-122, *Satiras*, X, 356: «*mens sana in corpore sano*».

Blanca Denisa e Brásia Dias permitem jogos de palavras. Blanca, alva e *blanco*, palavra castelhana para alvo, tiro ao alvo. Denisa, feminino de Dioniso, Baco, vinho que entusiasmava frei Diego e Dionísio da controversia entre averroistas e brissotistas.

Brásia, «carvão ardente sem chama» reduzida a múmia, senhora de invejável bom senso, com muito de «*médica e de louca*», sabe que «*arrefeceu o embigo*» e a «*frialdade*» do doente pede «*u(m)a telha quente*» e um «*suadouro de bosta de porco velho*» e «*unto de coelho*», «*incenso*» para o «pousadeiro» e afrodisíacos: «*Sumo de marmelo*», «*favas de Guiné*» (*Fava calabarica*, *Physostima venenosum*), «*guiabelha* (*diabelha*, erva plantago), *pisada c'o fel de ovelha*», «*cadarrão*», «*caramujos*», «*mexilhões*» e «*sumo das vinhas*», antecedentes do «Viagra» do final do século XX, «*que doce é a cura*».

O «arrefeceu o embigo» e o «fel de ovelha» da «curadeira Brásia» permanecem na linguagem de Garcia d'Orta, quarenta anos depois, no «*Coloquio segundo do Aloes*», 1563, folha 9: «...e esfregãlhe o ventre com fel de vaca, e ponlhe pannos molhados nelle sobre o vmbrigo».

Mestre Filipe, primeiro a entrar, leu por cartilha que chegará a Molière: «*Clysterium donare, Postea seignare, Ensuita purgare*», prescreve «*cristel d'água de cevada com farelos*» e «*U(m)a Alface*» que era fria, dava sono, e reprimia o ardor venéreo.

Amato Lusitano encontrou alfaces, *Lactuca sylvestris*, no jardim de Diogo Mendes: «*Nostra sylvestris Lactuca est, quam semel hic Anthuerpiae, in horto nobilis Domini Diodoci Mendi vidi*» (cotado em Maximiano de Lemos: «Amato Lusitano, correcções e aditamentos», 1922, Fl. 45 v.). Manuel de Faria e Sousa explica a acção das alfaces no comentário à Ode IV, de Luis de Camões (1524-1580): «...*Por o moço escolhido, / Onde mays se mostrão as tres Graças, / Que Venus escondido / Para si teve hum tempo entre as alfaças, / Pagou co'a morte fria / A má vida que a muytos já daria ...*» Pura escolástica, a que se aplica o comentário de Garcia d'Orta, «Coloquio.34. das mãgas» (Mangifera indica): «*frias, e humidas isto esta craro cõformandose home(m) cõ os canones de segu(n)do da viçena, e ditos daristotiles no quarto dos metauros, e em outras partes, e porq. eu ando remoto dessas matérias: escolásticas: vos não dou mais rezoeees ...*» e nada de vinho, senão «*agua de rosmaninho*».

Mestre Fernando, que também era físico, ofende-se com o tratamento de «sorlogião» e vem a propósito a ORATIO PRO ROSTRIS de Lucio André de Resende Lusitano, em 1 de Outubro de 1534, e o seu elogio da Medicina de Galeno, dividida em Dietética, que cura com o alimento, Farmácia, que trata com drogas e Cirurgia, que utiliza a mão, censurando os médicos que não estudavam ervas e plantas, que apenas se interessavam com o lucro, rejeitavam a Cirurgia e desprezavam os cirurgiões, considerando-os ignorantes.

Mestre Fernando salta do pulso ao urinol e, na dúvida, se «*Non es bona purgatio*», recorre ao ensalmo (?) «*illa qui incipit trarantram, quia tralarum est*», que começa em «trarantram» e é «tralarum», uma fonia que lembra o início do Evangelho de S. João, a abrir caminho para o Levítico, 7 (23-27), 11(4-42), 17 (10-15) e o Deuterónimo, 14 (7-21): «*Nem a lebre, nem coelho, nem porco, nem cação, congro, lampreia, tubarão não coma de meu conselho, inda qu'estivesse são*», encantamentos e cantilenas dos Asclepiadas que

persistem no «*Agíós, otheos, agios, Pschyros, agios athanathos, hocest Deus acharon, deus immortalis, his enim incantationibus...*» do livro do Doutor João Bravo Chamiço: «*De Medendis Corporis Malis Per Manualem Operationem*», Cap. VII, 23, Coimbra, 1605.

Mestre Anrique valoriza a aceleração do pulso (*tien lebre*), a «*fiebre*» e a sangria, recomenda que «*No coma*», tome «*agoa d'alcanfora*», um «*violado*» e «*un cristel*», para ser aliviado. O «*Rui Barbo*», a «*caña fístola*» e a água de «*borrajas*» seriam úteis.

Finalmente Mestre Torres, preso em discussões universitárias com Mestre Gil e Luis Mendes, versado na astronomia, no «*Leste e Oeste e o Brasil*», na *astrologia judiciária* e no «*ajuntamento dos planetas*», valorizou urinas, pulso, cores e dores nas costas, recomendou dieta e, para não fugir ao assunto, finalizou com água de avenca (*Adiantum capítius-veneris*, *Capilária*).

Há meio século, Alberto Moreira da Rocha Brito (1885-1961), brasileiro de Campinas, professor da Faculdade de Medicina de Coimbra, publicou uma leitura do *Auto dos Físicos* apoiado na Matéria Médica e nas Centúrias de Amato Lusitano, o «*Auto chamado Farsa dos Físicos* com um estudo do Prof. Doutor A. da Rocha Brito e desenhos de João Carlos. Lisboa. 1946» manifestação cultural e sinal da colaboração possível entre alguma indústria farmacêutica portuguesa, de futuro incerto, neste caso os



Laboratórios de Benfica, e médicos portugueses.

Obra belamente ilustrada por João Carlos Celestino Pereira Gomes (1899-1960), artista plástico, escritor de rara sensibilidade e médico formado em 1927, em Coimbra, terá o senão de as ilustrações serem inspiradas no teatro de Jean-Baptiste Poquelin Molière (1622-1673), ao contrário do texto, apoiado em Obras de Amato, que possibilitaram a conclusão: «*apesar de tão pequena, resume o saber médico do tempo. Ali há de tudo e à maneira das histórias clínicas dos nossos dias: diagnósticos, patogenias, etiologias, dietéticas, terapêuticas e até prognósticos*». Homenagem à cultura geral de quase todos os médicos, a *Farsa dos Físicos* não julga o doente e respeita o segredo médico ainda que, para isso, o personagem médico *mestre Henrique* recite um romance velho: «*Mi amor me recordara, / desde entõces hasta ahora / no hoviera quien me llamara*», talvez

D.Duardos, parodiado no final: «En el mes era de Mayo, / víspera de Navidad, / quando canta la cigarra».

As falas da «curadeira» Brásia e as prescrições dos Físicos de Mestre Gil Vicente, aparente misto de ignorância e de superstição, representam algum avanço na continuidade em relação ao *Thesaurus Pauperum* de Pedro Hispano (1210-1277) e exemplificam práticas médicas condenadas no final do século XVIII: «*Tal era o estudo público da Medicina, e taes os Medicos, que delle sahiam. E que diremos da innumerável copia de Cirurgiões, de Boticarios, de Barbeiros, de Charlatões, de Segredistas, de Mezinheiros, de Impostores, e até de mulheres Curadeiras, que pelas Cidades, pelas Villas, pelos Lugares, e Campos se mettiã a praticar a Medicina, e conseguia a fortuna de serem attendidos, e chamados, até que a triste experiência de muitas mortes, de que eram réos, os fizesse ser desprezados? Teríamos aqui hum larguissimo campo para discorrer, e fazer ver quanto esta praga inficionou o Estado; e quanto concorreo para a ruina da Medicina, se não fossem notorios todos estes estragos, e evidente, que a origem delles nascia da ignorancia, em que estavam os Póvos; do Fanatismo, que por elles reinava; da falta de Medicos sabios, e desinteressados; da desordem, que praticavam os Fysicos móres na administração do seu Officio; e das Leis defeituosas, que os dirigiam. Leis que, concedendo faculdade aos Fysicos móres para darem licença de curar aos idiotas, e às mulheres, onde não houvessem Medicos graduados, abriram uma larga porta a mil abusos, que leváram ao Estado muitos dos seus Vassallos; fizeram a medicina desprezível, e espalharam por toda a parte o Idiotismo e a superstição*» (Compendio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra, 1771, Parte II, Capítulo III, páginas 342-343). «*Um suadouro de bosta de porco velho, e com unto de coelho*» da «curadeira Brásia» equivale ao emplastro de «*estierco y manteca de vaca com miel*» do *Sumario de la Medicina*, 1498 de Francisco López de Villalobos, *valesolitano* nascido em 1469.

Mêzinhas como estas mantinham-se no «Regimento para o preço das drogas», Évora, 1497, divulgado por Pedro José da Silva: «*História da farmácia portuguesa desde os primeiros séculos da monarquia até o presente*», 1866, e permanecem no «*Regimento dos preços por onde os Boticayros hão de ve(n)der suas mesinhas feyto hora nouame(n)te per mādado de sua Magestade na Cidade de Coimbra, onde o Doutor Fernão Rodrigues Cardoso Físico mór do dito senhor se ajuntou com os Lentes de Medicina da Vniuersidade da dita Cidade, & com os Boticayros pera isso deputados a 10 de Abril de 1589*» de que existe um exemplar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, estudado pelo Doutor José Pedro Sousa Dias (*Medicamento, História e Sociedade*, 1993, 1,3, 10-



12). Figuram neste Regimento Licor de Múmia em pó, Unto de Cavalo, Enxúndia de Galinha, Enxúndia de Pato, Corno de Veado preparado, Cebo de Bode, Unto de Porco, Cebo de Veado, Esterco de Lagarto, Looque de Bofes de Raposa, óleo de Escorpiões, óleo de Minhocas...

Recorreu-se ao *múmia* para diminuir inchaços e expulsar venenos. O *licor de múmia* sobreviveu ao «*estrume de cabra a cheirar a louro*», «*caprarum fimus cum baccarum lauri*» usado por Amato Lusitano no primeiro dos seus casos clínicos (Primeira Centúria, I, 1549), ao «*estrume de cavalo perfumado com Lavandula*», alfazema, prescrito no Caso XCV da Quarta Centúria, 1553, e ao gargarejo de *fezes de cão* administrado a um advogado de Pisauro, que foi desta para melhor antes de lhe aplicarem um emplastro com fezes de um miudo empanturrado de tremoços, *Lupinus*, (Quinta Centúria, LXXIII, 1561).

A prática médica, o acaso e a necessidade elegeram medicamentos adequados ao tratamento de algumas doenças. Doença simples, medicação simples. Doença complicada, medicação complexa. Na doença incurável, uns nada fazem, outros disparam.

Pseudo-medicações que hoje nos chocam e colocam de sobreaviso perante quantos se apresentem como aprendizes de feiticeiro, foram recurso que se pensou útil no «*combate do mal com o seu contrário*». Não eliminaram dores nem aliviaram males antigos. Inocularam doenças novas, não melhoraram a compreensão da patogenia e impediram o avanço da terapêutica.

O recurso ao *múmia*, introduzido na Europa por gente que Garcia d'Orta rotulou «*maumetistas bárbaros*», parece não figurar nas *Centúrias*, nem nos *Coloquios*, mas, paradoxalmente, persiste na má prática médica dita «*cristã-velha*», renascida na época inquisitorial com Fernão Rodrigues Cardoso, oriundo da Guarda, sucessor do Judeu de Évora Tomaz Rodrigues da Veiga, lente de Prima na Faculdade de Medicina de Coimbra, em 1557.

Estranhamente, Guarda e Serpa, que forneceram

alunos e professores à Faculdade de Medicina de Coimbra em números significativos, foram as povoações onde a santa inquisição constatou os maiores êxodos (António Borges Coelho: *Inquisição de Évora*, I, 1987, página 414) pelo que toda esta «estória» necessita aprofundamento.

Em 15 de Setembro de 1564 o cardeal D. Henrique recomendou ao reitor do Colégio de S. Pedro que não fossem admitidos *judaicos*, mouriscos e etnicos e Fernão Rodrigues Cardoso, em 1568, será colegial de S. Paulo. Não lhe devem ter encontrado «raça de ludeu, Christão nouo, nem Mouro, nem *proceder de gente* infame, nem ter doenças contagiosas», conforme com o «*Regimento dos Medicos e Boticos Cristãos Velhos*», de D. Sebastião.

Fernão Rodrigues Cardoso, nome identico ao do Judeu de Celorico Doutor Fernão Cardoso, lente em Valhadolid, patrocinará o Regimento dos preços de 1589 e o ressurgimento dos «*Maumetistas bárbaros*» que tinham sido expurgados, em parte, da farmácia galénica restituída, em Autores como Amato Lusitano e Garcia d'Orta.

O múmia sobreviveu até meados do século XVIII na *Novíssima Medicina*, II, 1745 do charlatão António de Monravá y Roca (1671-1753), lente de Anatomia no Hospital Real de Lisboa em 1721 e aposentado compulsivamente em 1732, sendo tal cargo criado de novo, ainda em 1732, para Bernardo Santucci (1700?-

1764). Monravá y Roca entendia que «*múmia*», «*óleo humano*», «*espírito de sangue humano*», «*crânio humano*» e «*sal humano*» eram «*Cinco preciosos remédios tirados da mais rica mina e fructuosos campos*» (Maximiano Lemos (1860-1923): *História da Medicina em Portugal*, 1899).

O «magister dixit» e o estudo por *sebentas* fazem esquecer a limpeza das feridas e a cicatrização por primeira intenção. As infecções tetânicas foram frequentes e nem todos seguiram o exemplo do aventureiro Fernão Mendes Pinto (1510-1583): *Perigração*, 1614, capítulos 136 e 137, «*que não era médico, nem aprendera essa ciência*» quando em 1543(?) ensinou japoneses a suturar uma ferida da testa com cinco pontos, bastando-lhe *sete*, «*cortados aos cinco dias*», para reimplantar um dedo polegar, parcialmente decepado, no rebentamento de uma espingarda sobrecarregada de pólvora. A espingarda portuguesa era novidade absoluta para os japoneses. Mendes Pinto observara a actuação de cirurgiões portugueses na Índia. Ambroise Paré, em França, «*je le pansay, et Dieu le guarit*», não procederá de forma diversa.

* Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

OS QUATRO ELEMENTOS, OS ASTROS, AS DOENÇAS E O HOMEM - A VISÃO DE AMATO LUSITANO

Maria Adelaide Neto Salvado*

Todas as coisas foram ajustadas e constituídas pelos elementos;
por eles, os homens pensam e encontram prazer e dor.

Empédocles, Fragmentos, 90,119.

É com palavras de Amato Lusitano, retiradas do prefácio da 1ª Centúria, publicada em Ferrara e dedicada a Cosme de Médicis, que vou começar:

“O número sete compreende a alma e o corpo. O corpo consta dos quatro elementos e é dotado de outras tantas qualidades. À alma pertence o número três, por causa da sua tríplice força, isto é, a racional, a irascível e a concupescível. Deste modo podemos dizer que o número sete une a alma ao corpo”.

Nestas palavras estão contidos, de forma clara, todos os subtis e complexos laços que teciam a mentalidade de um médico do Renascimento: a adesão à concepção do Universo e do Homem alicerçada na teoria dos quatro elementos; e as ressonâncias repassadas por um neoplatonismo, marcadas pela mística pitagórica em torno do número sete. Como uma onda de fundo, esta mística agitou a Europa nesse século de Quinhentos. Sete eram os planetas conhecidos no mundo antigo, sete as cores primárias, sete as notas musicais, sete os metais considerados na Antiguidade, sete os órgãos ou partes do corpo do Homem.

Unidas pelo traço comum que o número sete constituía, escondidas mas contínuas relações, ligavam entre si estas díspares partes do Universo. Acreditava-se que os laços tecidos por uma estreita interdependência uniam o Homem, entendido como Universo em miniatura, ao Macrocosmo, o vasto e largo Universo, formado pelo conjunto da Terra e do Céu.

Partindo-se da concepção geocêntrica do Cosmos herdada de Ptolomeu e Aristóteles e difundida na

Europa medieval pelos árabes, tudo o que existia na parte do Cosmos situada abaixo da esfera da Lua, o chamado mundo sub-lunar, estava sujeito à corrupção e à morte, e era constituído pela combinação de quatro elementos: a **Terra**, a **Água**, o **Ar** e o **Fogo**.

Esta concepção, que remonta a Empédocles (490-430) a. C., foi retomada e divulgada por Aristóteles (384-322) a. C., que acrescentou a cada elemento determinadas propriedades específicas. Assim a **Terra** era fria e seca, o **Fogo** quente e seco, a **Água**, fria e húmida, o **Ar** frio e seco. Marcas profundas na cultura e na medicina da Antiguidade greco-romana deixou esta concepção do Homem e da Natureza.

Com base nestes princípios, Hipócrates e, depois, Galeno defenderam que no corpo do Homem circulavam fluidos, os chamados quatro humores: o sangue, o fleugma, a bílis e a melancolia. Cada um deles possuía as qualidades específicas de um dos elementos. Deste modo, e tal como o **Ar**, o sangue era quente e húmido; o fleuma era frio e húmido, como a **Água**, como o **Fogo**, quente e seco, era a bílis; a melancolia era fria e seca como o elemento **Terra**.

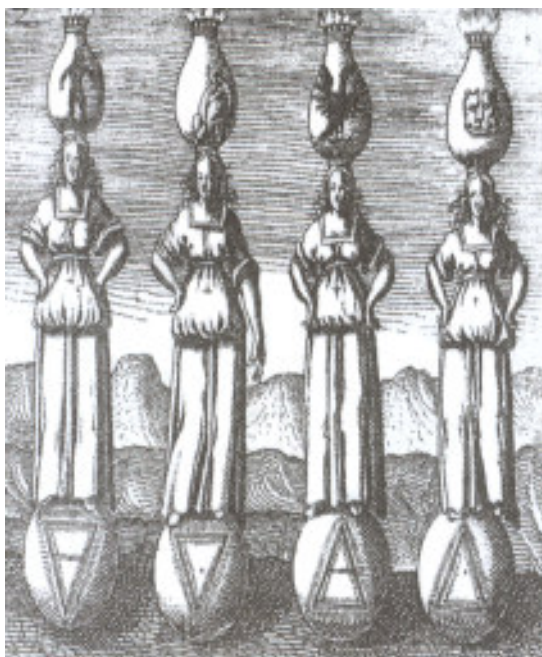
Profundamente enraizada na cultura europeia, esta concepção dominou fortemente o pensamento medieval até ao Renascimento.

Apenas, e a título de exemplo, sirvam as palavras de Santo António de Lisboa, escritas no século XII, para evidenciar a força desta teoria que defendia a união do homem ao resto da criação:

“Todo o homem, que tem algo de comum a toda a criatura: aos Anjos, aos animais, às árvores, às pedras, ao fogo e à água, ao frio e ao quente, ao húmido e ao seco, porque o homem se chama «microcosmos», é um mundo em miniatura. Assim como todo o mundo consta de 4 elementos, os antigos disseram que o homem, um mundo em miniatura consta de 4 humores, misturado num só temperamento”¹

Admitindo esta estreita interdependência entre o Homem e o macrocosmos, a tradição astrológica defendia que os planetas e as constelações do

1 - Os
quatro
elementos
(da esq.
para a dta)
a Terra, a
Água, o Ar
e o Fogo.
D.
Stolcius,
1624



Zodiaco projectavam os seus influxos sobre os órgãos e as partes do corpo humano.

Assim, cada humor era regido por um planeta determinado: o sangue era movido por Júpiter, Saturno movia a melancolia, a bília sofria as influências do planeta Marte e o fleuma era regido pela Lua.

De igual modo, cada uma das constelações zodiacais regia o funcionamento de uma parte do corpo do Homem. É a doutrina da simpatia universal, que em si contém a ideia de destino, de fado, isto é, a ideia de que os acontecimentos bons e maus, que marcam a vida do Homem, se encontram predestinados desde o momento do seu nascimento. Esta ideia perpassa como um sopro em vários segmentos da cultura peninsular, mesmo no mundo actual.

“Ninguém foge ao seu destino,
Nem para o que está guardado.
É preciso ser-se forte,
Ser-se forte e não ter medo,
Porque na verdade a sorte
Como a morte chega sempre tarde ou cedo”
- cantava Amália Rodrigues num dos seus fados.

Enraizando em todo este conjunto de concepções assenta a medicina astrológica, ou iatromatemática.

Baseava-se esta prática médica na observação atenta dos ciclos da Natureza e do curso dos astros, procurando a partir deles descobrir a sua influência sobre o Homem e encontrar indicações e caminhos que norteassem uma prática médica coerente e eficaz.

Cláudio Ptolomeu (85-160), no seu livro intitulado *Tetrabilos*, que constituiu o manual clássico das doutrinas do Geocentrismo em toda a Idade Média,

expressa deste modo a influência astral sobre o corpo do Homem:

“O grau do signo afectado pelo dano indica o órgão do corpo em que ocorre o dito acidente; ou se aquilo que ocorre no órgão é infecção ou enfermidade ou ambas. Porém, a qualidade do planeta indica o modo da sua influência.

Organicamente Saturno governa o ouvido direito, o baço, a bexiga. Júpiter o tacto, o pulmão e as costelas. O Sol a vista, o coração e o ombro. Marte o ouvido esquerdo, os rins e os membros viris. Vénus o olfacto e o fígado. Mercúrio a fala, o pensamento e a língua. A Lua, o gosto, o estômago, as partes femininas e todos os órgãos do lado esquerdo.”

Traduzidas para árabe e por eles difundidas por todo o mundo islâmico, as obras de Cláudio Ptolomeu marcaram fortemente a vida e a cultura da Europa até meados do século XVI. Por essas obras se orientaram o pensamento e a prática dos médicos do mundo islâmico entre os quais Ibn Sina (Avicena), cuja obra, o *Canon*, modelou a formação dos médicos europeus até ao Renascimento. Assim, segundo o professor Sanchez Grangel, entre meados do século XV a meados do século XVI a formação médica ministrada na Universidade de Salamanca tinha por base o *Canon* de Avicena. Para além desta obra, constituía leitura obrigatória a tradução medieval dos textos de Galeno.

Diogo de Torres, professor da Universidade de Salamanca durante a segunda metade do século XVI, é o exemplo típico do médico astrólogo, leccionando retórica, filosofia natural, medicina e astrologia.

Vários autores são unânimes em salientar a influência exercida na Universidade de Salamanca por Abraão Zacuto, que, a pedido de Juan de Zurniga chega a escrever uma obra intitulada *Os eclipses do Sol e da Lua*, onde releva a importância da astrologia para um profissional da medicina.

José Vizinho, discípulo de Zacuto, foi amigo e privou de perto com Amato Lusitano. Medicina e Astrologia andavam, pois, estreitamente ligadas na Universidade de Salamanca na época de Amato Lusitano.

Amato Lusitano - um homem do seu tempo

“A história é a ciência dos Homens nos tempos”

Lucien Fevre

Parece-me que Amato foi fortemente sensível a esta sua formação de base. Nas suas palavras com que inicie esta comunicação, tenta ele expressar uma opinião muito própria, opinião que não segue “qualquer coisa já escogitada”, acerca das razões pelas quais o *julgamento* das doenças era feito no 7º dia ou no dia 14º a contar, do aparecimento da doença. A palavra *julgamento* possui neste contexto um sentido muito preciso. Estabelecer um *julgamento* era prever, através

de sinais revelados pelo estado do doente nesses dias, a duração e evolução da doença. Por isso se lhes chamava também *dias decisivos*. Para Amato Lusitano, os dias decisivos possuem a mesma natureza dos números e da música.

Estabelecendo um paralelismo entre a dissonância e consonância que ocorre entre os números e a música, Amato Lusitano conclui que igual relação existe entre os números dos dias da doença e a própria doença. Assim, defende que, tal como o 7 e o 14 (7+7) são discordes e dissonantes com o número 1, o 7º dia da doença será (como ele próprio escreveu): “o dia marcado para o duelo”. E esclarece:

“Ora, como ninguém pode cantar triunfo antes de vencer assim também a Natureza não poderá voltar ao anterior estado e origem da saúde, a não ser que tenha vencido e subjugado, previamente, o inimigo, isto é, a doença. E isto sabemos que acontece quase sempre no 7º dia”.

Mas adverte Amato:

“(…) Na minha opinião, o médico, quando tentar calcular os dias da doença, contará os dias completos, não desprezando nenhuma fracção deles”.

É, no entanto, seguindo Galeno, que Amato clarifica o seu conceito de *dia decisivo*. Escreveu ele:

“Galeno diz muitas vezes: «quando me refiro a dia, entenda-se na acepção do período que abrange tanto a luz como a noite. Chamo dia, agora, ao intervalo de 24 horas.”

Como homem tão fortemente marcado pela influência de Galeno, (que largas vezes cita e a quem se refere nestes termos “vasto e rico oceano da medicina, onde têm origem todas as correntes médicas, rios e fontes”, e, na cura 44 da 3ª Centúria, dizendo: “Segui-lo, agarrar-se-lhe obstinadamente e interpretá-lo eis a melhor acção de um médico”) natural seria que Amato perfilhasse de igual modo a visão de Galeno relativamente à influência dos astros sobre o homem.

Seria a prática médica de Amato fortemente guiada e orientada pelo curso dos astros? Ou, no seu espírito de homem do Renascimento, aberto ao estudo e à reflexão, que dúvidas lhe levantaram as esclarecidas opiniões de Paracelso² ou de Pico della Mirandola³? Que estremecimento provocaram no pensamento de Amato Lusitano as dúvidas de Pico della Mirandola, desse humanista que iluminou com o brilho do seu pensamento a Europa do seu tempo?

Embora admitindo a existência de uma estreita ligação entre os seres e o Universo, Pico della Mirandola recusa, no entanto, a tese de que os astros pudessem, de forma directa, exercer uma influência determinante nos acontecimentos e interferir, por qualquer modo, na vida do Homem. Considerando que a liberdade é algo de essencial ao ser humano, Pico della Mirandola, publica, em 1493, em livro polémico - *Disputationes Adversus Astrologiam Divinatricem* - onde expressa total oposição à visão de um determinismo



2 -
Relação
entre os
astros e
os
órgãos
do corpo
humano.
Horas,
1500.

de vida determinado pelos astros.

Num outro livro, *Discurso sobre a Dignidade do Homem*, escreveu ele:

“Ó Suma liberalidade de Deus pai, ó suma e admirável felicidade do homem! ao qual é concedido obter o que deseja, ser aquilo que quer”.⁴

Ora, bom conhecedor da obra de Pico della Mirandola era Amato Lusitano. No entanto, as vezes que o cita é para pôr de lado as suas opiniões e para dar conta das antigas concepções galénicas. Assim, no prefácio à *I Centúria*, e ao referir-se às causas dos *julgamentos*, escreveu Amato:

“Não falando no que disse Pico della Mirandola e muitos outros que lançam suspeições às ordens de Galeno que exorta os médicos a não se distraírem das causas dos julgamentos(…)”

Outra referência a Pico della Mirandola surge na Cura 72 da *IV Centúria*. Intitulada « De mulheres parturientes», nela conta Amato estranhos casos ocorridos em Dezembro de 1552 e no mês de Janeiro de 1553. Aí se lê:

“Todas as mulheres que deram à luz em Ancona no mês de Dezembro tiveram meninos. Se alguma teve uma menina, logo esta morreu. Pelo contrário no mês de Janeiro, a seguir, do ano de 1553, aconteceu que todas deram à luz meninas; se era menino este morria logo ou apresentava-se delgadinho e fraco. Algumas mulheres de oito meses abortaram de rapazes durante o referido mês.”

Nos comentários a esta Cura, não encontra Amato Lusitano causa que consiga cabalmente explicar estes

estranhos casos. Escreveu ele, parecendo acertar a opinião mais corrente: **“Talvez se creia que tal é de atribuir ao influxo dos céus”**. Mas, na explicação das razões da não sobrevivência de um bebê de oito meses, entre muitas opiniões refere a de Pico della Mirandola nestes termos:

“Pico della Mirandola largamente anota contra os astrólogos”.

E, sem quaisquer outros comentários, conclui:

“A razão é que as mulheres sofrem sempre aflição no 8º mês e por consequência as crianças são afligidas no estado uterino. Por isso, se as crianças tomadas por esta aflição, forem afligidas pela outra que sobrevem no momento do parto, necessariamente morrem”.

É, no entanto, a interpretação dada pela Astrologia que merece a Amato Lusitano uma referência mais desenvolvida. Escreveu Amato:

“Os astrólogos ajuntam a estas outra razão tirada dos planetas. Dizem eles: Saturno, o supremo e primeiro dos planetas favorece, primeiramente, o nascimento, condensando-o por meio do seu aspecto e securo e dando-lhe forma corpórea; depois dele, no segundo mês, Júpiter olha com atenção o próprio feto; no terceiro mês Marte; no quarto o Sol; no quinto Vénus; no sexto Mercúrio; no sétimo a Lua; e no oitavo novamente Saturno que, em virtude de ser hostil à vida pela sua frigidez e securo, é contrário ao feto e não consente que ele tenha vitalidade”.

E Amato, termina deste modo:

“E basta isto para esclarecimento de qualquer dúvida”. Parece-me, pois, que, embora de forma não tão explícita como acontece a partir da *I Centúria*, um olhar atento sobre a posição dos astros, onde ressalta um ligeiro temor das suas nefastas influências sobre o Homem, perpassa em várias Curas de todas as Centúrias. Apesar de tudo, contraditória se me afigura a posição de Amato em relação quer à prática da medicina astrológica, quer à crença no poder dos astros sobre o destino dos Homens.

Assim, uma clara oposição à Astrologia adivinatória expressa Amato no prefácio da *II Centúria*, dedicada a Hipólito de Este, Cardeal de Ferrara, e datada de Roma de 1 de Maio de 1551.

Depois de enaltecer a tolerância e humanidade deste Príncipe da Igreja, Amato termina deste modo:

“Eis porque ouse profetizar-vos para algum dia a dignidade do Pontificado uma vez chamado à bem aventurança (mas longe venha o tempo) o Pontífice Júlio”.

Mas acentua e esclarece o modo como elaborou este prognóstico:

“(...) não porque eu me considere profeta, mas guiado apenas pela verdadeira razão. Tais prognósticos também os não faço pela observação dos astros ou augúrios, mas apoiado numa avisada prudência”.

É, pois, uma clara demarcação de qualquer ligação

à Astrologia adivinatória aquela que estas palavras encerram. É na *III Centúria*, Cura 81, que as palavras de Amato expressam nítido afastamento de uma vinculação cega às práticas médicas baseadas numa orientação astrológica, tecendo Amato duras críticas aos médicos cuja actuação se pauta mais em conformidade com a posição dos astros do que com o estado dos doentes. Conta Amato, nesta Cura, o caso de um rapaz, grande jogador que perdera ao jogo todo o dinheiro que possuía. Atacado de febre, que lhe provocara grandes dores de cabeça e muita sede, caiu em delírio, recordando situações de grande tensão vividas no jogo. Chamado um médico para o observar preceituou este, apenas, uma aplicação de ventosas. Passados três dias chamaram Amato. Os sintomas da doença tinham-se agravado. Amato prescreveu-lhe de imediato uma sangria, não sem formular críticas pouco lisongeiros à actuação do seu colega que anteriormente tratara o doente. Escreveu Amato Lusitano:

“Receava nessa altura, dizia ele, a sangria por incisão da veia porque a Lua estava em oposição ao diâmetro do Sol”.

Estava, pois, a Lua em fase de Lua-cheia. E acrescenta: “Devem considerar-se dignos de compaixão aqueles médicos que reparam para as conjunções da Lua, estando os doentes mal, receando ou sangrá-los ou purgá-los quando necessário”.

Amato e a medicina astrológica - um retorno?

“Quem duvidará de que o homem, a quem a Natureza outorgou o dom da palavra, pode experimentar a influência do céu com a sua inteligência poderosa, a sua alma espiritual, (...)”

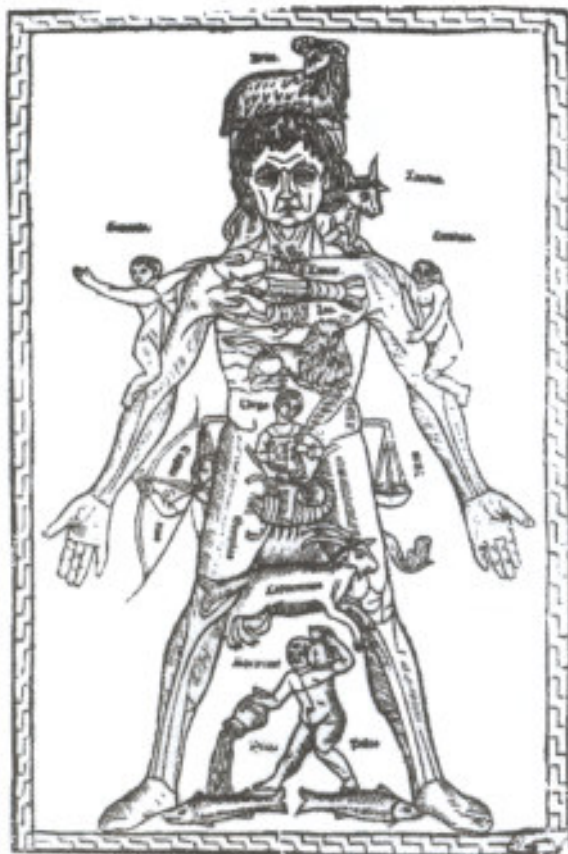
Marco Manilio, *Astronomicon*

Acontece, no entanto, que, a partir da *V Centúria*, das palavras escritas por Amato se desprendem afirmações que apontam para um renascer da crença nos valores da Astrologia e que traduzem práticas estreitamente ligadas à medicina astrológica.

Como explicar esta mudança de atitude?

Talvez que esta viragem se deva a acontecimentos trágicos que envolveram, nesta época, a vida de Amato. É uma hipótese. A intolerância religiosa que o pontificado de Paulo IV fizera abater sobre a Europa, levou a que as perseguições aos judeus se estendessem às tolerantes e abertas cidades italianas. Temendo ser preso, dada a sua condição de judeu, Amato Lusitano foge de Pesaro para Ragusa. Na saída apressada de Pesaro, perde todos os seus bens e, entre eles, uma arca onde guardava os comentários ao livro 1º de Avicena e uma grande parte do texto que constituía a *V Centúria*. Renunciando a todos os bens materiais, Amato

3 - O Homem como microcosmos. Representação da relação do corpo humano com os signos do zodiaco.



Lusitano tenta apenas recuperar o conteúdo da arca, escrevendo para isso a um tal Navio de Bolonha, por certo pessoa influente. Consegue, que apenas lhe devolvam o texto da *V Centúria*, que acabará por completar em Pesaro.

Ora, no final da Cura C, que termina essa *V Centúria*, a propósito da pulsação irregular do conde Júlio de Montevécchio, a quem esta Cura diz respeito, Amato recorda ser este o tipo de pulsação de António de Nebrixa. Esta lembrança traz-lhe à memória uma injustiça de que foi vítima este «homem sábio». E Amato conta que António de Nebrixa tinha um discípulo de nome Castillo. Aberto concurso público para um lugar na Universidade de Salamanca cuja remuneração era tentadora (300 peças de ouro, por ano), ambos concorreram com a interpretação de uma mesma obra - *Arte de la lengua castellana*, da autoria do próprio António de Nebrixa. Foi Castillo quem ganhou o concurso.

Mas são as últimas considerações de Amato relativamente a este caso que se prendem com o assunto desta nossa comunicação. Declarou Amato:

“Escrevi isto para que os leitores entendam que em tudo e por tudo a sorte manda, pouco valendo os conhecimentos literários e a erudição se não fôr propícia a deusa Ramnúsia (Nemésis)!”

Estranhas e surpreendentes, as palavras de Amato. Acreditaria Amato na sorte, nas leis inexoráveis do destino, como a Astrologia da época defendia? Ou

seria este o modo de subtil ironia que Amato encontrou para exteriorizar o seu desencanto pelas sucessivas injustiças de que fora vítima? Ou seria este ainda o meio de expressar o amargor dorido nascido do não reconhecimento das suas ideias, e isto por ser judeu?

Ou recomençaria ele a acreditar nas leis implacáveis do destino e da sorte tecidas e comandadas pelo curso dos astros? Não o sabemos. Certo é que, a partir desta *V Centúria*, por algumas das Curas perpassa de forma palpável um assumir claro de uma ligação à medicina astrológica.

Assim, na Cura 22 desta *V Centúria*, conta Amato o caso de um rapaz, forte e robusto, canteiro de profissão, a quem uma infecção pelo morbo-gálico, havia enchido todo o corpo de pústulas. Tratado com um unguento à base de mercúrio e submetido a um regime alimentar cuidado, recuperou a saúde. Ora, no desenvolvimento da explicação do procedimento da aplicação do unguento, Amato revela a sua ligação à medicina astrológica. Escreveu ele:

“De igual modo tratamos com a Lua em oposição, doenças rebeldes e as que as que tem humores difíceis de erradicar”.

E justifica:

“De facto neste tempo os humores, resistentes por natureza aos remédios, são erguidos pela calidez da Lua, tornando-se rarefeitos, e, preparados pelos remédios obedecem à expulsão”.

Está, pois, nesta passagem claramente expressa a ligação de Amato Lusitano à prática de uma arte médica atenta à posição dos astros e, neste caso concreto, a sua aceitação da interferência da lua sobre os humores, interferência facilitadora da eficácia dos medicamentos preceituados para erradicar a doença. No comentário a esta Cura e nas considerações que formula em torno do mercúrio, chamado na época *prata-viva* (um dos elementos que entrava na composição do unguento que utilizou no tratamento), ressalta a vinculação de Amato à teoria dos 4 elementos. Refutando a opinião de alguns autores que consideravam o mercúrio ou *prata-viva* fria, opina Amato: “Nós, porém, diremos que a *prata-viva* é fria e seca”. Tem pois o mercúrio, na visão de Amato, as propriedades do elemento Ar (frio e seco) e, talvez por esse facto, Amato compara as propriedades do mercúrio às do frio vento boreal. Escreveu ele:

“(…) é inerente ao mercúrio viveza e facilidade de movimento a penetração, a acuidade e subtilezação dos humores, não pela calidez, mas sim pelas partículas agudas que lhe são aderentes. A estas classificam de frias e secas por serem semelhantes às que formam o frio vento boreal”. Eram, pois, na visão de Amato Lusitano as “partículas agudas” que rarefaziam os humores, auxiliadas pela “calidez” da Lua - Cheia.

Mas, se a fase de Lua-Cheia era para Amato o momento favorável para a aplicação de determinadas

*Tabla de purgas, y sangrias, para saber quando
ferán buenas, à malas.*

<i>Signos.</i>	<i>Dominan en</i>	<i>Purga.</i>	<i>Sangria;</i>
Aries.	La cabeça.	Indiferente.	Buena.
Aries.	La cabeça.	Mala.	Buena;
Aries.	La cabeça.	Mala.	Buena;
Taur.	El cuello.	Mala.	Mala.
Taur.	El cuello.	Mala.	Mala.
Gem.	Los braços.	Indiferente.	Mala.
Gem.	Los braços.	Indiferente.	Mala.
Canc.	Los braços.	Buena.	Indiferente;
Canc.	Los braços.	Buena.	Indiferente;
Leon.	El coraçon.	Mala.	Mala.
Leon.	El coraçon.	Mala.	Mala.
Leon.	El coraçon.	Mala.	Mala.
Virgo.	La barriga.	Mala.	Mala;
Virgo.	La barriga.	Mala.	Mala.
Libra.	Las nalgas.	Indiferente.	Buena;
Libra.	Las nalgas.	Indiferente.	Mala.
Scorp.	Los genitales.	Buena.	Indiferente;
Scorp.	Los genitales.	Buena.	Indiferente;
Scorp.	Los genitales.	Buena.	Indiferente;
Sagit.	Los muslos.	Indiferente.	Buena.
Sagit.	Los muslos.	Indiferente.	Buena.
Capr.	Las rodillas.	Mala.	Mala.
Capr.	Las rodillas.	Mala.	Mala.
Aquar.	Las espinillas.	Indiferente.	Buena;
Aquar.	Las espinillas.	Indiferente.	Buena.
Pifcis.	Los pies.	Buena.	Indiferente;
Pifcis.	Los pies.	Buena.	Indiferente.
Pifcis.	Los pies.	Buena;	Indiferente;

4 - Tábua
de purgas e
sangrias, in
*Lunario y
promóstico
perpetuo*,
1594.

terapias, esta fase da Lua era igualmente, segundo ele, um momento temido na evolução das doenças.

Assim, na Cura 29 da *VI Centúria*, intitulada «De uma febre mortal», Amato relata o caso de um jovem patricio de Ragusa, de 25 anos. Chamava-se Estevão Arrio e, como quase todos os jovens de famílias abastadas da época, levava uma vida dissoluta. Adoeceu, por isso, gravemente. Amato descreveu a rápida evolução da doença e todos os desesperados esforços para lhe devolver a saúde. Tudo em vão. Na descrição do que foi o sofrimento dos últimos dias do jovem, Amato deixa transparecer a dor da Mãe, dor que muito possivelmente lhe tocou fundo. Escreveu ele:

“Finalmente, deitado abaixo toda a resistência física morreu ao amanhecer do 10º dia, não sem tristeza da Mãe. Era filho único e bastante rico”

E conclui do seguinte modo:

“Morreu num dia de plenilúnio, quando a Lua se opõe ao Sol e se chama Lua-Cheia”

Uma outra posição da Lua era grandemente temida - a conjunção que corresponde à fase de Lua-Nova. Esse receio, expressa-o claramente Amato na Cura 45 da *VI Centúria*. Relata esta Cura o caso de um rapazinho de doze anos, filho de Dracon Cervim, patricio de Ragusa. Adoeceu a criança com um ataque de febre que se prolongou por 25 dias. Durante os primeiros tempos da doença, foi o jovem tratado por um “médico sabedor”, como o classificou Amato, e entrou em convalescença. No entanto, passados dias, a febre retornou com um forte carácter de malignidade. Amato foi então chamado a intervir. Na descrição da sintomatologia da doença e nos esforços que

desenvolveu para devolver a saúde ao rapaz, escreveu Amato:

“O estado da doença precipitava-se. Por fim, quando estávamos em dúvida e tormento e as forças pareciam não resistir, aconteceu que no 7º dia da doença o Sol ficasse em conjunção com a Lua. Nesse dia tivemos grande receio por este rapaz, mas com a graça de Deus Omnipotente o jovem resistiu.”

Iguais receios se desprendem da Cura 52 da *VII Centúria* « De pleurite com terçã dupla que sofreu uma mulher grávida». Amato relata o caso da mulher de D. Guedelha Yahia, que no 6º mês da gravidez foi atacada por uma pleurite grave.

Chamado para tratar a jovem dois dias depois de desencadeada a doença pois os remédios a que se tinha recorrido haviam-se revelado ineficazes: aplicação de um saquinho de farelos misturados com sal nas costas, no local das dores e xarope de violetas, Amato determina-lhe uma sangria. E escreve Amato:

“Mas na noite a seguir, como a Lua estivesse em oposição ao Sol, mostrou-se ansiosa e houve uma grande confusão e paroxismo (...). Apesar de tudo no fim do 7º dia a doente recuperou a saúde”.

Mas para outros acontecimentos estava Amato atento ao curso dos astros.

Nos comentários à Cura 72 da *VII Centúria*, referindo-se à peste que grassava em Salónica, escreveu Amato:

“Esta besta fera entrou por contágio, embora houvesse um estádio de clima temperado. Deu-se isto em poucos dias, depois do nascer das Pleiades ou Vergilias, do ano de 1554”.

Encerravam estas palavras uma busca de compreensão das causas da peste entre os sinais do Céu?

Uma atenção especial aos efeitos do Sol sobre a Terra e as suas consequentes influências sobre a saúde dos homens encontra-se na Cura 46 da *VI Centúria*.

Trata esta Cura do caso de Simon Berusio, um nobre de Ragusa que fora embaixador em Constantinopla, na corte do Imperador Solimão. Regressado a Ragusa no tempo do verão, caiu doente, cansado pela longa viagem. Amato preceitua-lhe um bom regime alimentar e Simon recupera a saúde. Tornam-se amigos. Sofria, no entanto, o antigo embaixador de um contínuo mau estar, queixando-se com frequência. E conta Amato:

“Então começou a suspeitar que tais sintomas podiam vir de comer carne de chibato. E a minha ideia não me saiu errada e poderá ser considerada por muitos fantástico e incrível. Com efeito mudado o regime de alimentação e em vez de carne de chibato, concedida carne de aves, em breve recuperou a saúde perdida (...)”.

Mas é nos comentários que Amato faz aos acontecimentos que relata que ressalta a crença na influência indirecta do sol na vida e saúde do Homem.



5 e 6 -
Frontispício
e verso da
capa de
Contra os
juizos dos
Astrólogos,
Fr. António
de Beja, 1524.

Afirma Amato:

“A carne de borrego, húmida por natureza e temperatura, deve comer-se só quando o ar está quente, pois que ela tem quase sempre o sabor natural das ervas ainda não iluminadas pelo Sol, das quais se alimentam os mesmos borregos. Por isso um certo suco verde, lento e mucilaginoso, sujeito a corrupção costuma originar-se no estômago e nas veias. Por consequência, há uma jubilação de febres que trazem consigo malignidade (...)”

E adverte:

“Portanto tenham cuidado os que desejam olhar pela sua saúde, não se alimentando de semelhantes carnes antes de meados de Abril”

E refere Amato que radica neste cuidado e no cumprimento desta sua advertência a proibição existente entre os turcos de Constantinopla, que, embora consumindo largamente carne de borrego, têm como regra não permitir a venda pública destas carnes antes de meados do mês de Abril. O curso do astro Rei determinava, pois, a alimentação dos homens de Constantinopla no século XVI.

O homem e os astros no limiar do século XXI

Somos a encarnação local de um Cosmos que toma consciência de si-próprio. Começámos a contemplar as nossas origens: pó de estrelas meditando acerca das estrelas (...)

Carl Sagan, *Cosmos*

Nestes tempos de fins de milénio, uma onda de interesse pela Astrologia estende-se avassaladoramente pelo mundo.

Edgar Morin chama a este fenómeno “o retorno dos astrólogos”⁵, fenómeno que tem sido objecto de estudos vários por parte do Grupo de Altos Estudos de Paris.

O desencanto e a angústia que dominam o Homem, num mundo sem margem para o Sonho, o Amor e a Paz, são apontados como uma das causas deste retorno aos sinais dos astros, numa busca de respostas à inquietação que domina a alma.

Por outro lado, o grande desenvolvimento da Astronomia e a busca da origem da Vida têm despertado um interesse renovado pelos astros.

É no coração das estrelas que se situa a fonte dos elementos, descoberta primordial da Astronomia moderna. “Somos poeira de estrelas” - afirmava Carl Sagan, ao constatar que os mesmos elementos que brotam no coração das estrelas constituem os elementos bases da constituição do corpo humano.

Novos ramos de investigação, entre os quais se conta a Cronobiologia e a Cronoterapêutica, alicerçados na observação de que o organismo humano, tal como o de todos os seres vivos, varia de forma periódica ao longo das 24 horas, falam de um *ritmo circadiano*. Estudos pioneiros realizados em 1981 pelo Dr. Martin Moore-Ede⁶ director do Instituto para a Fisiologia Circadiana ligada à Universidade de Harvard nos Estados Unidos, concluíram que o ritmo circadiano natural do homem corresponde ao ciclo do dia lunar de 24 horas e 50 minutos, que é o do ritmo das marés, os movimentos cíclicos das águas dos oceanos provocados pela atração da Lua. Estes estudos demonstraram as vantagens da organização de um horário de trabalho, nas empresas que laboram por turnos, respeitando esse ritmo interno do Homem. Se essa regra fôr seguida e o ritmo natural respeitado,

referem os estudos, verificar-se-á um aumento de produtividade. Caso isso não aconteça, ocorrerá quer uma perda de ritmo na produção, quer graves anomalias de saúde que começarão a verificar-se entre os trabalhadores.

Embora não existam certezas de que o ritmo biológico seja um ritmo lunar, certo é que tal, como o ciclo da ovulação da mulher se aproxima da luação, também o ritmo biológico humano se aproxima da marcha diurna da Lua.

E termino com esta questão: ajudará, na verdade, a Lua-Cheia a potenciar a acção de alguns medicamentos como afirmava Amato Lusitano no século XVI?

* Investigadora

Notas

1 Santo António de Lisboa, "2º Sermão da Ascensão do Senhor", Obras completas, vol. III, Lisboa, Sociedade de Língua Portuguesa, 1970, p. 357.

2 Filipe Teophato de Hohenheim (Paracelso).

3 Giovanni Pico della Mirandola, conde da Concórdia, nasceu na Itália do norte, a 24 de Fevereiro de 1463 e morre em Florença em 17 de Novembro de 1463.

4 Pico della Mirandola, *Discurso sobre a Dignidade do Homem*, Lisboa, Edições 70, 1995, p.51.

5 Edgar Morin e outros, *O retorno dos astrólogos*, Lisboa, Moraes editores, 1971.

6 Alexandre Dorozynski, «Vivons- nous au rythme de la Lune?» in *Science et Vie*, Abril de 1993, pp. 43-48.

Bibliografia

Amato Lusitano, *Centúrias de Curas Medicinai*s, vol. I, II, III, IV, Lisboa, Ed. da Universidade Nova de Lisboa, tradução de Firmino Crespo.

Cortés, Geronymo, *EL non plus ultra del Lunario, Y Prognostico Perpetuo, General y Particular*, 1594, Cópia Facsimil.

Hutin, Serge, *História da Astrologia*, Lisboa, Edições 70, 1970.

Les Cahiers de Science & Vie, n° 54, Dezembro de 1999.

Les Cahiers de Science & Vie, 1000 Ans de Science, IV - «Qui sommes-nous?»

Mirandola, Pico della, *Discurso sobre a Dignidade do Homem*, Lisboa, Edições 70, 1995.

Morin, Edgar, *O retorno dos astrólogos*, Lisboa, Moraes editores, 1972.

Flórez Miguel, Cirilo, García Castillo, Pablo, Albares, Roberto, *La Ciencia del Cielo*, Salamanca, 1989.

Paracelso, *A Chave da Alquimia*, S. Paulo, Editora Três, 1983.

Pinharanda Gomes, Josué, *Filosofia grega Pré-Socrática*, Porto, Guimarães editores, 1980.

Reinberg, Alain, *Os ritmos biológicos*, Lisboa, Instituto Piaget, 1994.

Sábato, Ernesto, *Nós e o Universo*, Rio de Janeiro, 1985.

Science et Vie, Abril de 1983.

O “FOGO” NA OBRA DE AMATO LUSITANO

Por Fanny A. Font Xavier da Cunha*

“O maior, o mais nobre
e o mais escondido tesouro
do Universo, é o quarto elemento,
O FOGO”.

*Padre António Vieira,
Sermões, V, 13, parágrafo 2, nº 436, pag 474*

De entre os aforismos de Hipócrates (460?-377? A.C.), um tem particular relevância:

“O ferro (a cirurgia?) cura aquelas enfermidades que as medicinas não remedeiam; as que o ferro não cura, são curadas pelo fogo e as que o fogo não trata, contem-se entre as totalmente incuráveis”.

Amato Lusitano, utilizou todos estes meios da arte de curar: as medicinas, a cirurgia e o fogo.

De todos os tempos foi o fogo utilizado em Medicina. A Piro-punctura - terapêutica por meio de ponta metálica aquecida ao rubro, é conhecida e praticada desde a mais alta antiguidade no tratamento de nevrites, de ulcerações e nos processos tuberculosos.

As pontas de fogo são também utilizadas no tratamento cirúrgico de pequenas vegetações e em estomatologia (na cauterização de gengivites).

Amato Lusitano utilizou não só o ferro candente, como também o calor proveniente de ventosas cujos interiores eram aquecidos por meio de um pedaço de algodão a arder, a fim de provocar a rarefacção do ar no seu interior. Assim, a aplicação de ventosas inclui a utilização do fogo.

Àqueles quatro elementos primitivos, os alquimistas vieram a juntar mais dois: o mercúrio e o enxofre, os quais Amato Lusitano também utilizou nalgumas das suas curas.

A primeira cura que refere a aplicação de ventosas é precisamente a Cura I, da *Primeira Centúria*, “Feita em Portugal, em que se trata do curativo da mordedura de víbora”, e não havendo mais nada a fazer, diz-nos A. Lusitano: “mando a um cirurgião presente escarificar em volta (da mordedura), com golpes mais profundos, o sítio ferido e aplicar-lhe ventosas

aquecidas com muita chama”. Com este e outros tratamentos, incluindo esterco de cabras!!!, a mordida voltou ao estado de completa saúde.

Na Cura IV, Primeira Centúria, realizada em Ferrara, “Duma fortíssima dor de cabeça”, manda aplicar ventosas pequenas, mas é com a cirurgia que a saúde é restituída ao doente.

Na Cura XXXI, Primeira Centúria - “Duma chaga cancerosa maligna (dolosa), que atacava a mama, doença de cura difícil”, A. Lusitano mandou que fossem chamados dois ilustres cirurgiões, a fim de se usar a cirurgia para o ataque à doença. Porém a doente não acedeu, e passados dois anos após o começo da doença veio a morrer. Ora, A. L., também empregara contra esta doença atroz um ferro candente... Mas, conforme Hipócrates: “as doenças que o fogo não trata, contam-se entre as totalmente incuráveis”.

Assim sucedeu nesta Cura XXXI, pois não se pode conseguir que todos tornem à saúde, como diz também Hipócrates, pela voz de um Poeta: “Não está sempre na mão do médico que o doente seja curado. Às vezes o mal tem mais força do que a arte do sabedor”.

Na Cura XXXIV- “Duma mulher que deu à luz e depois caiu em transtorno de melancolia, do cômputo dos dias críticos nas parturientes e da aplicação do Oxirodino”, A. Lusitano mandou aplicar-lhe às espáduas quatro ventosas, com escarificação.

As ventosas usavam-se para provocar uma acção revulsiva local, Vejamos o que Curvo Semedo escrevia (1635-1719): “são tantos os achaques para que as ventosas aproveitam, que se faltasse este remédio na Medicina, ficariam os doentes expostos a grandíssimas calamidades...”

Assim pensava A. L., na Cura XXIV (Sexta Centúria), “De febre contínua epidémica”, porque, tendo examinado o doente, entendeu que o remédio mais importante era fazer uma sangria, após incisão da veia do braço, mas que se não se quizesse utilizar aquele método, aconselhava a que ao menos se

fizesse a extracção por meio de ventosas, na pele seccionada, aplicadas às costas, e a propósito da aplicação das ventosas critica o médico que anteriormente tratava a doente em termos muito duros, tratando-o de “médico ignorantíssimo” porque dizia que não se deviam aplicar ventosas havendo abundância de humores. E Amato Lusitano escreve a justificar: “Como ele ignora totalmente a arte médica será melhor deixá-lo no anonimato do que refutar-lhe a opinião. No entanto, para que saibam os que isto lerem, se alguém o ler”, termina chamando ao médico “burro de Cumas, com albarda pela cabeça.”.

“Aplicadas portanto as ventosas às costas da doente de que estamos a falar, e tirado sangue até 6 onças, começou a melhorar. Após isto, bebidos alguns medicamentos com propriedades desobstrutivas tanto como purgativas, pouco a pouco regressou à saúde de outros tempos”.

Em muitas outras Curas, voltará a usar ventosas, como veremos.

Quanto ao ferro em brasa (candente), cita-o na *Primeira Centúria*, Cura XXXIII - “Do morbo régio chamado icterícia “ictero” proveniente de chagas fechadas das pernas”, em que o doente veio a morrer, mas A. L. diz que “teria sido necessário reconduzir-lhe as chagas nas pernas, o que poderia improvisar-se com cáusticos ou com ferro candente...”.

As virtudes que Amato Lusitano atribuía ao cautério eram tais, que na *Primeira Centúria*, Cura XCII - “Duma antiga erosão do estômago, catarro da cabeça, tosse seca e forte e doutras coisas que levaram o doente à morte”, diz que no caso houve negligência, “porque tendo havido a intenção de aplicar o cautério na comissura coronal ou no braço, essa terapêutica foi abandonada por negligência, o que foi um erro, e a doente veio a morrer”. Afirmando na Cura XCVII - “Dum carbúnculo nascido na pálpebra inferior do olho”, e “visto esta doença ser muito cruel..., deve-se acorrer rapidamente e sem qualquer demora, sobretudo com remédios extremos...”, “entre os quais são de louvar o cautério de ferro candente e o de arsénico suposto que a região ou o membro possam suportar este género de medicamentos sem lesão”.

A sua fé no cautério leva-o a intitular a Cura XXIV (*Quarta Centúria*), nestes termos: - “De uma criança epilética, com olhar torvo e aspecto horrendo, curado apenas pela aplicação do cautério à nuca”. Chamado para ver o doente, Amato aconselhou uma queimadura com ferro candente na parte superior da nuca, e no orifício originado introduziu-lhe um grão de bico e dele escorreu tanto pús, que o menino ficou são. (sic)

Na *Segunda Centúria*, Cura L - “De destilação cálida”, em lugar da habitual sangria Amato mandou aplicar ventosas às costas e extrair destas o sangue por meio de incisões. E nos *Comentários*, manda, se a doença o permitir, aplicar o cautério. Ressalva contudo o emprego do cautério à comissura coronal

numa afecção cálida, ainda que “Herculano” e quase todos os práticos elogiem altamente o cautério. De novo, manda fazer uso do fogo para queimar verruga, na Cura XXXVIII (*Segunda Centúria*) - “De verrugas”. Como estas desfeassem muito as mãos de um seu criado, Amato mandou que durante 5 ou 6 dias seguidos as queimasse muito bem com tições acesos. Passados 8 dias desta operação todas as verrugas supuradas caíram, não ficando nenhum vestígio. Amato afirma: “Aplicámos esta operação de estética a muitos desfeados por verrugas, queimando-as com ramos de vides em brasa, e nunca usei de outro género de remédios para as tirar e arrancar, o que confesso ser verdade”. Ainda na *Segunda Centúria*, Cura LXI - “De chagas fixadas nos rins”, estando Amato hesitante se empregaria ferro candente ou um incisor frio, “por fim, pesando as razões, o apostema foi aberto com um cautério aquecido ao fogo, o que se considerará talvez feito contra razão, virtude da disposição do sítio”.

Também na Cura XXXII (*Terceira Centúria*) - “De cancro na mama”, depois da extracção cirúrgica dos cirros (pequenos carcinomas), queimava muito bem as raízes do cancro com ferro candente, se tivessem ficado alguns restos, a que sempre se seguia bom resultado. E cita o caso de uma mulher de Veneza, à qual, por causa de um cancro, foi-lhe arrancada inteiramente a mama direita, e depois viveu optimamente. Para Amato, “Isto não é de admirar uma vez que às jovens amazonas as mães arrancavam a mama direita e queimavam-na com um instrumento de cobre preparado para este uso e aquecido ao fogo, para não voltar a crescer e para que toda a força e robustez passassem ao ombro e braço direitos, como narra Hipócrates nesse livro de ouro *Dos Ares, Águas e Lugares*”.

Ainda na *Terceira Centúria*, Cura LII - “De febre aguda Maligna”, Amato classificou a mãe da doente de “esperta”, porque fizera uso de uma ferradura aquecida incandescente para tratar uma dor do ouvido doente. A ferradura fora previamente introduzida num cozimento de arruda em óleo comum.

Para Amato, o remédio supremo era a utilização de ferro candente (ferro em brasa), como na Cura XCIX (*Quinta Centúria*) - “De um enorme tumor cirroso nascido na boca e tomado por muitos como um cancro”, Amato Lusitano chega a aplicar o ferro candente três e cinco vezes no mesmo doente. Assim na Cura IX (*Quarta Centúria*) - “De um carbúnculo chamado antraz funesto e maligno” que atacava principalmente a pálpebra inferior do olho. Neste caso a doença agravou-se a tal ponto que a cabeça e rosto do doente se tornaram monstruosos, não lhe permitindo ver durante alguns dias. Foram-lhe então aplicados cinco cautérios actuais, isto é, com ferro candente.

Por vezes os doentes não acatavam a opinião de

Amato, como no caso da Cura XX (Sexta Centúria) - “De vômito de sangue”, em que Amato declarou que a doente precisava de cautério na comissura da cabeça, e como ela não tivesse consentido, Amato não continuou o tratamento. Mas continuou noutras Curas a aplicar ferros candentes, como na Cura XIX (*Sétima Centúria*)- “De um tumor de grandeza enorme, nascido no joelho”, e nas Curas XLVI- “De inflamação uterina que depois redundou em ferida”, e na LIX- “De um indivíduo que estava prostrado por causa de um pé dorido e inchado”, em que mandou, à maneira dos camponeses, aplicar-lhe cautério em chama abaixo do joelho, e na Cura LXII- “De pleurite não verdadeira...”, e na Cura LXXVI- Abscesso aberto a ferro candente. Outro caso em que o doente desobedeceu a Amato, na Cura LXVI (*Sétima Centúria*)-De um prego espetado no pé, em que Amato ordenou a aplicação de cautério, mas o doente não fez caso, ...e morreu.

Na Cura LVI (*Quarta Centúria*)- De uma chaga antiga na perna e sua cura, também Amato utilizou o ferro em brasa, bem como na Cura XCIX (*Quinta Centúria*), em que Amato, “Por fim, para dizer muito em pouco, este (doente) foi queimado mais três vezes, e o tumor parecia ter sido radicalmente extirpado”. Também na Cura LXVIII (*Quinta Centúria*)- “De Egípole, mal contraído, por morbo-gálico, no canto dos olhos”, e depois da tomada de xaropes e poções, Amato queimou à doente a chaga do nariz, onde aparecera um osso enegrecido.

Outra terapêutica usada por Amato, foi o tratamento por meio de ventosas. O seu uso foi correntíssimo na velha terapêutica, e, segundo Curvo Semedo, se faltasse este remédio na Medicina, ficariam os doentes expostos a grandíssimas calamidades...

Para que por falta de aplicação de ventosas, os doentes não ficassem expostos a “grandíssimas calamidades”, Amato usou e abusou na sua aplicação, pois que já na velha terapêutica elas eram de uso correntíssimo. Para a sua aplicação, Amato justificava nos seus Comentários à Cura LXV, Terceira Centúria - “De goela anormalmente comprida e de rouquidão ao mesmo tempo”, na qual aplicou ventosas secas a fim de curar o doente, dizendo: “cortar é a coisa mais fácil, mas curar com remédios vale mais e necessita de arte”. Ora saber curar, e com aplicação de ventosas era, naquele tempo uma “arte”.

Assim na Cura LXIII (*Segunda Centúria*)- “De pleurite que apanhava a membrana externa em volta das costelas e os músculos intercostais externos”, Amato mandou primeiro fazer uma sangria, e com boa alimentação, fomentações com pano de feltro quente à região doente, e com ventosas aplicadas à zona afectada, dentro de oito dias a inflamação ficou completamente apagada, não tendo sido necessários mais outros diferentes remédios.

Na Cura LVIII (*Segunda Centúria*)- “Dum rapaz atacado de mania”, de entre a terapêutica aplicada,

contam-se ventosas com escarificação; na Cura XVI (*Terceira Centúria*)- “De um sintoma aparecido antes da erupção da varíola”, Amato manda praticar a sangria ou aplicar ventosas, com escarificação.

Por vezes os doentes não acatavam a opinião de Amato, como no caso da Cura XX (*Sexta Centúria*) - “De vômito de sangue”, em que Amato declarou que a doente precisava de cautério na comissura da cabeça, e como ela não tivesse consentido, Amato não continuou o tratamento. Mas continuou noutras Curas a aplicar ferros candentes, como na Cura XIX (*Sétima Centúria*)- “De um tumor de grandeza enorme, nascido no joelho”, e nas Curas XLVI- “De inflamação uterina que depois redundou em ferida”, e em LIX- “De um indivíduo que estava prostrado por causa de um pé dorido e inchado”, em que mandou, à maneira dos camponeses, aplicar-lhe cautério em chama abaixo do joelho, e na Cura LXII- “De pleurite não verdadeira...”, e na Cura LXXVI- “Abscesso aberto a ferro candente”. Outro caso em que o doente *desobedeceu* a Amato, na Cura LXVI (*Sétima Centúria*)- “De um prego espetado no pé”, em que Amato ordenou a aplicação de cautério, mas o doente não fez caso, ...e morreu.

Na Cura LVI (*Quarta Centúria*)- “De uma chaga antiga na perna e sua cura”, também Amato utilizou o ferro em brasa, bem como na Cura XCIX (*Quinta Centúria*), em que Amato, “Por fim, para dizer muito em pouco, este (doente) foi queimado mais três vezes, e o tumor parecia ter sido radicalmente extirpado”. Também na Cura LXVIII (*Quinta Centúria*)- “De Egípole, mal contraído, por morbo-gálico, no canto dos olhos”, e depois da tomada de xaropes e poções, Amato queimou à doente a chaga do nariz, onde aparecera um osso enegrecido.

Porém “O mais escondido tesouro da Natureza” nem sempre esteve ao alcance do Homem. O Homem teve de o produzir, e a sua descoberta foi considerada miraculosa e altamente benéfica para a Humanidade. Na Mitologia greco-romana Prometeu é a personificação e deificação do Fogo. Em todas as religiões, incluindo a Católica, o fogo é consagrado; e na Literatura o Fogo é Amor, como no conhecidíssimo soneto de Luís de Camões:

“Amor he hum fogo qu’arde sem se ver,
He ferida que doe, e não se sente...”

E na Cura XVIII (*Terceira Centúria*)- “De varíola serpentina que só corroía a pele e suas designações”, Amato explica nos seus Comentários que propôs sangrias pela secção da veia ou escarificações das pernas, com aplicação de ventosas, depois de incisada primeiro a pele. O mesmo manda fazer na Cura XXVIII (*Terceira Centúria*)- “De angina”, depois da sangria mandou aplicar à doente ventosas, assim como fricções e retracções, metendo a doente as mãos e os pés em água quente, e também aplicando emplastros quentes, o que só prova o aprêço de Amato pelo calor. O uso de panos quentes repete-se noutras



curas (Cura XXII, *Terceira Centúria*). Por sua vez a aplicação de ventosas repete-se de uma forma quase contínua: na Cura LXXII, *Terceira Centúria* - “De febre contínua pestilenta”, foi feita uma sangria com a aplicação de ventosas às costas, e na Cura LXXXV (*Terceira Centúria*) - “De febre contínua maligna”, aplicou a este doente, e no dia noveno de doença, ventosas escarificadas, o mesmo sucedendo na Cura LXXXIX (*Terceira Centúria*) - “De dupla terça contínua seguida de vários sintomas”, para lhe fazer desaparecer a doença Amato começou por uma sangria; depois, para tirar à doente uma dor que lhe apanhava a parte superior do peito, aplicou-lhe ao lugar dorido um pequeno saco quente; tendo surgido outros sintomas, aplicou ventosas secas às costas.

Grandes ventosas acesas com muita chama serão também aplicadas às coxas da doente na Cura XCVIII (*Terceira Centúria*) - “Sintomas surgidos antes da primeira manifestação da menstruação”. Também na Quarta Centúria, Cura II - “De febre contínua maligna” e nas Curas XII - “De febre contínua maligna com exantema, chamada pulicária” e na LXIX - “De morbo-gálico”. Na *Quinta Centúria* encontramos mais Curas em que foram aplicadas ventosas: na Cura XXIII - “De febres contínuas...”, aplicou ventosas às coxas, mas o melhor conselho, diz Amato, pois que se tratava de

uma mulher, era que “se casasse”. Na Cura XLI - “De angústias e dores no coração”, Amato, chamado a ver o doente, de imediato lhe mandou aplicar uma ventosa no estômago. De imediato o doente disse que se sentia de saúde, a ponto de excluir que a obra fora semelhante a um milagre! E Amato cita outro caso idêntico em que a doente se desfez em preces a Deus por tão grande benefício. Muitos outros casos de aplicação de ventosas se encontram na *Sexta* e na *Sétima Centúrias*, havendo contudo uma Cura em que, apesar de Amato aconselhar as ventosas, houve rejeição delas por parte do doente. Note-se que, no tempo de Curvo Semedo o seu uso já era raro e raros eram os doentes que as consentiam.

Mas no tempo de Amato o seu uso ainda não era raro, e os doentes ainda o consentiam (veja p. IV).

Porém, na Literatura Portuguesa elas são referidas em vários autores, como de uso comum e frequente. Ainda no século XVII, D. Francisco Manuel de Melo, na “Feira dos Anexins”, publicado em 1916, põe na boca de um dos seus personagens: O senhor delira: há mister ventosas; e Camilo em “O olho de vidro”, em pleno século XIX (1866): “Era ainda a dor do coração que lhe estava destroçando o peito. Falou o doutor em “ventosas sarjadas”; e Eça de Queiroz, no “Primo Basílio” (1878), mais de um século depois de

Semedo, ainda as refere: “É necessário deitar-lhe outro cáustico, talvez ventosas.”

Aplicando o calor sob várias formas, Amato Lusitano aconselhava fumigações provenientes de fogueiras que ele mandava atear dentro de casa, como na Cura XC (*Terceira Centúria*)- “De disenteria contagiosa e pestilinte, para que os restantes habitantes da casa não incorressem na mesma doença”, o lume era de ramos e ervas odoríferas, como rosmaninho, alecrim, orégãos, poejos, mangerona, loureiros, zimbro,

cipreste e semelhantes.

Um verdadeiro hino ao fogo, quando Amato Lusitano cita “o divino Hipócrates” na ocasião em que livrou toda a Grécia da peste, acendendo fogos, pelo que Atenas lhe erigiu uma estátua de ouro e durante muitos séculos lhe foram rendidas homenagens.

* *Sociedade de Estudos do Século XVIII.*

OS QUATRO ELEMENTOS E A VIDA QUOTIDIANA DOS DOENTES NA OBRA DE AMATO LUSITANO

António Lourenço Marques*

O facto de os quatro elementos, a água, o sol, o ar e a terra serem absolutamente indispensáveis à vida humana e terem uma relação imediata com a qualidade desta, conferiu-lhes, desde tempos imemoriais, um papel cimeiro nas manifestações culturais do homem e na arquitectura do seu próprio pensamento. São

quatro realidades cósmicas que, efectivamente determinam, de forma decisiva, as condições em que a vida se manifesta, através de um jogo de relações que tanto podem mostrar sinais de complementaridade; como, pelo contrário, de oposição. É no entanto

através da combinação harmoniosa entre eles, por exemplo, entre a luz e o calor do sol, a humidade e a composição do solo, a composição do ar ambiente e a sua temperatura, etc., que é garantida a manifestação plena da vida.

Assim, a presença tão forte dos elementos, no cerne da vida do homem, determinou que viessem a ocupar um lugar de realce no campo da própria cultura. A proximidade obrigatória, proporciona um contacto, em primeiro lugar, de ordem benfazeja, mas nem sempre deste teor. O sinal contrário, ou seja, quando os efeitos são adversos, fazem imergir, por vezes, o medo mais profundo. Como corolário desta ambiguidade, surgiram, desde os tempos mais remotos de que há notícia, sentimentos de veneração aos elementos, efeito que ajudou a entretecer aspectos da construção religiosa.

Todos os elementos tiveram tempos de glória, sendo respeitados como deuses muito poderosos, tanto benfeitores como castigadores. A mitologia descreve toda esta riqueza. Desde Ceres, divindade romana, ou Deméter, divindade grega, para a terra, até Juno e Minerva para o ar, etc., etc. Ainda hoje, uma relação

íntima com cada um dos elementos permanece viva, de acordo com as diversas culturas. Todos sabemos como é importante para a nossa saúde e para a qualidade de vida o modo como os usufruímos.

A enorme força com que a sua presença se incorpora na vida

do homem, pode explicar o motivo pelo qual, em épocas tão primitivas, como por exemplo, na visão dos filósofos gregos de há dois mil e quinhentos anos, foram utilizados para dar consistência ao pensamento mais estruturado. Os quatro elementos eram entendidos então como a raiz de todas as coisas. Eles eram a base de tudo, ligando-se através de duas forças emotivas, uma centrípeta, o amor, e a outra centrífuga, o ódio. A sua ubiquidade e importância conferiam-lhes a característica de realidades permanentes e eternas, ligadas às duas forças essenciais. Pelo amor, manifestavam o processo da união e pelo ódio, ao contrário, o da desintegração. Tal concepção teve uma inegável relação com a medicina. Esta teoria dos quatro elementos defendida por Empédocles (490-430 a.C.) foi também aplicada



pelo mesmo filósofo à Biologia: os quatro elementos - regidos pelo amor e pelo ódio - fundavam a ordem cosmogónica. Primeiro nasceram as plantas e depois os animais, diferenciando-se pela qualidade e pelo modo em que se misturavam os quatro elementos. Por exemplo, os músculos seriam produzidas pela mistura de todos os elementos em partes iguais e os nervos teriam por base a mistura, em dupla proporção, de água e de fogo..

A teoria dos quatro elementos, de Empédocles, teve importantes conexões com a medicina hipocrática. A teoria dos quatro humores é uma consequência, de índole médica, de tal teoria. Os médicos hipocráticos retiravam as suas ideias sobre a natureza do homem de uma teoria geral sobre a natureza do universo, utilizando um método comparativo. "A participação de Empédocles na cultura médica do mundo grego, permitiu a introdução de um novo espírito científico: localizar a doença na estrutura dos seres vivos, isto é, na estrutura da matéria".¹

E de acordo com a qualidade dos elementos, como por exemplo, a água límpida e pura, o ar sem cheiros e renovado, a fertilidade da terra e a exposição suave do sol, a vida seria mais agradável e o corpo mais robusto. É o que se chama a concepção elementar da saúde.

Um dos livros de Hipócrates intitulava-se precisamente

Tratado dos ares, das águas e dos lugares, porque discorre sobre as características a que estes elementos *devem* obedecer na perspectiva da saúde. O texto é muito claro e elucidativo, como revela a transcrição seguinte: "Quem queira estudar perfeitamente a ciência médica deve fazer o seguinte: em primeiro lugar, ocupar-se dos efeitos que pode ocasionar cada uma das estações do ano, pois não se parecem em nada mutuamente, mas diferem muito, não só entre si, como nas suas mudanças. Depois, é preciso conhecer os ventos, quentes e frios, especialmente os que são comuns a todos os homens, e, além disso, os típicos de cada país. Também deve ocupar-se das propriedades das águas, pois, tal como

diferem na boca e pelo seu peso, assim também é muito distinta a propriedade de cada uma. Quando se chega a uma cidade desconhecida, é preciso preocupar-se pela sua posição: como está situada no que diz respeito aos ventos e à exposição ao sol, pois não tem as mesmas propriedades a que está voltada ao Norte e a que dá para o Sul, nem a orientada para o sol nascente e a que mira o Poente. Há que ocupar-se disso da melhor maneira, e, ainda de que águas dispõem os habitantes: se consomem águas pantanosas e brandas, ou duras e procedentes de lugares elevados e rochosos, ou salgadas e cruas. A respeito do solo, há que saber se é liso e seco, ou frondoso e húmido, e se está apertado e é sufocante, ou elevado e frio".

Este texto de Hipócrates é tão expressivo que faz lembrar as belas palavras do poeta Rilke, no caso, sobre a poesia.²

Também Amato Lusitano, o fecundo autor médico português do século XVI, cuja obra constitui um notável pilar da cultura portuguesa da época renascentista, reflecte, nos seus escritos, as ideias que decorriam do que se pensava quanto ao papel dos elementos sobre o ser humano.

Já várias vezes foi reafirmada e demonstrada a riqueza do texto das *Sete Centúrias de Curas Medicinais*,

com profusa informação que, não só traduz o estado da arte da medicina de então, como ainda permite a visão de outros aspectos: a vida individual dos diversos personagens, dos próprios doentes, do ambiente e da própria vida social da época.

João Rodrigues de Castelo Branco, com uma vastíssima cultura médica, era também um excelente observador. Quando registou os casos das curas, reunidas nesta monumental obra, anotou muitas vezes alguns aspectos singulares dos seus doentes ou das circunstâncias em que a doença se manifestava. Ora esses dados, que valorizou no contexto da doença, são achegas valiosas que permitem reconstituir a própria realidade humana focada.



É um facto que não é possível para os historiadores reconstituírem alguns aspectos materiais da existência das pessoas, em épocas muito longínquas.

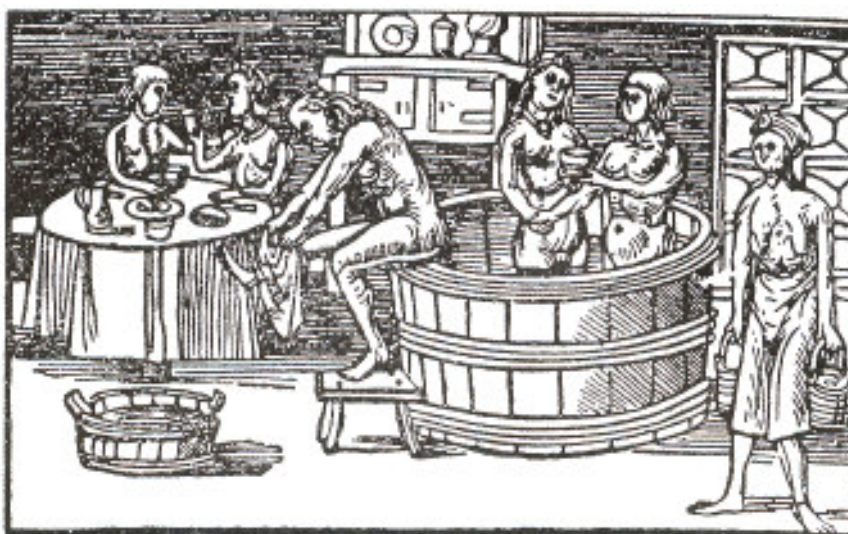
Vários vestígios materiais subsistiram soterrados e as escavações permitem a descoberta de objectos, em alguns casos, ainda intactos, quase como novos. As casas, as fontes, as igrejas, outros lugares públicos, os caminhos, variadíssimos objectos de uso corriqueiro, etc., puderam subsistir num número razoável de casos. Há realidades, porém, que passaram deixando registos mais fluidos, que não se reflectem suficientemente naqueles vestígios, e que portanto são mais difíceis de ser reconstituídas. Referimo-nos à vida em concreto, às relações que as pessoas impuseram entre si, e a muitos dos seus movimentos indispensáveis à própria sobrevivência material. Ora, é também, de algum modo possível, uma reconstituição aproximada da imagem dessas realidades passadas. Pesquisar a presença dos quatro elementos na vida quotidiana das pessoas, quando em situações concretas de doença, pode ajudar este propósito. O texto de João Rodrigues de Castelo Branco é uma fonte propícia para tal estudo.

Logo no Prefácio da *Primeira Centúria*, o autor assume a teoria elementar, ao afirmar que: “o corpo consta de quatro elementos e é dotado de outras tantas qualidades”³. Assim, a interligação dos elementos produz efeitos que são entendidos a partir de um saber anterior, que vinha efectivamente dos clássicos greco-romanos. A água muito fria, por exemplo, acalma o fogo do veneno da víbora.

Os quatro elementos opõem-se dois a dois pelas suas qualidades: o frio e o quente, e o seco e o húmido. Tal como Hipócrates escreveu na *Medicina Antiga*: “Se são o quente ou o frio, o seco ou o húmido os que fazem mal ao homem, é preciso que o que cure correctamente o faça valendo-se também do quente contra o frio e do frio contra o quente, ou do seco contra o húmido e do húmido contra o seco”⁴.

Eis como Amato explica o efeito da água sobre o veneno da víbora. Na localidade de Norquéria, perto da cidade de Foligno, na Úmbria, existia “uma fonte maravilhosa, com abundante água, muito fria. Se nela

se mergulharem as pessoas mordidas por víbora ou serpente e se deixarem estar durante uma hora, ficam sãs e salvas. Isto talvez seja resultante de a frialdade da água gélida quebrar o calor do veneno viperino, enfraquecendo-o e embotando-o”⁵.



A água fria tinha ainda outras aplicações terapêuticas. Por exemplo, perante a dor, um outro fogo, a água fria podia “ser proveitosa”, como

aconteceu quando administrada a uma dor cólica de que sofria a esposa de um capitão genovês: “Deus louvado, mal acabou de beber um copo, a dor abrandou subitamente”⁶.

A febre ardente ou ardentíssima, uma hipérbole muito utilizada por Amato Lusitano, podia, por seu lado, ceder à frialdade da água. Manuel Cirne, procurador de negócios de D. João III, em Antuérpia, que adoeceu com febre “... durante o paroxismo, debaixo daquela febre ardentíssima e atormentado por fortíssima sede, pede-me que lhe dê água fria. Concedo-lha da melhor vontade e até à saciedade. (...) No espaço de vinte dias foi restituído à saúde”⁷.

Esta cura rendeu ao médico, nada mais nada menos, que trezentos ducados de ouro. A referência aos proventos da actividade clínica, é rara, nas notícias de Amato Lusitano. Mas muitos dos seus doentes são pessoas ricas, indiscutivelmente. E quase se pode aqui construir um malabarismo de palavras: a água fria transmutada no fogo do ouro. Porém, o texto de Amato é, essencialmente, de cariz humano. A obtenção do ouro deveu-se, certamente ao êxito da sua cura, mas o autor atribui esta significativa recompensa antes aos bons sentimentos do doente, que considera, com todas as letras, um “Homem magnífico e generoso”.

Quando os doentes tinham sede, nos casos de febre elevada, a água fria era habitualmente tolerada e mesmo recomendada como terapêutica.

Podemos ainda encontrar referências ao papel da água noutras doenças, como por exemplo na ascite ou barriga de água, descrita com pormenor na Cura 30^a, da *Primeira Centúria*.⁸ O elemento água é aqui preponderante. Não só lhe atribui a causa da doença em associação com o vinho, como se transforma depois na verdadeira doença.

No caso descrito, diz que uma mulher, depois de ter febre e “de beber muita água fria e vinho”, ficou com “ascite, água intercutânea ou hidropisia aquosa”. “Quando lhe batia com a mão, a água soava como se estivesse dentro de um odre”. A doente, que apresentava umas úlceras ou chagas na perna esquerda, libertava por ali uma aguadilha. E dentro da panóplia de vegetais utilizados, em que deveria haveria algum com propriedades diuréticas, a doente “começou a eliminar a aquosidade optimamente”.

O calor excessivo, no Verão, era uma particularidade climática das regiões medi-terráneas. Tal contingência acabava por ter repercussões importantes na saúde de muitas pessoas. É o facto de que nos dá notícia, por exemplo, na cura 68ª da Primeira Centúria, que foi finalizada em Ancona, no ano de 1549, no tempo do Imperador Carlos V, onde descreve que um homem de trinta anos: “em plena canícula, que costuma surgir com o Leão, perdera o apetite, aborrecia as comidas, sentia amargor de boca e sofria de roeduras no estômago, com certa vertigem da cabeça”.⁹

O calor da comida era, por sua vez, utilizado, na alimentação normal das mulheres grávidas¹⁰ e quando adoeciam, em especial se tinham dores abdominais, uma das receitas consistia na mudança para uma alimentação fria.

Podem ainda ser citadas as referências às casas húmidas, com correntes de ar e com soalhos térreos e frios, presença quotidiana para muitos, que acabaram por adoecer, em tais circunstâncias. Esta questão já foi abordada noutra ocasião.¹¹ A presença dos elementos nos contextos das doenças sobressai em muitos casos, como por exemplo, quando aponta que “um romano quando regressava a casa com tempo invernos, mas com o vento a soprar a norte, foi atacado de grande febre”.¹² Situações relacionadas com algum dos elementos, por vezes com mais do que um ou até com todos ao mesmo tempo, atribuindo-se-lhe influência sobre o estado de saúde.

Como exemplo paradigmático cite-se, mais uma vez, a cura 27ª da Sétima Centúria, intitulada “*Da causa da peste que atacou Scopium*”¹³, onde a influência dos elementos teve um efeito poderoso. Esta cura foi já motivo de uma importante comunicação da Dra.

Adelaide Salvado¹⁴, cuja leitura é imperativa para quem quiser perceber bem a amplitude da sabedoria do médico de Castelo Branco.

E se a cotejarmos com outros relatos mais antigos encontramos então ideias comuns relacionadas com

a acção dos elementos, nessa perspectiva da vida quotidiana das pessoas. Trata-se pois de uma situação de catástrofe, pois há a eclosão de uma peste. Lucrécio, que viveu no primeiro século antes de Cristo (99 ou 95-55 A.C.), descreveu no *De rerum natura* (Da natureza das coisas), no Livro VI a peste que atingiu



Cecrópia. Se confrontarmos este texto com o relato de Amato Lusitano, encontramos linhas comuns de observação e de análise. Aliás, a descrição de Lucrécio reflecte, por sua vez, o célebre relato da peste de Atenas, escrito por Tucídides na obra *A Guerra do Peloponeso*. Lucrécio debruça-se sobre a causa das doenças e defende que as epidemias provinham da corrupção da atmosfera, que é a mesma explicação de Amato Lusitano.

Diz Lucrécio: “Uma epidemia causada por vapores mortíferos ocasionou horríveis estragos em Cecrópia e deixou desertos os seus campos e as suas cidades. Fez a sua aparição no centro do Egipto; pelo ar atravessou o espaço, pelo mar percorreu as distâncias e se estabeleceu nos muros de Pandión, cujos habitantes foram vítimas de repugnante doença ou de angustiosa morte”.

Para Amato Lusitano, “de qualquer forma que a peste surja, é preciso que os ares se infeccionem, para que a causa comum da peste seja o ar que inspiramos (...) quer por imundícies de animais selvagens ou abundância de cadáveres (...) ou por lagoas e charcos pestilentos ou por grutas, antros ou cavernas que expelem ares pestíferos. Disto provém a peste, ocasionando que se dê a corrupção e envenenamento atmosférico”.

Na epidemia da Macedónia “em cada dia morreram desgraçadamente umas trezentas pessoas atacadas de bubões e carbúnculos”.

Por seu lado, a descrição da peste, por Lucrécio, é de uma força impressionante. Nela perpassam os elementos com o seu poder absoluto sobre a vida e sobre a morte.

Também Amato Lusitano captou a mesma realidade. A terra que treme e a temperatura outonal, “os ares pestíferos” e “as lagoas e os charcos pestilentos”, simbolizam, neste caso e na visão de Amato, a força telúrica dos quatro elementos concertados na mesma direcção. E isto não é uma raridade. Pois as pessoas, no quotidiano tocado pela doença, eram também as vítimas do confronto dos elementos.

* Médico anestesista.

Bibliografia

1 Historia de la Ciencia - Vol. I - Antigüedad y Edad Media, dir. Felipe Cid, Editorial Planeta, Barcelona, 1977, p.p. 83-85.

2 Rilke, R. M., *Os cadernos de Malte Laurids Brigge*: “Por amor de um verso têm que se ver muitas cidades,

homens e coisas, têm que se conhecer os animais, tem que se sentir como as aves voam e que se saber os gestos com que as flores se abrem pela manhã”

3 Amato Lusitano, *Centúrias de Curas Mediciniais*, Volume I, Universidade Nova de Lisboa, p. 39.

4 Hipócrates, *Sobre la medicina antigua*. In: *Tratados Médicos*, Editorial Gredos, Madrid, p. 52.

5 Amato Lusitano, *Centúrias de Curas Mediciniais*, Volume I, Universidade Nova de Lisboa, p. 59.

6 Ibid. p. 62

7 Ibid. p. 63

8 Ibid. p. 130

9 Ibid. p. 198

10 Ibid. p. 199

11 Marques, A. L., A água e a vida quotidiana... In: *Cadernos de Cultura “Medicina na Beira Interior - da pré-história ao séc. XX”*, n.º 13, p.p. 19-21.

12 Amato Lusitano, *Centúrias de Curas Mediciniais*, Vol. IV, p. 247.

13 Ibid. p.p.242-247.

14 Adelaide Salvado, M., Catástrofes naturais na visão de Amato Lusitano. In: *Cadernos de Cultura “Medicina na Beira Interior- da Pré-história ao século XX”*, n.º 6, Castelo Branco, p.p. 15-19.

RELACIONES DE SALAMANCA CON LA BEIRA INTERIOR

José Miguel Santolaya Silva*

Por fin, las relaciones de Salamanca con la Beira Interior podrán “viajar” más comodamente por la “autovía” que une la capital del Tormes con Portugal. Recientemente fue aprobado el presupuesto por la Junta de Castilla y León para terminar el tramo de la carretera Nacional 620 que aún queda y ha tardado muchos años en concluirse...tiempo que se ha cobrado centenares de víctimas, y los innumerables gastos que ello supone, amén, irreparables vidas humanas, la mayoría jóvenes matrimonios con hijos incluidos. Muchos años (levamos luchando desde nuestra humilde posición para que este sueño se convirtiera en realidad y que por fin - muy tarde graznaron los buhos - veremos cumplido. Vayan en estas letras nuestro respeto y dolor a los centenares de víctimas y familiares de ambas partes que dejaron sus vidas en el asfalto.

Repasando la agenda de actividades y logros conseguidos a lo largo de estos meses, constatamos que el balance es más que positivo habiéndose logrado grandes hitos para fortalecer los cimientos de unas relaciones más fluidas y sólidas entre ambas regiones y países con bases en Salamanca y Beira Interior.

Dentro del plano científico hay que destacar la importancia que han despertado las Jornadas de Estudio sobre el Tratamiento del Dolor, realizadas en Covilhã, Fundão y Lisboa, con la participación de médicos e investigadores de primer nivel, todo ello capitaneado por el incansable Dr. António Lourenço Marques que ha sabido llevar magistralmente los trabajos y estudios científicos desde el Hospital Distrital de Fundão a las universidades de Salamanca e Beira Interior; jugando un papel importantísimo en el apoyo de la primera cátedra sobre el dolor que se ha creado en la Universidad de Salamanca del la mano del Professor Clemente Muriel y colaboradores.

Dentro del mundo literario y editorialista, vieron la luz tres neófitos de oro: en Lisboa y en el Centro Cultural de Belén se presentó el libro científico sobre el Tratamiento del Dolor, recopilación de vario

especialistas que participaron en las Jornadas de Covilhã . Todo un éxito a nivel científico y de la investigación que llevó a la capital atlántica, el trabajo y la primicia sobre los últimos adelantos en el Tratamiento del Dolor.

En el Ayuntamiento de Salamanca y ante un ramillete de intelectuales se presentó el poemario del poeta albicastrense Antonio Salvado. Es una recopilación antológica de parte de su obra que enlaza en el tiempo con los clásicos griegos con los tiempos actuales “Domínios de la Mirada” abarca noventa y cinco poemas traducidos por Alfredo Pérez Alencart, que publica esta edición.

La Embajada de España en Lisboa fue testiga de la presentación del libro “Camões Amor Semente”, recopilación amorosa de la obra camoniana realizada por Gonçalo Salvado, ilustrada por Ambrosio y prologada por Mendo Castro Henriques y el que suscribe. Publicación asumida íntegramente por Caja Duero de Salamanca. A estos tres libros hay que añadir el presentado en la Universidad de Coimbra “Historia de la Literatura Portuguesa”, trabajo coordinado por José Luis Gavilanes Laso, presente en la Beira desde las Jornadas celebradas en Thermas de Monfortinho, y organizadas por el Jornal do Fundão.

La joya de la corona fue la presentación de largo de la revista *Petrínia*, homenaje a Claudio Rodríguez, poeta zamorano que falleció recientemente. Esta bellísima aportación al mundo de la poesía que engloba a poetas portugueses, españoles fue coordinada por Pedro Salvado entre otros colaboradores, con traducciones de poemas de Claudio Rodríguez, por António Salvado.

En el campo comercial fueron intensas y variadas las reuniones de las diferentes Câmaras de Comercio, encaminadas al turismo; ferias y productos típicos - artesanales y manufacturados. Capítulo y estudio que bien merece una atención más detallada en su momento.

Por último, si las relaciones dentro de los estudios

científicos sobre el Tratamiento del Dolor están dando sus frutos, podemos decir que con la Cátedra de Historia de la Medicina de la Facultad de Medicina de la Universidad de Salamanca se han cimentado a lo largo de estos últimos años de la mano de su catedrático y Vicerrector Antonio Carreras Panchón.

Y para terminar nuestra enhorabuena a la creación del Centro de las Artes Belgais, con la dirección de la grande pianista Maria João Pires, donde ya se están formando músicos de todo el mundo entre ellos cinco españoles. Belgais será el Templo de las Artes, todo un regalo para los beiranos y en especial para Castelo

Branco. Por su parte la Câmara Municipal de Castelo Branco ofreció totalmente restaurado el Teatro Avenida, el mejor regalo fin de siglo que han podido recibir los albicastrenses de la mano de su incansable presidente Joaquim Morão, que una vez más ha demostrado su efectividad y preocupación por la cultura. Que la diosa de Talia traiga muchas obras cimentando las relaciones que es en definitiva nuestra meta final.

* *Jornalista*

ESCRITOS MAIORES E MENORES SOBRE EGAS MONIZ¹

João Rui Pita²
Ana Leonor Pereira³

Egas Moniz (1874-1955) é uma das figuras mais relevantes da história da medicina portuguesa. Em 1945 foi galardoado com o Prémio de Oslo, pela descoberta da angiografia cerebral. Em 1949 foi distinguido com o Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia pela invenção da leucotomia pré-frontal. Oportunamente celebraram-se cem anos e os cento e vinte e cinco anos do seu nascimento, bem como os cinquenta anos da atribuição do Prémio Nobel ao cientista português. Outros aniversários de factos memoráveis da vida e da obra de Egas Moniz estão prestes a chegar.

Embora não haja em Portugal uma tradição fortemente enraizada de estudos na área da história das ciências, nem, por regra, se possa ainda falar em exclusividade profissional nesta área, é inegável que o caso de Egas Moniz foi e continua a ser alvo de estudos e de testemunhos abundantes e diversificados. Por ironia, tal quantidade e variação de qualidade convidam o estudioso à prática da história da história deste marco histórico nacional e internacional da medicina.

No presente artigo pretende-se apenas dar uma amostra da base material que pode sustentar a construção historiográfica de diferentes imagens da obra moniziana, tanto na frente sincrónica como na dimensão diacrónica. É grande a tentação de isolar a obra científica de outras facetas e actividades de Egas Moniz, aparentemente desligadas da investigação e da clínica médicas. Mas,

neste caso, e atendendo ao nosso escopo, esse método é inadequado pois introduz fronteiras artificiais,



divide o que é uno e assim atraiçoa a auto-apresentação de Egas Moniz bem como a sua representação resultante dos inúmeros textos escritos em sua homenagem e que integram a memória e a história da medicina.

É vasta e polémica a obra científica de Egas Moniz. Ela deve muito à actividade clínica do médico mas também deve algo a Egas Moniz político em sentido lato e não apenas ao autor de *Um ano de política* (1919). A obra científica do primeiro Prémio Nobel português torna-se mais polissémica se for lida através de um Egas Moniz estudioso e crítico de arte que nos legou trabalhos como *Ao Mestre Malhoa* (1929), *Os pintores da loucura* (1930), *Maurício de Almeida - escultor* (1943), *Guerra Junqueiro* (1949), *Silva Porto* (1950), *Abel Salazar* (1950), *O solitário de Amarante* (1951), etc.. Igualmente, a obra científica de Egas Moniz reforça a sua carga semântica na presença dos textos monizianos de história da medicina como, por exemplo, *Os médicos no teatro vicentino* (1937), *Ricardo Jorge* (1939), *No cinquentenário de Brown Séquard* (1944), *Ramom y Cajal, Uma doutrina e uma época* (1948), *O abade de Baçal* (1948), *Os últimos anos de Ramom y Cajal* (1952), etc.. Não menos significativo é o enriquecimento que a obra científica recebe de um Egas Moniz amante dos jogos de cartas (particularmente do boston) e escritor de uma *História das Cartas de Jogar* (1ª edição, 1942); de um Egas Moniz crítico literário, autor de obras como *Júlio Dinis e a sua obra* (1924), *A necrofilia de Camilo Castelo Branco* (1925); de um Egas Moniz autor da opereta, *A nossa aldeia* (1920); ou até de um Egas Moniz apreciador da boa cozinha. E, não esqueçamos que a obra de Egas Moniz, *Ao lado da medicina* (1940) faz corpo com a sua actividade médica e científica. Não é um livro estranho ao esforço moniziano de inovação científica.

Tenha-se igualmente presente que o caminho mais fácil e mais directo para se compreender a projecção científica internacional de Egas Moniz é aquele que parte do próprio autor, da sua iniciativa alimentada pelo conhecimento das relações de "parentesco" que sempre se desenvolveram entre o poder e o saber. Neste sentido, o vasto espólio de manuscritos existentes na Casa Museu, em Avanca, tem muito para acrescentar à memória do seu percurso que o próprio Egas construiu em *Confidências de um investigador Científico* (1949) e em *A nossa casa* (1950).

Por outro lado, este referente assim construído pode servir de termo de comparação com as diferentes avaliações e destinos da obra moniziana nos últimos 50 anos. Assim ganha toda a viabilidade a história da história da medicina num país que, como dissemos, ainda não alcançou o nível profissional exigido pela prática científica da história da medicina.

Sobre Egas Moniz, em cinco ou seis décadas,

vieram a público inúmeros artigos e trabalhos de valor e consistência variáveis. Entre os estudos realizados, merece destaque a publicação feita pela Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz. É de considerar, também, a recente publicação da obra de Ana Leonor Pereira, João Pita e Rosa Maria Rodrigues, intitulada *Retrato de Egas Moniz* (1999), bem como a obra colectiva *Egas Moniz em livre exame*, uma colectânea de estudos sobre Egas Moniz a aguardar publicação.

A investigação que temos em curso permite-nos classificar os textos sobre Egas Moniz em dois grandes grupos: os escritores maiores e os escritos menores. Ou seja: sobre Egas Moniz foi publicada imensa bibliografia, apresentando alguns trabalhos a consistência exigida pela historiografia no que toca à investigação realizada, bem como à escrita do próprio texto. Outros artigos podemos classificá-los como divulgativos, nem sempre escritos de acordo com as regras mínimas de apresentação de trabalhos de história e algumas vezes com imprecisões factuais, e com utilização de dados que as fontes não confirmam.

Alguns destes pequenos artigos fazem mesmo um jogo intencional entre os dados do arquivo histórico e a fantasia literária para obter efeitos psicológicos no público leitor. Alguns cumprem os objectivos visados mas não são propriamente trabalhos historiográficos de referência. Obviamente, a história da história da ciência deve analisá-los ao nível das imagens construídas, do impacto social e da função cultural exercida.

Entre os trabalhos gerais biográficos sobre Egas Moniz, além do referido *Retrato de Egas Moniz*, assinalem-se, outros textos que versam alguns aspectos biográficos particularmente interessantes da vida de Egas Moniz. Entre eles podem referir-se os trabalhos sobre a vida académica de Egas Moniz, como, por exemplo, de Gomes Zurara, *O primeiro Prémio Nobel português aluno dos Jesuítas* (1951), de Armando Tavares de Sousa, *Egas Moniz, Escolar e Doutor pela Universidade de Coimbra* (1974), de Mário Silva, *Egas Moniz estudante de Coimbra* (1974) e de Divaldo Gaspar de Freitas, *O estudante coimbrão Egas Moniz* (1978).

Cruz Malpique publicou alguns artigos sobre Egas Moniz como por exemplo, **Egas Moniz. Um paradigma como professor-investigador universitário. Considerações marginais** (1969), José Tavares publicou *O meu convívio com o Doutor Egas Moniz* (1975) e *Inauguração da "Casa Museu" de Egas Moniz, em Avanca* (1968) e Seabra-Dinis preocupou-se com a personalidade do Prémio Nobel como se comprova, por exemplo, no artigo *Alguns aspectos da Personalidade de Egas Moniz* (1950) e no trabalho *Neuropsiquiatras portugueses* (1966). Alberto Rego publicou *Egas Moniz visto por um condiscípulo* (1939).

Um rol variado de artigos biográficos ou pequenos apontamentos biográficos sobre Egas Moniz pode ser referido. Alguns deles são da autoria de seus contemporâneos ou seus colaboradores sendo, muitas vezes, textos de memória ditados pelo coração. A variedade de autores é grande e a preocupação com Egas Moniz é pontual no sentido em que não constitui um projecto continuado e regular de investigação. Entre uns e outros podem citar-se, como exemplos os trabalhos de azevedo Neves, *O professor Egas Moniz* (1944); Diogo Furtado, *Egas Moniz* (1944); Falcão Machado, *A vida e o labor científico de professor Dr. Egas Moniz. 50 anos ao serviço da humanidade* (1944); Almeida Garrett, *Egas Moniz, Prémio Nobel* (1949); Sebastião José de Carvalho, *Egas Moniz* (1950); Gerhard Koch, *Egas Moniz - Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia. Vida e obra* (1950); Jorge Torquato de Freitas, *Professor Egas Moniz. Homem de ciência. Homem de letras* (1950); Augusto Fernandes, *Egas Moniz íntimo. Bibliografia científica e literária de Egas Moniz* (1954); Iracy Doyle, *Egas Moniz e o espírito do tempo* (1956); John F. Fulton, *Egas Moniz (1874-1955). Nobel Laureate* (1956); Joaquim Pacheco Neves, *O professor Egas Moniz* (1956); Cid dos Santos, *Egas Moniz* (1956); Juvenal Silva Marques, *Egas Moniz e o Brasil* (1957); M. Azevedo Fernandes, *Egas Moniz, Alguns aspectos da personalidade do cientista* (1957); Fernando R. Nogueira, *Egas Moniz: a sua glória e uma pergunta* (1972); Fernando Amaral Gomes, *Egas Moniz, a sua obra e o futuro da psicocirurgia* (1973); Aleu Saldanha, *Egas Moniz - o cientista e o homem* (1974); A. Dos Santos Ferreira, *Egas Moniz e o Instituto de Anatomia Normal da Faculdade de Medicina de Lisboa* (1974); Eduardo Cerqueira, *Uma faceta olvidada de Egas Moniz* (1975); Gama Brandão, *Egas Moniz - espírito múltiplo e universalista* (1975); Frederico de Moura, *Egas Moniz - o investigador e o homem no polimorfismo dos seus interesses intelectuais e Humanos* (1975); Daniel Nobre Mendes, *Egas Moniz - O Homem e o Cientista* (1978); Aleu Saldanha, *Egas Moniz, O cientista e o homem* (1978); Mário Mota, *Egas Moniz, o Nobel português* (1978); J. Leme Moniz (1981); *No catálogo da Exposição Itinerante da Obra de Egas Moniz e Reynaldo dos Santos - Catálogo, 1982-1983* (catálogo com algumas gralhas e imperfeições) organizada pela sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear, António Manuel Gonçalves inseriu uma biografia de Egas Moniz. Luís Cabral Adão, *Egas Moniz* (1986); Levi Guerra, *Prof. Egas Moniz* (1987).

Muitos outros trabalhos de menor dimensão, embora não menos interessantes, têm tido como base a obra de Egas Moniz. Alguns são publicados em períodos da especialidade, outros na imprensa em geral. É o caso de, por exemplo, Dias Amado, *O Prof. Egas Moniz e a investigação científica* (1950); P. Donaciano

de Abreu Freire, *Egas Moniz. No centenário do seu nascimento (29.11.1874)* (1974), Pedro Luzes, *Não reduzir Egas Moniz à leucotomia* (1974), Juvenal Silva Marques, *Egas Moniz e o Brasil* (1978).

Em 1999, a propósito do cinquentenário da atribuição do Prémio Nobel a Egas Moniz, a imprensa periódica publicou muitos trabalhos dispersos com abordagens desiguais e que constituem uma interessante matéria prima para o historiador do futuro. Entre os trabalhos de maior divulgação podem referir-se os textos de Clara Pinto Correia, *Uma questão de respeito* (1999); de Nuno Grande, *Egas Moniz, cinquenta anos* (1999) e *Egas Moniz, e a investigação clínica* (2000). A imprensa diária ou semanária realizou reportagens e preparou dossiers variados com textos sobre a vida e a obra de Egas Moniz, podendo referir-se como exemplos Teresa Costa, *50 anos do Prémio Nobel* (1999); Ana Sousa Dias, *O prémio polémico. Há 50 anos, o Nobel da Medicina foi para um trabalho inovador que a ciência veio a abandonar* (1999); Eugénio Pinto, *Casa Museu Egas Moniz. Um ambiente de génio* (1999); António Valdemar, *Efeméride Egas Moniz* (1999) e *Egas Moniz: inovador e conservador* (1999).

Com preocupações historiográficas e cultivando a neutralidade possível, refiram-se os textos de A. Rodrigues Trindade, *1949-1999: no cinquentenário do 1º Nobel Português* (1999); Luís Portela, *Egas Moniz* (1999); Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, *Egas Moniz. A propósito do cinquentenário da atribuição do Prémio Nobel ao cientista português* (1999); Carlos Fiolhais, *Egas Moniz, Ciência e Paixão* (2000).

Outros textos, especialmente apologéticos e laudatórios, sobre a vida e a obra de Egas Moniz, têm sido publicados ao longo das últimas décadas em periódicos especializados. Estes, só por si, merecem um denso capítulo na história da história de Egas Moniz. Nesta qualidade podem referir-se os artigos de Maximino Correia, *Glória ao sábio português* (1949); Pereira Forjaz, *Egas Moniz e a ciência portuguesa* (1949); Júlio Dantas, *Egas Moniz, o sábio e o homem* (1956); Ivolino Vasconcelos, *Egas Moniz, um dos mais altos génios da medicina moderna e um dos grandes benfeitores da Humanidade* (1956); Acácio Tavares, *Egas Moniz - um sábio com alma de poeta* (1966); Oliveira Santos publicou *Contribuição para as homenagens a Egas Moniz na passagem do seu centenário* (1974); Raúl Gonçalves, *Egas Moniz, cidadão do mundo* (1975); Rosa Maria Rodrigues abordou *Egas Moniz na cultura e na arte* (1999); Luís Aragão, *Há 50 anos, recebia o Nobel da Medicina: um nome para a História* (1999).

Entre os trabalhos biográficos sobre Egas Moniz merece referência muito especial o estudo clássico de Barahona Fernandes intitulado *Egas Moniz, pioneiro de descobrimentos médicos* (1983) obra que continua a ser referência chave neste campo. De resto, deve assinalar-se que Barahona Fernandes redigiu uma

vasta série de artigos sobre o cientista português, trabalhos de qualidade que problematizam a obra de Moniz e que revelam uma reflexão profunda sobre a obra do Prémio Nobel, sobretudo sobre as questões que se prendem com a leucotomia pré-frontal. Entre eles citem-se, por exemplo, *A propósito da leucotomia pré-frontal de Egas Moniz*, (1944), *O problema das modificações da personalidade na leucotomia pré-frontal. Ensaio. Dedicado ao Prof. Egas Moniz* (1949), *Prof. Egas Moniz, Prémio Nobel de Medicina* (1949), *Professor Egas Moniz* (1949), *Egas Moniz* (1956), *Egas Moniz - Personalidade e Obra* (1956), *Egas Moniz and the pre-frontal leucotomy* (1959), *Recordando Egas Moniz* (1974), *Egas Moniz, cientista, criador e homem social* (1978), *Sentido Pedagógico da Obra de Egas Moniz* (1981).

Almeida Lima o principal colaborador de Egas Moniz, no que diz respeito à execução das intervenções cirúrgicas, também se dedicou à história da actividade científica de Egas Moniz, tendo publicado trabalhos, alguns deles ainda em vida de Egas Moniz, como, por exemplo, *A personalidade e a obra do Professor Dr. Egas Moniz* (1949), *Duas contribuições da neurologia portuguesa (angiografia cerebral e leucotomia pré-frontal)* (1950), *O 25º aniversário da angiografia cerebral* (1952), *Apperçu historique de l'angiographie cérébrale* (1952), *Egas Moniz* (1956), *Egas Moniz. Investigador científico* (1956), *A lição de Egas Moniz* (1956), Em homenagem a Egas Moniz (1957), Platão, Roger Bacon, Egas Moniz - A propósito do tratamento cirúrgico das doenças mentais (1973), *O centenário de Egas Moniz* (1974), *Para sempre na história da medicina* (1974) e *Egas Moniz, o Homem, a Obra, o Exemplo* (1978).

Eduardo Coelho ocupou-se com frequência do sentido moral e pedagógico da actividade e da obra de Egas Moniz. Sobre estas temáticas podem referir-se os trabalhos *A última lição do Prof. Egas Moniz* (1944), *A vida de Egas Moniz* (1950), *O sentido da cultura e da investigação científica em Egas Moniz* (1957), *A missão universitária de Egas Moniz* (1964).

António Flores, que sucedeu na cátedra a Egas Moniz redigiu alguns trabalhos sobre a actividade científica do seu antecessor podendo apontar-se os seguintes artigos: *O professor Egas Moniz e a sua obra* (1944), *Cinquenta anos de neurologia* (1953) e *As descobertas de Egas Moniz no V Congresso Internacional de Neurologia* (1954).

Também o seu discípulo Miller Guerra escreveu diversos trabalhos sobre Egas Moniz podendo referir-se *O centenário do Prof. Egas Moniz: o único Prémio Nobel português* (1974), *Egas Moniz* (1978) e *A obra científica de Egas Moniz* (1981).

Augusto d' Esaguy, grande divulgador médico, abordou, igualmente, a obra de Egas Moniz como, por exemplo, no trabalho *Leucotomia Pré-Frontal* (1949).

A influência de Egas Moniz na psiquiatria portuguesa foi focada, por exemplo, por Adriano Vaz Serra em *Egas Moniz: análise histórica da sua contribuição para a psiquiatria* (1974); Miguel Serras Pereira, *Egas Moniz e a psicocirurgia* (1974); Pedro Polónio, *Egas Moniz e a terapêutica psiquiátrica* (1978).

O tema da radiologia em Egas Moniz foi explorado por Albano Ramos, por exemplo, em *Egas Moniz criador de radiologia* (1978) e por Ayres Sousa, *A descoberta de Egas Moniz no progresso da radiologia* (1950). A contribuição de Egas Moniz para a pneumologia foi estudada por Octávio Ribeiro Rato, como se pode ver no trabalho *Contribuição de Egas Moniz à pneumologia* (1978). Especificamente sobre a angiografia e a criação da escola portuguesa de angiografia podem citar-se os trabalhos de Reynaldo dos Santos, *Egas Moniz e a sua descoberta da arteriografia cerebral* (1940), de Aleu Saldanha, *A Escola Portuguesa de Angiografia* (1977); de Ayres de Sousa, *Egas Moniz e os problemas técnicos da angiografia* (1978) e *Génese e evolução da angiografia - a propósito do cinquentenário da descoberta de Egas Moniz* (1978).

A. Castro Caldas tem abordado o Centro de Estudos Egas Moniz, por exemplo no artigo *A criação do Centro de Estudos Egas Moniz* (1984).

Nos últimos anos merecem referência os trabalhos publicados por João Lobo Antunes nomeadamente os capítulos de livros *As cartas de Egas Moniz para Almeida Lima* (1996), *Egas Moniz homem de letras* (1999), *Psicocirurgia - Uma história* (1999), textos que cruzam a actividade científica e a condição intelectual de Egas Moniz. Igualmente dignos de registo são os trabalhos de António R. Damásio, *Egas Moniz, pioneer of angiography and leucotomy* (1975), uma rigorosa síntese sobre a obra científica de Egas Moniz. Júlio Machado Vaz estudou o impacto da obra de Egas Moniz na sexologia, tendo publicado *Egas Moniz e a sexologia* (1997). J. Azeredo Keating, publicou *Egas Moniz. As luzes e as sombras* (1999). Esta lista não está completa. Outros trabalhos de qualidade foram estampados mas não os referimos porque ainda não os pudemos ler atentamente.

Também alguns autores estrangeiros se têm dedicado à vida e à obra de Egas Moniz, tendo dado à estampa em Portugal alguns dos seus trabalhos. Walter Freeman, cientista norte-americano, grande impulsionador da leucotomia pré-frontal, forte aliado de Egas Moniz, foi um dos vários estrangeiros que publicaram trabalhos sobre a história da actividade científica de Moniz. Publicou alguns textos em Portugal e no Brasil como, por exemplo, *Psychosurgery - After fifteen years* (1950), *The contributions of Egas Moniz - An appreciation from America* (1955), *La science et la psychochirurgie* (1956) e *O vagaroso desenvolvimento da leucotomia pré-frontal em Portugal* (1978). Outros nomes podem ser apontados como,

por exemplo, Geoffrey Jefferson, *Retrospect on the contribution of Prof. Egas Moniz to surgical neurology* (1956); J. Lopez-Ibor, *La significación de Egas Moniz en la psiquiatria contemporánea* (1956); Norman Dott, *Life and Work of Egas Moniz* (1967); Alfonso Asenjo, *António Egas Moniz, Humanista y Maestro* (1977); Paul C. Bucy, *Egas Moniz a Portuguese Pioneer - His Contributions to Neurology and Psychiatry* (1977); A. Earl Walker, *The Historical Setting for the Advent of Psychosurgery* (1977); Oscar Moraes Landivar, *Egas Moniz - su aporte a la medicina* (1978); Luís Sanchez Granjei, *Egas Moniz: a leucotomia. Os Grandes passos da medicina segundo os seus protagonistas* (1978).

Sobre a relação de Egas Moniz com a literatura e a arte, podem referir-se os textos de Joaquim Leitão, *Egas Moniz, escritor* (1940); de Alexandre Cabral, *Aspecto literário da obra do Professor Egas Moniz. Prémio Nobel 1950* (1950), Frederico José Peirone redigiu *Três cartas inéditas de Egas Moniz ao poeta Afonso Lopes Vieira* (1956), Mário Mota, *Médicos escritores: Egas Moniz* (1974), A. Soares Amora, *Egas Moniz Crítico literário* (1978), Maria de Lourdes Belchior, *Egas Moniz - Rigor e intuições do homem de letras* (1978), José de Azeredo Perdigão, *O Doutor António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz, amador de arte* (1978), A. C. Pacheco e Silva, *Egas Moniz - Sábio e escritor* (1978) e Braga Paixão escreveu *Egas Moniz nas Letras* (1978). Fernando Mendonça organizou em 1999 um livro que congrega textos de *Egas Moniz, Três ensaios sobre pintura*. Joaquim Montezuma de Carvalho publicou *Um texto não conhecido do Nobel Egas Moniz sobre Pascoaes* (2000).

Sobre Egas Moniz e a política, cite-se, por exemplo, Caeiro da Mata, *Egas Moniz, homem de Estado* (1940); Cruz Malpique, *Egas Moniz, o político - no centenário do seu nascimento (1874-1974)* (1974); Mário Silva, *Egas Moniz - político e diplomata* (1974). Victor de Sá deu à estampa em 1975 o artigo *A personalidade política de Egas Moniz*. Merecem referência, também, os estudos dispersos coligidos em livro de António Macieira Coelho, *Egas Moniz. Perfil político* (1999).

Sobre o Ex-líbris de Egas, veja-se, por exemplo, Conde Azevedo *O Ex-Líbris do Dr. Egas Moniz* (1927) e, também, António Macieira Coelho, *O Ex-Líbris do Prof. Egas Moniz* (1999).

Do que foi exposto e da investigação que temos em curso concluímos que é extensa e diversificada a bibliografia sobre Egas Moniz. Contamos já com umas largas centenas de títulos sobre Egas Moniz estampados nos últimos sessenta anos. Por isso, temos como imperativo prioritário organizar, classificar e tipificar toda a bibliografia sobre Egas Moniz, tomando-a como fonte num projecto de história da história da medicina. Fonte no sentido de documento histórico e de matéria prima para a construção das imagens e dos juízos que a história foi produzindo sobre Egas Moniz. Acrescentamos apenas que, com frequência, surgem na nossa investigação trabalhos laudatórios e apologéticos, quase hagiográficos sobre Egas Moniz e que obviamente não reflectem sobre os aspectos polémicos das suas invenções científicas. São textos demasiado gremiais, encerrados sobre si próprios, mas fulcrais para a construção historiográfica da cultura da comemoração e dos cientistas enquanto heróis culturais (*"Scientists as Cultural Heroes"*, Osiris, 1999).

¹ Pesquisa integrada no projecto de investigação em curso, *Repertório Bibliográfico da Historiografia Sanitária Portuguesa* (Séc. XVIII-XX). *Problemáticas e Fontes Especializadas / SANISTÓRIA (Praxis/P/13114/1998)*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ministério da Ciência e Tecnologia). A referência completa da bibliografia indicada no texto pode ser consultada em obra da nossa autoria a editar brevemente.

² Professor da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra. Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, CEIS 20 / Grupo de História e Sociologia da Ciência.

³ Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigadora do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, CEIS 20 / Grupo de História e Sociologia da Ciência.

A MEDICINA NA ESCRITA

João-Maria Nabais*

Constrói com as tuas mãos o dia de hoje
que amanhã veloz o tempo não será
igual à força do momento agora...
(...)

António Salvado

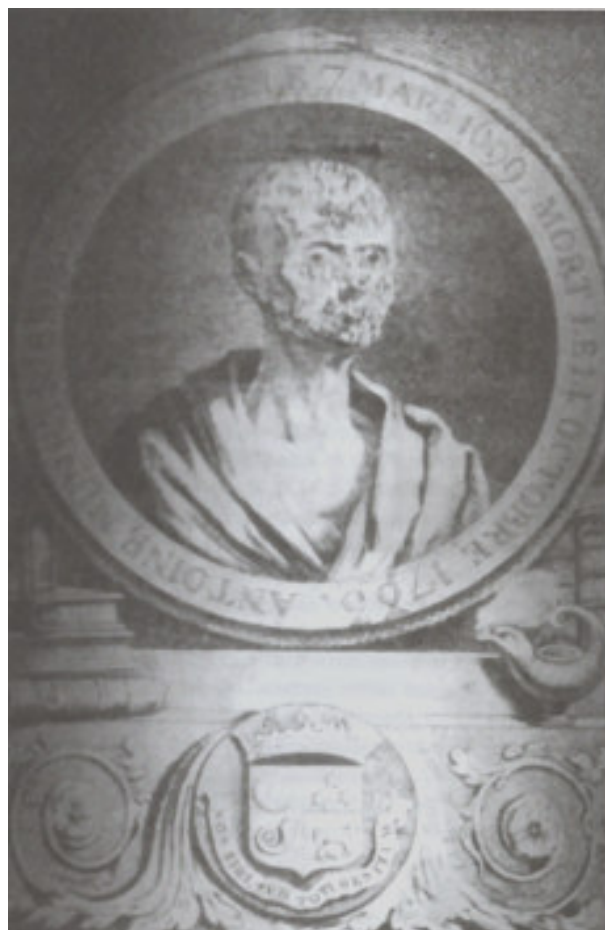
Eu já perguntei a mim próprio, muitas vezes, qual será o motivo para a existência de tantos médicos, não só hoje, mas igualmente através dos tempos, da história da Medicina, com uma singular tendência para as Artes.

Existe um número significativo destes profissionais de saúde, médicos que num momento qualquer de suas vidas (vá lá saber-se o motivo) começaram a dedicar-se também, a outros ofícios, atingindo uma notoriedade tal que ofuscou em definitivo, e, muitas das vezes irremediavelmente, a sua actividade médica, passando a ser conhecidos no futuro, apenas e só, pelas segundas opções.

Quem de entre nós diria que o único Papa português da História, o **Papa João XXI** (Pedro Hispano - que viveu no século XIII), foi além de médico, escritor e professor em várias universidades estrangeiras; assim como **Pedro Nunes**, mais conhecido como matemático e cosmógrafo; **Garcia de Orta**, pioneiro da Farmacologia; **Amato Lusitano** precursor da circulação sanguínea, com a descoberta do sistema de válvulas nas veias; **Ribeiro Sanches**, um dos primeiros higienistas (fig. 1).

Mais recentemente destaco entre os mais conhecidos, pelo menos de nome, os seguintes escritores: **Júlio Dinis**, **Júlio Dantas**, **Egas Moniz** (o nosso primeiro prémio de Nobel), **Fernando Namora**, **Agostinho Neto**, **Miguel Torga**, e tantos, tantos outros, numa lista de personalidades que só em Portugal alcançará um número ainda difícil de determinar, mas sempre na ordem, de algumas centenas.

Sem dúvida que a Medicina e a Escrita têm andado



muito frequentemente de mãos dadas parecendo que uma e outra se estimulam, mutua e reciprocamente, ao longo dos tempos

O Médico-Escritor

O número de médicos que se tem dedicado à Literatura é elevado.

Muitos atingiram a fama e reconhecimento mundial tornando-se vultos da Humanidade. São entre outros:

Albert Schweitzer (grande humanista, escritor, músico, além de médico tendo em 1954 ganho o Prémio Nobel da Paz); **Anton Tchekhov** (escritor russo de genialidade mundial); **Conan Doyle** (célebre novelista, criador do famosíssimo Sherlock Holmes); **Axel Munthe** (autor aclamado de O Livro de St. Michael); **André Breton** (poeta, mentor do movimento surrealista); e muitos, muitos outros.

Entre nós, como referi, ultrapassa o meio milhar, mas a grande maioria não atingiu o mínimo de divulgação e, se conseguiram publicar algum trabalho, este encontra-se perdido no silêncio do pó, das estantes e nos arquivos das bibliotecas.

Esta tendência do médico ser escritor é historicamente tão evidente (pois existiu sempre uma certa relação entre a Medicina e as Artes), em comparação com as demais profissões, ex.: os advogados que têm associado, um grande número dos seus pares ao exercício da escrita, não conseguiram mesmo assim, o brilho e o nível literário, de alguns médicos.

E, o que é curioso que sendo o médico um elemento activo, quase sempre atarefado e, normalmente competente na sua profissão, só se irá encaminhar para um destino, ao encontro ou com a escrita, em duas condições - ou já possui tal tendência quando escolheu ser médico, ou a adquiriu após a sua formação.

Mas porque é que o médico é também muitas vezes

escritor ? Penso que não existe uma resposta simples e linear.

O primeiro acto médico terá surgido na necessidade de fazer qualquer coisa pelo homem enfermo, numa relação mágica e de encantamento, pelo mistério da vida e da morte (fig.2), que em determinadas circunstâncias, ainda se mantém nos nossos dias.

E todos nós vivemos na esperança do progresso infinito da Medicina, mas também ainda se morre com

a precariedade e fracasso, dessa mesma esperança.

Actualmente, temos exemplos que cheguem da evolução da Medicina nos últimos anos, com a extensão dos cuidados de saúde a toda a população e a melhoria global das normas de saúde pública, no plano da higiene, alimentação, vacinação, além de um acréscimo acentuado na esperança de vida, pelas novas técnicas de tratamento médico-cirúrgico.

Ainda assim surgem e subsistem antigos e novos fantasmas que perturbam e inquietam o Homem, ex.: sida, hepatite b, doenças da civilização (stress); já para não falar



do trabalho precário, desemprego, etc..

Sabe-se que cada vez mais, uma percentagem significativa de doentes que recorre aos cuidados de saúde primários, nos centros de saúde, ou aos serviços de urgência, apresenta uma constelação de sintomas, de evidente significado psicológico, em que os problemas do dia-a-dia da vida se manifestam como queixas médicas; ou ainda por uma mistura de

transtornos psico-sociais e somáticos que irão interferir de um modo mais ou menos directo no tratamento, e influenciar em absoluto o prognóstico.

Aliás, tanto por parte do paciente como do médico, a enfermidade é sempre um acto cultural e varia com as condições socio-culturais de cada região.

É singular que o Homem que escolhe como carreira profissional uma actividade dedicada ao próximo, com o fim principal de aliviar-lhe, a dor e o sofrimento sejam estes quais forem, num verdadeiro acto de sacerdócio, atinge um perfil espiritual único que estimula no médico, a busca de outros caminhos e, alarga o seu horizonte para novas capacidades e outras experiências que de início não se sentiria, provavelmente habilitado.

A sua formação académica representa uma acção significativa na afeição do médico à Arte, assim:

? As ciências descritivas como a Anatomia, a Histologia estimulam o espírito de observação e a sua capacidade narrativa.

? As disciplinas do espírito, por outro lado, como a Deontologia, a Psicologia, a Psiquiatria revelam os mistérios do psico e cultivam-no ao seu convívio.

O médico na sua prática diária convive com a vida, com ou sem doença (*a arte de curar*) tentando manter o seu doente com saúde, e se possível, adiar *sine die*, o inevitável tempo da morte.

O escritor aparece e desenvolve a sua criatividade, pela necessidade de libertar-se através da expressão literária, da angústia que sentiu, assimilou, e experimenta, ao caminhar pelos *destinos da humanidade*; e, ao conviver ainda, com todo o tipo de vicissitudes, numa espécie de *mundo cão* real.

O médico absorve intrinsecamente essa angústia que é superior às suas próprias forças, pela intranquilidade interior permanente, a que todos os dias está sujeito.

Os doentes *despem-se* perante o seu médico, com um conjunto de sentimentos por vezes contraditórios, em que está, quase sempre presente uma sentida angústia e, em muitas ocasiões poderá ser mesmo, intensamente dolorosa.

O médico vive indubitavelmente nesse ambíguo, meditativo e místico, equilíbrio instável, em que se juntam simultaneamente - *saúde / doença; esperança / desespero; eficácia / impotência, certeza / dúvida; prazer / dor; ordem / decomposição, etc.*

O médico, que também é escritor, tem um sentir especial perante:

- O contacto quotidiano com o sofrimento e a morte
- O mistério da relação entre a Vida e Morte

O sofrimento é só por si, uma chama que livre, acende e estimula, o fogo da criação literária.

O verdadeiro escritor, assim como o médico, são também criadores por excelência, de Vida!

E, esta inquietação permanente vai desenvolvendo uma ansiedade única que origina o *médico-escritor*-

são as insónias das noites de angústia, a disponibilidade total a cada momento, a luta contra o risco e o perigo, o respeito pela vida mas também o saber aceitar a morte com dignidade, e também a satisfação imensa do triunfo.

É esta atitude médica para compreender os estados de alma, perante a doença e a morte que a literatura pode falar melhor que a ciência; possivelmente, porque se consegue aproximar de uma abstracção (ou meditação) total, ou pelo menos falar e entender essa mesma experiência, de uma forma mais livre.

E eu, que sempre gostei de escrever, tenho-me dedicado com toda a paixão a estas duas artes sublimes, *roubando* diariamente horas ao meu necessário descanso e tranquilidade. A minha vida particular e familiar, por vezes é que se ressentem...

Termino, com o poema *SE MORRER NOVO...*

SE MORRER NOVO...

Se morrer novo
amortalhado à pressa
no meu velho casaco de flanela
sem tempo de dizer
todas as palavras de amor
nasça uma segunda vez
nos dias bonitos e curtos de Inverno
encostado ao teu olhar
à lareira

se morrer novo
na luz fresca da tarde
sem tempo de ver nascer
um filho que carregue o meu coração
para o interior do futuro que não serei
que nasça uma segunda vez
e seja o sal
de todos os deslembados
sem a fome da notícia

../..

se morrer novo
antes de ver
o meu último livro de poemas
assente nas prateleiras
ou em folhas soltas nas ruas
nasça uma segunda vez
para ser um rio subterrâneo
secreto que guie a minha voz
dita em surdina ao teu ouvido

se morrer novo
com o respirar húmido do vento
nas charnecas alagadas
da floresta
isolado do mundo que não conheço
que nasça uma segunda vez

para ser um vinho de reserva
das uvas fermentadas
nas terras altas agrestes

se morrer novo
na periferia do império
em busca dum planeta exterior
desconhecido
sem o aroma das frésias em flor
nasça uma segunda vez
no outro lado da terra
onde haja uma mulher primavera
a subir na maré

se morrer novo
à beira de não ser nada
neste ambiente
levantado de mudança
sem tempo de sonhar um transplante
que nasça uma segunda vez
numa jangada a tempo de sentir
a pulsação da artéria recriar
o futuro próximo

mas se eu não morrer novo
gostaria de morrer sem torpor
com um sorriso aberto nos lábios
de criança
no coração do sol

* *Médico, Escritor*

Bibliografia

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

H. S. Glasscheib - *Os Grandes Segredos da Medicina*, 1961

Juma, Imitaz - *Grandes Figuras da Medicina Portuguesa*, 1993

Moreno, Armando - *Médicos Escritores Portugueses*, 1988

Moreno, Armando - *O Mundo Fascinante da Medicina*, 1997

Nabais, João-Maria - *Memórias de Amor e Sedução*, 2000

Namora, Fernando - *Deuses e Demónios da Medicina*, 1977

Vicente, Gil - *Auto dos Físicos* (excerto incluído na obra *A Musa à Mesa* de António Manuel Couto Viana), 1994

* Comunicação Livre por João-Maria Nabais, lida nas X Jornadas de Estudo "Medicina na Beira Interior - da pré-história ao século XX" - 1998

ESTÊVÃO RODRIGUES DE CASTRO (1559 - 1638) ESSE DESCONHECIDO...

João-Maria Nabais*

1 - A Medicina nos Séculos XVI-XVII

a) Na Europa

Até ao séc. XVI, havia um respeito supersticioso pelos mestres antigos (Galeno, Avicena). O médico estava sujeito aos dogmas teológicos, a que não podia fugir; até aí não pensava, bastava debitar o que aprendera em teoria nos livros clássicos.

A Cirurgia, honrada pelos grandes mestres da Antiguidade, pouco a pouco tornou-se uma arte degradante e indigna da classe médica. Como arte menor passou a ser confiada ao *jeito manual* de barbeiros (artesãos habilidosos), ou entregue a pessoas de baixo nível social, ex. magarefes, moços de estrebaria, etc..

Os médicos não se rebaixavam a pôr as mãos nas feridas, chagas e úlceras exteriores, estas estavam destinadas aos barbeiros e seus ajudantes, com aplicação dos unguentos, cauterios, sangrias...

Tudo este espírito dava lugar à obsessão pelo misticismo dogmático e do secreto, ex.: alquimia e a magia, o que facilitava a proliferação dos empíricos e charlatães.

Com o advento da Reforma, de Lutero e, da influência crescente do Renascimento, em Itália, criou-se um movimento de emancipação que sacudia jugos, rotinas e preconceitos, em luta contra as fórmulas conservadoras da sociedade, até aí dominante.

O Homem tornou-se o centro de toda a pesquisa intelectual, mais interessado em si próprio e mais humano - *Humanistas*. Era uma época de efervescência, com o direito da inteligência ao livre raciocínio, à inovação, à liberdade e ao regresso à natureza.

A Medicina acompanhava e incentivava a rebelião dos espíritos (fig. 2 - hospital nos séculos XVI-XVII). Estava aberto o caminho ao Racionalismo e do Experimentalismo, ex.: anatomistas, autonomia da cirurgia (em relação aos barbeiros), etc..

b) Em Portugal - O Período Negro

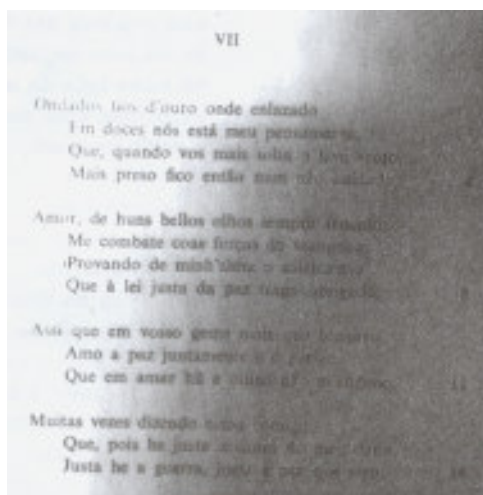
Com a perda da independência, em 1580, o estabelecimento da Santa Inquisição e afastado dos grandes centros intelectuais mais avançados da Europa, Portugal perde rapidamente o espírito de iniciativa. Habitado a uma grandeza artificial, afasta-se definitivamente da rota do progresso do velho continente, entrando numa existência medíocre e letárgica que se manteve quase até aos nossos dias.

A Escola Médica de Coimbra oprimida pela ignorância, pela Inquisição, por regimes absolutistas autoritários entrou nas trevas do atraso intelectual, cultivado pela credulidade, superstição e vã vaidade.

A Faculdade de Medicina viveu assim o seu Período Negro acentuado não só pela destruição de livros e manuscritos, mas pela acção persecutória sobre físicos, cirurgiões e boticários movida pela Santa Inquisição aos judeus e cristãos-novos, ex.: Amato Lusitano, Zacuto Lusitano, Garcia de Orta, Estêvão Rodrigues de Castro, etc..

É o tempo das mezinhas, das Águas de Inglaterra e o secretismo que envolvia a sua preparação. Continua-se a usar as sangrias, os vomitórios e purgantes.

O estudo universitário estava ainda cativo da sua origem eclesiástica e ao ensino em latim dos escritos, galénicos e árabes. A esta medicina para eruditos não



chegavam os ecos das descobertas, pela Europa fora, e dos grandes tratados de Vesálio (*Fabrica*), Ambroise Paré, William Harvey.

Contudo vão-se dando os primeiros passos na Anatomia, Medicina Legal e Cirurgia. Criam-se vários hospitais, ex. do Hospital de Todos os Santos, em Lisboa.

2 - Quem foi Estêvão Rodrigues de Castro

- Perfil Biográfico

Estêvão Rodrigues de Castro - médico e poeta, de origem judaica, nasceu em Lisboa - 19.12.1559 (nesta altura, já Amato Lusitano tinha 48 anos, tendo sobrevivido mais nove anos) e morreu em Florença (Itália), em 30.06.1638.

a) Estudante de Medicina em Coimbra

Filho de Francisco Rodrigues de Castro e de D. Isabel Álvares

Bacharel e Licenciado em Artes	- 1584-85
Inscrito em Medicina	- 1585 [<i>Passei livre, ocioso, hũa larga idade...</i>]
Formatura	- 1588 (com cerca de 29 anos)

Estes são anos difíceis coincido com a perda da independência do País - 1580, a que se alia nele por esta altura, uma acentuada crise religiosa e espiritual, como cristão-novo recém-converso, com abandono definitivo do judaísmo. Isto vai-lhe marcar para sempre até ao fim da vida, o seu carácter.

"Pessoa de melhor musa que fé..." (- D. Francisco Manuel de Melo - Hospital das Letras)

b) A sua vida em Lisboa

Estêvão Roiz exerce uma clínica apagada em Lisboa durante 18-19 anos. Foi um tempo de angústias que não deixou saudades, num meio fechado e hostil - já existia a Inquisição, com perseguição aos judeus e vigilância apertada aos cristãos-novos. Tendo publicado poucas linhas.

Cerceada sua actividade profissional e o seu labor científico começa a sonhar com novos horizontes no estrangeiro. Casa com D. Genoveva Figueira e tem quatro filhos, dos quais Francisco de Castro, incansável editor das obras do pai e António de Castro também ele médico.

c) Partida para o exílio voluntário

Vivia-se o período da unificação da coroa peninsular. Sendo um homem com talento, portador de uma alma inquieta e humanista, não consegue alcançar o equilíbrio espiritual com o meio político-social



(deprimido e bastante ambíguo) e científico (mesquinho, provocante e invejoso), na altura vigente. Era um tempo de intensa intolerância religiosa, insuportável desconfiança, denúncia, traição e que abafava os nossos melhores homens intelectuais.

Em 1608, Estêvão Roiz deixa Lisboa já com 49 anos, aproveitando a ocasião de uma breve liberalização de saídas, compradas a peso de ouro pelos cristãos-novos, e nunca mais voltará a Portugal. A viagem através de Espanha, França demora cerca de 2 longos anos, até chegar a Itália (Florença), onde encontra por fim, um ambiente mais liberal e progressivo.

Qual o motivo para atitude tão drástica [*fere quinquagenarius*] ?

. o papel de *desertor* como passou a ser visto pelos antigos companheiros de fé, na sua espontânea conversão ao cristianismo?

. a desconfiança permanente das entidades religiosas dominantes, para as quais não passava dum marrano; o que o motivou a nunca usar, em Portugal, o seu apelido *de Castro*!?

. a aridez científica do País que limitava o seu espírito, indomável e controverso, terá ajudado a despertar-lhe um certo internacionalismo intelectual e económico?

d) Passou os últimos 27 anos da sua vida, em Florença

Aqui despontam com toda a sua energia, as forças antes recalcadas no seu espírito febril e inquieto, tendo despendido uma actividade intensa de clínico e homem de extraordinária e variada cultura literária e filosófica, num meio intelectual estrangeiro, de alto nível, tendo passado pela Universidade de Pisa, que no século XVII era um dos principais centros de investigação, de Ensino e Ciência, da Europa renascentista - a Nova Ciência.

Por ela, também andaram entre outros Fallópio (anatomopatologista), Galileo Galilei, (físico e astrónomo), Marcelo Malpighi (médico investigador), etc..

. Estêvão Rodrigues de Castro (fig. 3) teve uma ascensão fulgurante no magistério da Universidade de Pisa, onde foi professor durante vinte anos, de 1617



a 36 - Lente supraordinário de Medicina.

. Actividade clínica notável, até Arquiatro da Corte, no grão-ducado da Toscana.

. Extraordinário labor literário com a divulgação de numerosas obras, incluída na sua larga bibliografia médica e filosófica (31 trabalhos publicados) [A morte chega aos 78 anos (em 30 de Junho de 1638) estando hoje sepultado na igreja franciscana de S. Salvador, em Florença]

3 - As suas principais obras médicas e poéticas

A sua criação literária é vasta - ensaio teológico, ensaio filosófico além do próprio ensaio médico, tendo escrito obras importantíssimas para a época que se podem incluir na estética barroca.

Por outro lado, podemos mencio-

nar o acabamento da sua lírica neo-platónica de Camões, seu mestre e modelo.

Sob o ponto de vista literário específico é de salientar o espaço da Poesia, e aqui foi sem dúvida um poeta do seu tempo com verdadeiro talento. Dedicou-se ao





soneto, à écloga e à glosa, sempre ao estilo renascentista. Grande mestria na variação do ritmo métrico, com encavalamento de pausas sintáticas não coincidentes com as do verso e a plurimemoração do poema, em especial do soneto numa arquitectura semântica que opera com segurança.

Os sonetos (fig.4) são dignos e perfeitos, escritos com autêntico lirismo em que emerge a marca dos vates, seus contemporâneos (Camões morre em 1580). Desenvolve a écloga e a glosa com a desenvoltura de *um poeta de corpo inteiro*.

Principais obras publicadas:

Livro das RIMAS,
Florença 1623, bilingue (fig.5)

De Meteoris Microcosmi, 1621; De Complexum Morborum, 1624; Quae Ex Quibus, 1627 ("livro de ouro"); Philomelia, 1628; Syntaxis Praedictionum Medicarum, 1661, etc..

Estêvão Rodrigues de Castro foi médico, cientista, humanista e poeta bilingue, tal como Sá de Miranda, e a sua alma de lutador só acabou com a vida na morte. Era um clínico com uma grande e variada cultura literária, filosófica e teológica - um sábio com uma personalidade multifacetada, à boa maneira Renascentista. Manteve sempre o sentimento de nacionalidade:

a) com o gentílico de Lusitano - Stephanus Rodericus Castrens Lusitanus

b) "*il medico portoghese*", antonomasticamente conhecido em Florença

A PÁTRIA ESQUECEU-O !!!

A vida de um médico é demasiado breve para aprender tudo o que necessita no exercício da sua profissão, mas a sua obra é intemporal

Aforismo de HIPÓCRATES

* Médico. Escritor.

Bibliografia

António José Saraiva e Óscar Lopes - *História da Literatura Portuguesa*, 7ª edição, 1955

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

Juma, Imitaz - *A Medicina nos Descobrimentos*, 1992

Juma, Imitaz - *Grandes Figuras da Medicina Portuguesa*, 1993

Manuppella, Giancinto - *Estêvão Rodrigues de Castro (Obras Poéticas)*, 1967

Moreno, Armando - *Médicos Escritores Portugueses*, 1988

Namora, Fernando - *Deuses e Demónios da Medicina*, 1977

Desde tempos imemoriais que os temores do sobrenatural e das doenças desafiaram e motivaram a Humanidade para a busca de soluções.

Apaziguar angústias e sofrimentos originou a sacralização de pessoas, a delimitação de espaços, a criação de rituais, a invenção de objectos/amuletos, de gestos, a construção de um cosmos sagrado.

O Homem confrontado com males inexplicáveis e forças incontroláveis exorcizava terrores, tentava operar positivamente sobre a roda da sorte. Jogo de deidades tiranas foi traçando técnicas e sonhando saberes por forma a propiciar a sobrevivência e o bem-estar. Pedia auxílio a entidades sobrenaturais porque sobre-humanas eram as dores e os terrores.

Era o tempo de deuses com paixões, ciúmes, iras humanas, mas todo poderosos. Ainda na Bíblia - Antigo Testamento - a doença colectiva e individual é considerada como castigo de Deus: *“E o Senhor desviará de ti toda a enfermidade; sobre ti não porá nenhuma das más doenças dos egípcios que bem conheces, antes as porá sobre todos os que te aborrecem”*, lemos no Deuteronómio¹. O cumprimento da Lei por parte do povo eleito ilibava-o de males que sofreriam os povos que o *“aborreciam”*.

Crónicas II conta: *“E caiu Asa doente de seus pés, no ano trinta e nove do seu reinado: grande por extremo era a sua enfermidade, e contudo, na sua enfermidade, não buscou o Senhor, mas antes aos médicos.”*². Procedimento inaceitável num tempo em que *“o Senhor”* fere com *“enfermidades incuráveis”*³.

No livro referência da dor, Job desespera: *“Vós, porém, sois inventores de mentiras, e, vós todos médicos que não valem nada. Oxalá vos calásseis de todo porque isso seria a vossa sabedoria”*⁴.

Descrença nos médicos quando, e porque curar, acreditava-se, exigia a realização de acções transcendentais, outros saberes, outras artes.

No Novo Testamento, Mateus refere: *“E percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas e pregando o Evangelho do reino, e curando todas as*

*enfermidades e moléstias entre o povo. E a sua fama correu por toda a Síria e traziam-lhe todos os que padeciam, acometidos de várias enfermidades e tormentos, os endemoninhados, os lunáticos, e os paralíticos e Ele os curava”*⁵. Também *“limpava os leprosos”*, ou seja, a arte de curar era alcançada miraculosa ou/magicamente. *Best seller*, a Bíblia influenciou a História da Humanidade. A **longevidade** e a **expansão** que conheceu, reflectiram-se na formação de comunidades e consciências. É certo que a laicização das sociedades deixou um espaço mais reduzido para a palavra sagrada, mas é ainda livro de referência. São princípios e valores bíblicos que, ainda hoje, subjazem a opções e decisões de homens da Ciência. No que respeita à **arte de curar** teve, por certo, papel social e cultural significativo. Vencer o mal, lia-se no livro sagrado, era possível com o favor divino. Mas quando, e se as promessas, as orações, os rituais de indivíduos, deixavam indiferentes as forças do Bem, que fazer?

Bruxas, feiticeiras, magos, nigromantes surgiram como mediadores entre os homens e os deuses e, na arte de curar amalgamavam: a) técnicas primitivas de lambição, de sucção...; b) uma farmacopeia criada pelo saber popular de experiência feito; c) elementos divulgados em compêndios médicos... formas acompanhadas, normalmente, de linguagens mágico-religiosas. Afinal, encantamentos, esconjuros, bênçãos participavam na cura de enfermidades, acalmavam furores da Natureza, aumentavam as colheitas, securizavam comunidades, acrescentavam a esperança de viver.

São práticas que relevam da magia, da religião cujas fronteiras, autoridades, legisladores tentavam delimitar: umas são consideradas canónicas, legais, ortodoxas; outras são qualificadas de ilegais, heterodoxas, nefastas. Classificações, portanto, decididas, legitimadas pelo homem, pela sociedade.

Na verdade, as artes de curar não oficiais são objecto de legislação secular. No *“Assento do Concelho de*

Lisboa em 14 de Agosto de 1385⁶, lê-se: “...que nenhuma pessoa nom use nem sobre feitiços, nem legamentos, nem de chamar os diabos, nem de desencantação”. Disposição que se revela letra morta. Será retomada em muitos tempos. Assim, as **Ordenações Afonsinas** especificam as penas a aplicar aos infractores: degredo para Ceuta dos praticantes de feitiçarias; a condenação à morte reserva-se para os que, com estas práticas, causassem dano ou morte de pessoas. As Ordenações Manuelinas referem também práticas heterodoxas de curar:

“...qualquer pessoa que em círculo, ou fora d'elle, ou em encruzilhada, espritos diabolicos invocar, ou a alguma pessoa der a comer, ou beber qualquer cousa pera querer bem ou mal a outrem, ou outrem a elle, moura por ello morte natural”.

A mesma determinação real adverte porém: “Pero em estos dous casos sobreditos não se fará execução até No-lo primeiro fazerem saber, pera Vermos a qualidade da pessoa, e o modo em que se tais cousas fezeram e sobre ello Mandarmos o que se aja de fazer”.

São cautelas que merecem reflexão: conhecer “a qualidade da pessoa” era, então, também, imprescindível para determinar a sanção, a pena a aplicar.

Estavam ainda estipulados castigos para “lançar sortes”, para “feitiçaria ou pera adivinhar, ou pera fazer dano alguma pessoa ou fazenda...”. Dispõem as Ordenações: “... onde tal crime acontecer, seja (a pessoa) ferrado em ambas as faces com o ferro que pera isso mandamos fazer com um ff, porque seja sabido pelo dito ferro, que foram julgados, e condenados por o dito malefício, e mais seja degredado pera sempre pera a Ilha de Sam Thome, ou pera cada hua das outras Ilhas a ella comarcãas; e além da dita pena corporal paguará tres mil reaes pera quem o acuser”⁷.

A partir deste documento é possível reconstituir de

forma completa, a avaliar pela enumeração, as práticas habituais, neste domínio, no tempo de D. Manuel I.⁸

Não eram incluídos no rol dos desviantes susceptíveis de sanção os astrólogos “*per sciencia e arte de Astrologia*”. Paralelamente a estas práticas, a medicina oficial desenvolvia-se. Na verdade, pelo menos desde Hipócrates que se iniciara a libertação da prática médica das influências mágico-religiosas. As doenças, dizia, não eram castigos de deuses ou de demónios. Tinham causas naturais e os pro-

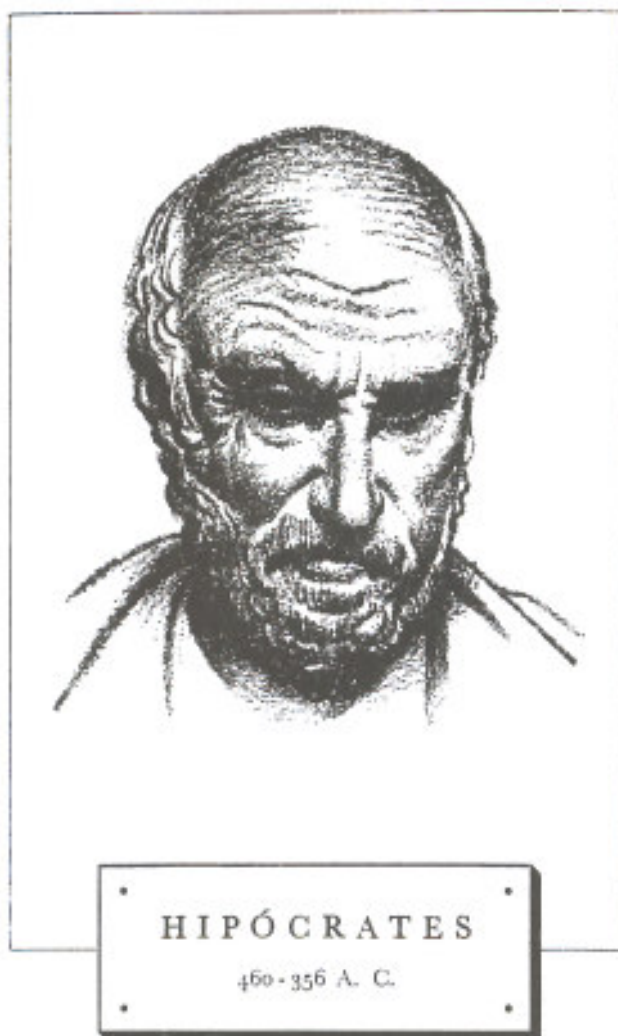
cedimentos terapêuticos deviam corrigir os efeitos nefastos decorrentes do ambiente e do estilo de vida das pessoas. Hipócrates valorizava a relação entre o médico e o doente no processo de cura. Ajuizava: “*Alguns pacientes, embora conscientes de que o seu estado de saúde é precário, recuperam devido simplesmente ao seu contentamento para com a humanidade do médico*”⁹.

E a profunda evolução dos conhecimentos alicerçava a criação da utopia. Aumentar a quantidade e qualidade de vida, perseguir o sonho faustiano de eterna juventude tem sido o caminhar de médicos e investigadores, dos novos roubadores dos deuses.

O desenvolvimento histórico da racionalização e a emergência da autonomia criativa, pessoal, revivificaram esforços para procurar e

conferir definições legítimas dos significados da vida e do mundo.

Sabemos que queimar uma bruxa ou um herege não foi considerado pecado e muito menos crime, durante séculos. Houve leis que justificaram massacres: poderes e creres do Homem canalizaram, controlaram, legitimaram estas mortes, estas práticas. Lembra Bourdieu que “... no texto religioso, filosófico ou literário, no texto jurídico estão em jogo lutas, pois a leitura é uma maneira de apropriação da força simbólica que nele se encontra em estado potencial”¹⁰.



Depois, há “*intérpretes autorizados*” dos textos que tendem a conferir fundamento transcendental e formas históricas da razão jurídica (e religiosa, e médica) ordenadora/sancionadora da ordem social por eles produzida.

Concordamos, pois, com Bourdieu quando afirma que: “*O Direito consagra a ordem estabelecida, ao consagrar uma visão desta ordem que é uma visão do Estado, garantida pelo Estado (...)*”; “*... é, sem dúvida, a forma por excelência do poder simbólico de nomeação que cria as coisas nomeadas e, em particular, os grupos; ele confere a estas realidades surgidas das duas operações de classificação toda a permanência, a das coisas, que uma instituição histórica é capaz de conferir a instituições históricas*”¹¹. Grupos dominantes, ou em ascensão, impõem assim uma *representação oficial* do mundo, um modelo oficial que o indivíduo internaliza. E, se numa sociedade primitiva, um corpo de peritos é suficiente para a sua manutenção, em sociedades mais complexas o modelo tem de ser definido eficazmente; a possível existência de competidores reclama uma base social alargada e uma especialização institucional capaz de transmitir os cânones e controlar os desvios. Desde sempre, não esqueçamos, autoridades civis e religiosas sancionaram actividades de bruxas, de feiticeiras, de curandeiros, de bentos, de virtuosos.

Todavia, apesar da legislação, das sanções, as crenças nas artes de curar mágico-religiosas resistiram; houve pessoas que continuaram a conceptualizar e a vivenciar a saúde e a doença de forma diversa.

II. E, no final do segundo milénio, assistimos a uma **revisita da Velha Senhora**.

A medicina tem a face de Jano. A “*arte de curar*” tem conhecido um desenvolvimento reconhecido por todos, mas não cumpriu o sonho prometaico. Da

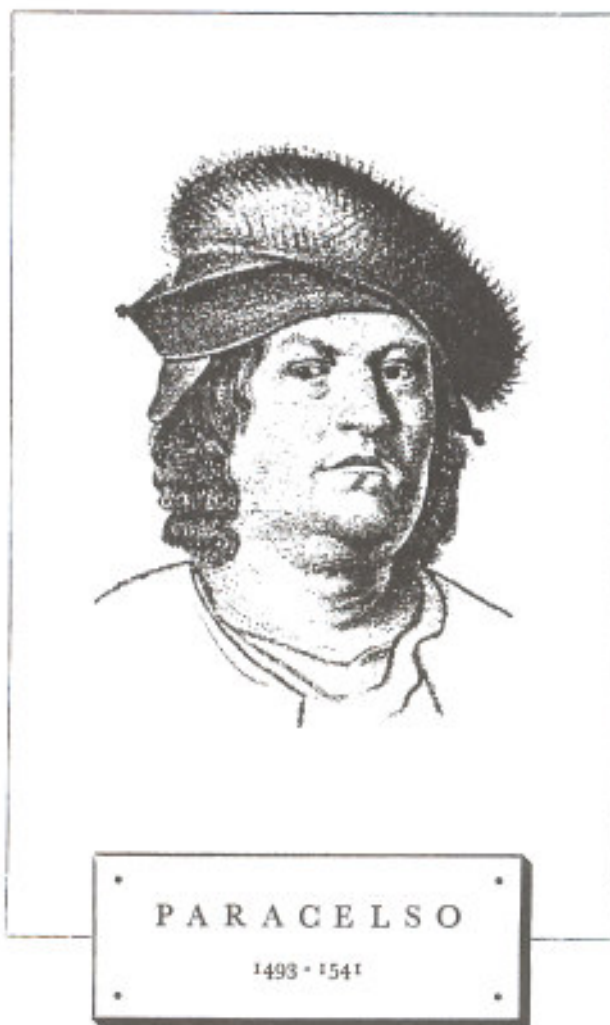
doença, do sofrimento, da morte emergem, hoje, questões tão pertinentes quanto as de Job. Vivemos numa época propícia ao aparecimento de profetas e de adivinhos. Os frutos do progresso humano, augurados pelas promessas das Luzes, não são tranquilizadores. Nada é simples, nada está decidido numa sociedade sub e superinformada. A insegurança, o advento de 2000, número mágico e redondo, gera arautos de Terras Prometidas e de Apocalipses. Num tempo em crise, (ou/e reconstrução?) não é fácil impor proibições e constrangimentos. E a possibilidade de

escolha pessoal é um dos aspectos revolucionários da sociedade moderna. A “libertação” da consciência individual da estrutura social, o sentido de autonomia (ilusório, embora), favorecem a escolha de bens, de serviços, de hobbies, de valores de significados pessoais. Há uma orientação de tipo consumista na relação do indivíduo com o mundo em que vive, a sociedade, a cultura. A selecção de esquemas interpretativos e avaliativos é do foro pessoal; são vários os modelos disponíveis e, enquanto consumidor, o indivíduo pode aceder à arte de curar mais consentânea com a sua concepção de doença e de saúde. À medicina oficial vieram juntar-se medicinas paralelas, alternativas, numa diversidade inimaginável. A Ordem dos Médicos Portuguesa, reivindicava a “pureza” da sua prática.

Aplicou a sua primeira

sanção ao Presidente da República por ter vetado um decreto-lei, que por exemplo, afirmava: “... os consultórios e outros locais onde se pratiquem actos médicos só podem funcionar sob responsabilidade de médicos em condições de exercer legalmente a sua profissão”. E só é médico, legalmente, quem tem uma licenciatura em Medicina e está inscrito na Ordem dos Médicos...

Estávamos com esta reflexão em mãos, quando *Notícias Magazine* sai a lume dia 7 de Novembro. Contava Maria Fernanda, agricultora, 56 anos, analfabeta, natural de Beça “*Bem, aqui muita gente*



sara! Eu sei lá se é “berdade”, se é mentira?... Há pessoas que estão doentes e “bão” ao médico e “num” melhoram! E a gente só diz aquela oração, e depois a pessoa sara: “Jesus”, nome de “Jesus”, que é o nome da “birtude”! Onde eu puser a mão, Nosso Senhor ponha a saúde! (depois é o nome da pessoa). O Senhor te deu, o Senhor te criou! “Engaranhado” seja quem te “engaranhou”! “Ar corto”; ar de “bibo”, ar de morte, ar de bruxaria, ar de patifaria, ar de “excomungado”! Corte de “imbeija” e mau olhado! Se entra pelos pés, sai pelos pés! Se entrou pela cabeça, sai pela cabeça” Em “Ioubor” de São Pedro e São Paulo, “C’o teu corpinho “esteija” são e “salbo”! Por este bruxedo “num” “benha” e a morte, pelo poder de Deus e da Birge Maria! (reza-se um Pai Nosso e uma “Abé” Maria). Tem que ser com um crucifixo e dizer isto “nobe” “bezés”. Três “bezés” de cada “bez” com a faca, outras três “bezés” é “c’o as meias dum home” ou “c’uma meia só do pé direito”...

A magia, a religião andam por aqui, nesta arte de sarar, praticada em 1999.

Lembramos Peter Berger e Thomas Luckmann: “*La identidad constituye, por supuesto, un elemento clave de la realidad subjetiva y en cuanto tal, se halla en relación dialéctica con la sociedad*”¹².

A formação e manutenção da identidade são determinadas pela estrutura social, pelo que, qualquer tipo de identidade resulta incompreensível se não inserida num contexto sócio-cultural, num universo simbólico. Assim, a possessão demoníaca característica duma cultura tradicional rural coexiste com a urbana neurose de intelectuais. O mundo social feito por homens, habitado por homens, formador de homens cria limites e linguagens diferentes para diferentes contextos. Na “*arte de curar*”, medicina oficial, medicinas alternativas, práticas mágico-religiosas coexistem e combinam-se. A par do médico que fala uma linguagem científica, diagnóstica, faz exames e prescreve a medicação que acha adequada, há quem procure outras formas, outras linguagens curativas.

A Ordem dos médicos quis proibi-las. E na revista (*Notícias Magazine*) que anteriormente citámos, um clínico, Octávio Ribeiro da Cunha, discorda. Afirma que o **Acto Médico** como era definido, sofria de inconstitucionalidade: que para além de “*actividade de avaliação diagnóstica, prognóstica, de prescrição e execução de medidas terapêuticas relativas à saúde de pessoas, grupos ou comunidades*”, (que coloca a questão da parteira e do trabalho de enfermeiros), médico, diz Octávio Ribeiro da Cunha, é “*também aquele que receita solidariedade, amizade, compreensão, ou que simplesmente partilha ansiedade e chora com o doente ou com os seus familiares. A maneira e a dignidade com que se recebe um cidadão doente num consultório, num hospital ou num centro de saúde e a capacidade que se tem para*

ouvir as pessoas são actos médicos”. Afirma também: “... a prática do ioga pode ser melhor do que muitos ansiolíticos”; declara que “... a homeopatia é uma ciência, tal como a acupunctura, a osteopatia e outros saberes”; conclui “*Quem é fundamentalista e diz que algo não presta sem antes tentar compreender ou conhecer o seu funcionamento, seguramente não está a agir de uma maneira correcta. Em medicina, teorias que eram verdades absolutas há dois ou três anos, hoje deixaram de o ser. E só com uma boa dose de humildade é possível alcançar novos conhecimentos. Estamos sempre a aprender*”.

A Maria Fernanda, agricultora, analfabeta, de 56 anos, precisa tanto da oração que “sara” como de medicamentos que o médico receita. Para ter saúde necessita da ciência e da linguagem mágico-religiosa, duma linguagem de solidariedade que descodifique facilmente.

E às palavras de Octávio Ribeiro da Cunha e da agricultora juntou-se, por certo, o sorriso de Hipócrates. Lembrámos a fórmula de Paracelso “*Toda a medicina é amor*”. Na verdade, crentes numa ou outra prática médica, há uma comum raiz humana, um código genético comum. A modernidade trouxe uma multiplicação de análises, de preceitos éticos, e neste supermercado virtual pode escolher-se doutrinas salvíficas, esoterismos, artes de curar... A Ordem dos Médicos não poderá contrariar esta “*beleza terrível da abundância*”¹³ que propicia a escolha pessoal, a autonomia individual. Perseguir a descoberta da Fonte de Juventude, adiar o final certo é desejo de todos os tempos. De forma humorista, todavia, até esses anseios podem ser questionados:

“Um casal cuja idade ronda os oitenta anos, de perfeita saúde, morre num acidente de viação. Chegou ao Paraíso ficam maravilhados: é tudo do melhor, está um tempo magnífico, ninguém tem problemas, toda a gente se cumprimenta, as pessoas são simpáticas e agradáveis. O marido vira-se para a mulher.

- É ótimo, hein?

- Extraordinário!

- Pois é, se não fossem as tuas parvoeiras macrobióticas, já cá podíamos estar há trinta anos...”¹⁴.

Que tempo perdido, adiar a ida para o Paraíso! Na verdade, “*sendo a luz uma só, o prisma das cores é múltiplo*”¹⁵ e a complexidade do ser humano infinita.

* Professora da Universidade da Beira Interior. Investigadora.

Notas

- 1 - Deuteronomio 7:15
- 2 - Cr II 16:12
- 3 - Cr II 21:18
- 4 - Job 13:14, 15
- 5 - Mateus 4:23, 24
- 6 - Livro de El-Rei D. João I, fls 16 e, citado in Eduardo Freire de Oliveira, *Elementos para a História do Município de Lisboa*, parte I, Tomo I, Lisboa, 1882, pp. 224 e sgs.
- 7 - Livro V, tit. XXXXIII, reprodução fac-simile da Real Imprensa da Universidade de Coimbra, 1792, com introdução de Mário Júlio de Almeida Costa, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, pp. 92-94.
- 8 - E porquanto Nos he dito, que em nossos Reynos, e senhorios, entre a gente rustica se usam muitos abusões, assi como passarem doentes por silvão, ou machieiro, ou lameira virgen, e assi usam benzer com espada que matou homem, ou que passasse o Doyro e Minho três vezes. Outros cortam solas em figueira baforeira. Outros cortam cobro em lumiar da porta. Outros tem cabeças de saludadores encastoadas em ouro, ou em prata, ou em outras cousas. Outros apregoam os demoninhados. Outros levam as imagens de algus Santos acerca d'agoa, e ali fingem que os querem lançar em ella, e tomam fiadores, que se atee certo tempo e dito Santo lhes nom der ágoa ou outra cousa que pedem, que lançaram a dita imagem na agoa. Outros revolvem penedos, e os lançam na agoa para auer chuiva. Outros lançam jueira. Outros dam a comer bolo para saberem parte d'algum fruto. Outros tem mendraculas en suas casas, com intenção, tendo-as, por ellas auerem graça com senhores, ou guanharem nas cousas em que tratarem. Outros passam agoa por cabeça de Cam para conseguir algum proveito.
- Seguem-se as penas: "se for piam", "se for Vassalo ou Escudeiro ou di pera cima". Os primeiros seriam açoitados com pregão pela vila e pagariam uma verba: 2 mil reais; os outros seriam degredados para África e pagariam quatro mil reais para quem os acusasse.
- 9 - Cit in Nuland, S.B. (1988) *Doctors: The Biography of Medicine*, New York, Vintage Books.
- 10 - Pierre Bourdieu, *O poder simbólico*, Lisboa, Difel, 1989, p. 213.
- 11 - Idem, p. 237.
- 12 - Peter Berger e Thomas Luckmann, *La construcción social de la realidad*, Buenos Aires, Amonortu ed, 1993, p. 216.
- 13 - Cf. Umberto Eco, *Apocalípticos e Integrados*, Lisboa, Difel, 1993..
- 14 - Marc Alain O'naknin e Dory Rotnemer, *A Bíblia do Humor Judaico*, Lisboa, Contexto, 1996.
- 15 - Shafique Keshavjee, *O Rei, o Sábio e o Bobo*, Lisboa, Actividades editoriais, 1999, p. 76.

UM PODER DO FOGO - DE AMATO LUSITANO AOS POETAS

Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata*

Vem do tempo da criação: o ser humano só se assumiu como tal depois que Prometeu lhe acrescentou o *fogo do céu*, sementes roubadas à volta do sol, furto subreptício feito a Zeus. O espírito humano detém assim um ferrete divino, que lhe impregna o destino: a dimensão de luz e calor, que é vida, imperando neste domínio o sol, tornado agente de criação e regeneração, impregnando a vida, conotativamente, do calor das paixões, porque o espírito é fogo. E o homem é fogo, diz S. Martinho, que fez o milagre dos dias de sol no ocaso do Outono, um breve calor de despedida antes do frio que encolhe os corpos e as almas...

A presença deste quarto elemento na vida do homem penetra o quotidiano, consciente ou inconscientemente, conforme a maior ou menor distração de cada viandante que atravessa o efémero intervalo entre a vida e a morte. É por este intervalo ser passageiro que não vale a pena *correr* como se fosse *apagar um fogo* (mais grave, se murmuramos entretanto um *mea culpa*), nem devemos *brincar com o fogo*, se o risco é de vida ou de paz interior.

Como diz Bachelard, *o fogo é íntimo e é universal* (*La Psychanalyse du Feu*, p. 19) e valoriza-se em duas perspectivas: a do bem e a do mal. Brilha no Paraíso e queima no Inferno, transformando-se em divindade tutelar terrível, de bondade ou maldade. O fogo torna-se, assim, princípio de explicação universal. É uma das primeiras proibições aprendidas: *não brinques com o fogo*, que se metaforiza depois para acautelar dos perigos. As cinzas, restos indiciadores de fogo, exprimem dissolução e morte, como nos diz, no século XVII, Francisco de Vasconcelos, no soneto dedicado *À Fragilidade da Vida Humana*.

Fogo regenerador é o sol da Terra, que Torga, em «Balada da Morgue» (*Antologia Poética*), contrapõe a um fogo destruição, o do fim, dor do inferno de acabar, decretado por um deus que foi criador:

(...)

Nesta luxúria da morgue

Há todo o satanismo
Que nos foi prometido
No final...
São os gestos parados,
Os olhos vidrados,
Os ouvidos tapados,
Os sexos castrados,
E por cima de tudo o silêncio das bocas.

Quero
Amar este sol da terra
Que mostra o calor do céu.
O alto céu onde mora
Um Deus que na mesma hora
Nos criou e nos perdeu.

É como hipótese de vida que Amato Lusitano utiliza nas suas curas a cauterização, como diz na LXI (I Centúria), «DO EMPIEMA E O QUE DEVE CORTAR-SE OU QUEIMAR-SE ENTRE A SEGUNDA E A TERCEIRA COSTELA, NAS SUPURAÇÕES», referindo que «os doentes temem a cauterização e suportam mais facilmente a secção», corroborando assim o medo do fogo e da dor que provoca. É por uma prova de dor que muitos ritos de iniciação propunham o *passar sobre brasas* para o herói merecer confiança. Na II Centúria (Cura XXXVIII), para tratar verrugas, diz-nos: «Mandei-lhe que queimasse bem as verrugas com tições acessos...». A aplicação de ventosas, terapêutica largamente usada, igualmente implica a utilização do fogo ou calor para rarefazer o ar, de modo a torná-las eficazes.

Numa outra perspectiva o elemento fogo marca presença na obra de Amato. Como primeira referência, temos a febre, sintoma de doença, de que podemos recolher exemplos vários:

«Um jovem que sofria afeitivamente de febre ardentíssima (ou como diz HIPÓCRATES, de fogo) com vários sintomas, em pleno Inverno, tinha dores de cabeça, não era capaz de estar sossegado na

cama. (...) Ao sétimo dia entrou a delirar e no oitavo dia tudo à volta se mantinha como fogo. (...) » (Cura XXIX, 7ª Centúria). Nos *Comentários* acrescenta: « (...) Com efeito, tendo sido HERMÓCRATES atacado de ardentíssima febre podre e todos os sintomas indicassem calor ardente, (...) sinais que atestavam estar o corpo totalmente abrasado, no entanto, ao décimo primeiro dia sobreveio-lhe sonolência. Esta não teria surgido da pituíta que subisse à cabeça, calcula Galeno, porque não crê que se possa encontrar amor frio com tão grande ardência (fogo)».

Nos inúmeros exemplos de febres, retenhamos algumas referências que as caracterizam ou que traduzem os seus efeitos: «febre ardentíssima » (p. 354, vol. IV); «caiu em febre, a princípio lenta, mas depois aguda e maligna» (p. 34, vol. IV); «posto de parte este fogo e fervura da febre pestilento» (p. 36, vol. IV); «o calor febril» (p. 173 e 178, vol. I).

As circunstâncias atmosféricas são também causa de doença. Na cura XXIV (VI Centúria) assim o afirma:

«(...) na cidade de *Stagnum* (...) sob o domínio de Ragusa, caiu com umas febres muito graves e cruéis, do tipo das epidémico-biliosas. Os habitantes desta cidade costumam ser atacados quase todos de semelhantes febres em certas e determinadas épocas do ano, em virtude de uma causa geral, o ar (atmosférico), doentio e infecto, (...)».

Continuando o percurso através das Centúrias de Amato, encontramos (I Centúria, cura XXXV, «Comentários» - vol. I, p. 151) a comparação entre o sol e o cérebro, considerando-se este o transmissor da vida (que chama de *spiritus*) animal, sensitiva e motora. Explica-se a apoplexia («privação da sensibilidade e do movimento em todo o corpo»):

«(...) Tal como o sol, sucede aqui que, interposta uma nuvem, não pode iluminar a terra. Do mesmo modo o cérebro que irradia para todo o corpo com *espíritos* sensitivos e motores, quando tem a interpor-se uma nuvem, isto é, o humor obturante, não pode transmitir-se e desta maneira o corpo torna-se insensível».

O sol encontra-se conotado pela função criadora e vital no caso de doença provocada pela sua própria força de destruição: «A filha de VICENTE, curtidor de peles, trinta anos de idade, pelo facto de lavar muitas vezes a cabeça e de a expor muito demoradamente aos raios do Sol, no *signo de Leão*, para tornar os cabelos loiros, caiu na artrite ou doença universal das articulações. (...) Com efeito, em virtude do intensíssimo calor do sol, deu-se um arrojamento de matérias para a cabeça, donde, em seguida, estas desceram para as extremidades do corpo. (...) Juntamente com tudo isto também tinha febre».(Cura XXXV, I Centúria, vol.I, p. 151)

Na cura XCVI (I Centúria - vol. I, p. 236), ao falar da **artéria do tarso**, recomenda: «Sempre me pareceu que fazem bem os médicos que, ao suspeitarem de



morte ou prostração de forças, vão logo apalpar aquela artéria. De facto, entre as outras artérias pulsáteis, é a primeira que começa a faltar-lhes visto se encontrar mais longe do calor da fornalha.»

O calor da fornalha identifica-se aqui com o coração, que é centro de vida, tal como o fogo.

O fogo cura e queima, mas também ilumina e dá calor. O calor e a luz associam-se: «Segundo Plutarco, o calor e a luz são postos em movimento pelo Sol, como o sangue e o sopro, princípios vital e intelectual, o são pelo coração». (*Dicionário de Símbolos*, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant).

O calor permite o nascimento, como no ovo chocado, e também impulsiona o amadurecimento. O calor vem do fogo, calor que saúda na aurora de cada novo dia que anuncia mais um dia de vida. De tudo isto nos dá conta o fogo da poesia:

Aurora

Bebo em teus seios o filão discreto,
A mina pressentida, ondulação
à descoberta da maré perfeita:
deles emana o fogo, a combustão.

António Salvado, *Estranha Condição*,
OBRA - II, p.18

Também o diz Namora (*As Frias Madrugadas*) em

Editais:

Não sou o poeta
o nobre doido que julgais.
Sou talvez um pedreiro curioso
e habilidoso
caçando o seu muro de branco
por ver o bairro caído.
Sou um lorde bem trajado
mas virado do avesso.
Ou o fogo breve do arraial
que sobe,
brilha,
embasbaca,
estoira!
- e é fumo.

O fogo breve do arraial transforma-se em fumo e no tempo que medeia entre a subida ao céu (nascimento) e o estofo do foguete (a morte) passou-se a vida. O fumo será indício de passagem, logo desaparecido. Citando A. Salvado («Souvenir, Souvenir» - *Estranha Condição*), o indício do que foi é «(...) corpo despido no calor do frio / correndo pelas veias como fogo.»

Neste mesmo poeta, a luz é tópico recorrente que dimensiona o sonho, a procura e a caminhada nesse Desejo como fototropismo: « (...) e o sonho (porque de sonho) / atravessa a larga porta / o seu domínio estendido / sobre o fogo (...)» («A Morte Não...», *Matéria de Inquietação*, OBRA II, p.91).

Tudo o que é ou foi vida se transfigura em imagem de fogo. A lembrança do que foi amor e energia vital fica:

«Entre Epitáfio...»

Entre epitáfio amor amigos idos:

Os por quem choro velam condoídos
em todos os momentos de tremor
e solidão Aqui longe dispersos
deixaram a presença sempre aberta
do seu desvelo a derramar calor.

António Salvado, *Utere Felix*, OBRA II, p.125

Num altar, o da vida, ficará imolado o calor da palavra poética, incendiada no fogo da poesia: «O lume demorado do que foi / fascínio pleno do primeiro olhar» (A. Salvado, «Ara», *O Corpo do Coração*, OBRA II, p.160).

A eterna presença do amor no percurso humano, a insinuação de Eros nos actos do nosso viver, uma complementaridade de amor físico e amor espiritual (para utilizar expressões tradicionais) também se presentificam pelo verbo, seja pela palavra científica do médico, seja pela palavra dos poetas. Os «Comentários» de Amato ao caso da cura LVI (III Centúria, vol. II, p. 266) - DE UM RAPAZ HEBREU VIOLENTAMENTE APAIXONADO POR UMA



RAPARIGA HEBREIA - versam deste modo: «Um rapaz hebreu, de Salónica, apaixonou-se fortemente por uma jovem hebreia e tão perdidamente que em breve caiu em loucura». E diz-nos nos «Comentários»: «Os romanos chamam a EROS o Amor, e daí vem que a esta doença se dê o nome de doença do amor».

Bachelard dedica um capítulo (*La Psychanalyse du Feu*) ao *fogo sexualizado*, afirmando que «o fogo comanda, tanto as qualidades morais, como as qualidades físicas» (p. 84), constituindo-se mesmo como «princípio formal da individualidade» (p. 85). Temperamento e carácter andam também ligados ao quarto elemento: um temperamento de fogo ateia-se em cólera ou irritação, uma alma de fogo afirma-se vibrante de empenhamento. Do mesmo modo, o físico se implica em chama na expressão *mulher de fogo*, e exemplifico com mulher porque o caso agora recolhido em Amato a ela diz respeito:

«Uma freira, das que fazem voto de castidade e vivem em religião, com uma posição talvez dominante no convento, a que dão o nome de priora, sentia-se mal de saúde. Chamado para a ver, reconheço que era dotada de temperamento sanguíneo, muito bom aspecto, de idade de trinta e cinco anos, mas com delírios intervalados. (...) Logo que, porém, era tomada do delírio, (...) tornava-se faladora, e além disso inquieta e iracunda, principalmente contra os pais que a tinham atirado para aquela prisão. Sobre isto trazia à conversa muita coisa a respeito de ter um marido a ponto de os presentes, todos, se admirarem de ela não dizer nada senão banalidades ou coisas respeitantes à copulação ou acto amoroso. De tudo isto eu concluí que ela sofria de furor uterino porque muitas vezes levava a mão direita às partes pudendas. (...) Este enorme prurido das partes pudendas é precedido de um ardente desejo de copular e de um ardor enorme do útero e das zonas que ficam à volta (...)». Amato termina nos «Comentários»: «Quase sempre este furor uterino costuma ser seguido

de febre, proveniente da inflamação do mesmo útero, mas nesta freira, visto a inflamação não estar sem fleimão, em vez de febre havia excessiva calidez. (...) As mulheres costumam ser tentadas mais frequentemente e mais fortemente de satiríase do que os homens tanto as virgens como as que provocaram o coito e professam castidade, principalmente as que se encontram ausentes dos maridos ou que ficaram viúvas. Além disso, assim como o furor costuma acompanhar-se de má qualidade de humores quentes e de ardor que se intromete na cabeça, de igual modo é acompanhado quase sempre de satiríase. Isto é o que os maridos depreendem ser verdade quando não satisfazem muito bem» (Cura XCII, VI Centúria, vol. IV, p. 158 e 159).

No seguimento deste caso, poderíamos acrescentar o da cura XVIII, II Centúria (vol. II, p. 43 e 44): «DE UM INDIVÍDUO QUE NÃO PODIA PRATICAR O ACTO SEXUAL» - em que Amato conta que o hebreu Salafantino, de 40 anos de idade, se queixava «de já há tempos não ter relações com a esposa por causa da fraqueza dos membros genitais e ainda mais porque precisava de filhos, desejando-os muito ardentemente». Fez uma dieta alimentar com ervas afrodisíacas, como os satiríões e os bolbos, para dar dois exemplos. Dos últimos dizia Marcial (cito Amato): «Quando a esposa for velha e tiveres os membros enfraquecidos (mortos), nada te pode satisfazer mais do que os bolbos».

Eros inflama os que toca com as suas flechas ou as suas tochas e a união sexual exprime uma ligação primeira: a do céu e da terra, que estabelece a harmonia e a multiplicação dos seres. Daí que as impulsões vitais que se ligam ao amor conjuguem corpo e espírito, sol e lua, fogo e água. *Amor é fogo que arde sem se ver*, madrugada que é leda de cores e luz, madrugada que é triste de lágrimas na separação dos amantes, como immortalizou Camões. Também Garrett faz do amor fogo em que ardem as almas, um fogo de um inferno de que, apesar disso, se não quer sair:

Este Inferno de Amar

Este inferno de amar - como eu amo! -
Quem mo pós aqui n' alma... quem foi?
Esta chama que alenta e consome,
Que é vida - e que a vida destrói -
Como é que se veio a atear,
Quando - ai quando se há-de ela apagar?
(...)

Pela chama do olhar se estabelece uma combustão espiritual, que vai complementar-se nos sentidos, que Garrett transmite numa simbiose com o sol e na ardência do sentimento:

Só me lembra que um dia formoso

Eu passei... dava o sol tanta luz!
E os meus olhos, que vagos giravam,
Em seus olhos ardentes os pus.
Que fez ela? Eu que fiz? - não no sei;
Mas nessa hora a viver comecei...

Aliás, o fulgor erótico do olhar podia colher-se na palavra de inúmeros poetas. Retemos mais um exemplo, o de António Salvado (*Interior à Luz*, OBRA II, p.45)

Olhos

Ébrios bebem aqui, fervem além:
Oásis, sopro, fogo, languidez.

São dedos afilados o que sentem,
O sentimento de afilados dedos.

A falta de concretização do amor pode provocar doença, sobretudo no que diz respeito ao físico, e é nesta perspectiva que no-lo comunica Amato Lusitano na Cura XLVII (II Centúria, vol II, p.102), de que transcrevemos o título: «DE UM INDIVÍDUO QUE, ESTANDO ATORMENTADO DE DISENTERIA, COMETEU COITO COM MULHER E FICOU SÃO»

Na quinta Centúria (vol. III, p.207), a cura XXIII, «DE FEBRES CONTINUAS», fala de uma Dona MYRA, jovem viúva, que costumava ter ataques de asma. Depois do tratamento, em que estava incluído «um óptimo regime alimentar», ainda «a intervalos, sintomas uterinos a afligiam». Depois de nova terapia, que a curou, conclui o médico: «Com todo este tratamento voltou a boa saúde no espaço de catorze dias. Para não voltar a sofrer de semelhantes doenças, aconselhei-a a que se casasse, pois a doença tivera origem nos humores viciados no útero».

Começando a concluir, poderemos recordar ainda a palavra de António Gedeão, que se entremete no poder do fogo, que designei (no título desta comunicação) por um poder e polariza dois, que são uma globalidade que inflama o homem: a vida e a morte, sentidas pelo coração, enquanto órgão vital, e enquanto centro de afectividade. Ligado ao espírito, aponta para as funções intelectuais e a dupla actividade de sístole e diástole transforma-o no «símbolo do duplo movimento de expansão e reabsorção do universo».

Relembremos que era a única víscera que os egípcios deixavam dentro da múmia, como condição necessária para a eternidade. O coração tem correspondência com o sol, é imagem deste no homem, centro de amor que o ilumina. É verdadeira

Máquina de Fogo

Meu coração é máquina de fogo,
luz de magnésio, floresta incendiada.

Combustar-se é o seu próprio desafogo.
Arde por tudo, inflama-se por nada.
António Gedeão, *Poemas Completos*

Inflama-se por nada... E «A vida é sonho tão leve / Que se desfaz como a neve / E como o fumo se esvai (...); A vida é estrela cadente», diz João de Deus. Impregnada de fogo está a vida, como também diz a Ode ao Fogo de Pablo Neruda, afirmando que a própria palavra é fogo transformado em canto: «(...) Agora / sabes /que não podes / comigo: / eu transformo-te em canto, / levanto-te e desço-te, / aprisiono-te nas minhas sílabas, / algemo-te, ponho-te / a assobiar, / desfaço-te em gorjeios, / um canário engaiolado. / (...) / Vigia-me, / vive, / para que te deixe escrito, / para que cantes / com as minhas palavras / à tua maneira, / ardendo».

A vida é fogo antes de ser estrela cadente. Fica a homenagem à vida. Fica a homenagem ao fogo. Pela vida, ponhamos as mãos no fogol

* Escola Superior de Educação de Castelo Branco.
Investigadora.

Bibliografia

AMATO LUSITANO. *Centúrias de Curas Mediciniais*. 4 Volumes. Tradução de Firmino Crespo. - Lisboa: Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Médicas, s/d.

BACHELARD, Gaston. *La Psychanalyse du Feu*. - Paris: Editions Gallimard, 1949.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. - Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994, 8ª edição.

DEUS, João de. *Versos*. - Lisboa: Círculo de Leitores, s/d.

GEDEAO, António. *Poesias Completas*. - Lisboa: Portugália Editora, 1971.

NAMORA, Fernando. *As Frias Madrugadas*. - Amadora: Livraria Bertrand, 1978.

NERUDA, Pablo. *Odes Elementares*. - Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977.

SALVADO, António. *Obra II*. - Coimbra: A Mar Arte, 1997.

A PERDA DA VIRGINDADE DA MULHER EM CONTEXTO EXTERIOR AO CASAMENTO REPERCUSSÃO DO TEMA NA LITERATURA

Maria Helena Duarte Santos*

Falar da virgindade da mulher é falar das relações entre os sexos, relações que põem problemas a todas as sociedades e que cada uma trata à sua maneira, de acordo com as suas características.

De facto, a sexualidade e a sociedade relevam, à primeira vista, de duas ordens diferentes de realidade, imiscuídas na cultura ocidental como antagónicas e alimentando pares tradicionais de opostos: o instinto e a lei, o biológico e o espiritual, a natureza e a cultura. De qualquer modo, uma análise concreta, nomeadamente antropológica, mostra que estas duas dimensões da realidade humana, a sexual e a social, se oferecem num estado de interpenetração, de imbricação tal que qualquer consideração isolada só pode arrastar uma interpretação deformada e profundamente incompleta.

A circulação permanente do sexual no social e do social no sexual designa aspectos típicos da condição humana.

E assim, em cada cultura os valores remetem para um universo de representações, inscrito numa concepção própria do mundo e da pessoa.

Os simbolismos sexuais mais complexos da relação masculino/feminino repousam todos sobre a constatação da diferença entre os sexos, sendo o feminino a imagem da castração.

Ao homem, também a partir da sua configuração e características biológicas, atribui-se a ideia de poder e de domínio. A ponto de, em determinados rituais, como a circuncisão e a excisão, as suas consequências serem opostas.

Nalgumas tribos do Quénia e doutros países africanos, uma vez que a ablação total ou parcial dos órgãos sexuais femininos é praticada em vinte e oito países da África subsariana, a rapariga é excisada justamente antes de casar, tendo em vista apenas a função da maternidade dissociada da sexualidade.

Embora o problema da virgindade, inserido nas realidades que acabámos de referir, tenha que ser estudado mais profundamente, no que respeita aos

tempos actuais, lembremos a classificação de Afrânio Peixoto, ao dividir os povos em dois grandes grupos: os *misimenistas* e os *himenólatras*.

Ao segundo grupo pertencem judeus e árabes, egípcios, gregos e romanos e através deles nós, portugueses, e outros povos da Europa Ocidental, integrando a família novi-latina da Europa e da América.

Recorde-se como era tida em conta a virgindade entre os judeus. Jesus nasceu de uma virgem.

E também entre os árabes, o que está exposto no Corão, embora sob uma perspectiva muito própria. Frise-se, contudo, que o Corão não trata a mulher como um objecto. São várias as alusões que comprovam esta afirmação. Damos como exemplos:

“Se possuindo uma rapariga (escrava), reconhecerdes que ela não está absolutamente pura, antes de a castigardes informai-vos de que maneira ela se tornou culpada...”

“Se o mercador que vos vendeu essa rapariga não virgem, vo-la tiver entregado sem vos prevenir, conhecendo a sua falta, mandai-o prender e conduzir a vossa casa e mandai-lhe dar oitenta chicotadas. Fazei-o secretamente, a fim de ficar a salvo a honra da vossa escrava.”

Ou:

“Se depois de ter passado uma lua no vosso harém, uma virgem sente repugnância e vos recusa, não a violenteis.”

É mais severo no que toca à virgindade, se se tratar de casamento: “Se for uma mulher com quem tiverdes contratado casamento, repudiái-a imediatamente.”

Num livro aparecido recentemente, *O Silêncio das Lágrimas*, de Fausiya Kassindja (e em tantos testemunhos alguns recolhidos até directamente), podemos verificar que o modo de encarar a perda da virgindade não mudou entre os povos árabes. “Ter relações sexuais fora do casamento é *zina*, isto é, insere-se no mais grave tipo de pecado (Ob. Cit. P. 72).

Citando Buffon, “há uma espécie de loucura que fez da virgindade um ser real. Uma virtude que apenas consta do coração, tornou-se num ser físico com que se preocupam todos os homens.”

Embora, na generalidade, a afirmação corresponda a uma verdade, também é certo que alguns pontos contidos nesta citação são discutíveis. Sobretudo o que refere que apenas consta do coração.

Se virgindade deve ser, de facto, conceito de natureza moral, essencial e primordialmente, não deixa também de o ser corporalmente.

E entre nós, embora se caminhe a passos largos, para a desvalorização deste estado, ele continua presente, no seu aspecto material, digamos, não só no campo médico ou médico-legal, mas também no campo social, como, aliás, já foi referido.

Limitando-nos, pois, neste momento, ao conceito corrente, pensemos que, até nos povos classificados como misimenistas, a perda desse estado, necessária a uma vida sexual normal, é objecto de preocupação.

Na Índia (e neste momento reportamo-nos ao Séc. XVI, com Duarte Barbosa), em relação a alguns grupos étnicos, como os Naïres, embora houvesse quem se encarregasse dessa tarefa considerada servil, nem sempre era fácil, para a mãe da rapariga, encontrar quem a quisesse cumprir. Por vezes era um simples viajante, desconhecido, que na casa se acomodava para passar uma noite.

Nos antigos reinos de Cochim e de Calecut, era aos sacerdotes que cabia o acto de desfloramento.

O próprio rei de Calecut pagava a um brahamane para esse efeito e cedia-lhe a noiva na primeira noite de casamento. No Camboja, o sacerdote desflorava a rapariga com um dedo molhado em vinho, marcando-lhe depois um sinal na testa.

Cerimónia semelhante tem ainda hoje lugar em rituais de iniciação, entre tribos africanas e índias.

Diz ainda Duarte Barbosa, a respeito das sobrinhas ou irmãs do rei de Malabar que “de idade de doze anos até quatorze anos pera poder chegar homem ha ela, mandam chamar fora do regno algum mancebo de linhagem de fidalgos, que ha asinados pera isto, mandando-lhe dinheiro e dádivas...., elle vindo fazem-lhe muyta honra, festa e ceremonias como se houvesse de casar; entam elle lhe ata ha ho pescoço hua joia douro pequena que ella tras toda sua vida, em sinal de lhe haverem feito aquela cerimonia...”.

Seriam inúmeros os exemplos a citar desde os testemunhos dos Padres Manuel da Nóbrega e Anchieta, até rituais de iniciação que ainda hoje se praticam e que chegam a constituir verdadeiras orgias.

Não deixaremos, todavia, de mencionar que, nos tempos actuais, o Sudeste Asiático é destino para ocidentais que aí compram a virgindade de pobres raparigas. Um dos casos mais conhecidos é o do milionário americano Larry Lee Hillblow que, o fez várias vezes. Falecido em 1995, aparecem agora filhos

dessas relações, reclamando a fabulosa herança.

Voltando ao nosso país, é indiscutível que esta questão tem ainda projecção nos mais variados aspectos da vida individual, familiar e colectiva e ocupa lugar cimeiro em questões de honra, principalmente em sociedades rurais e em certos meios socio-culturais.

No campo etnográfico, é curioso referir que se tivesse arranjado um “amuleto” para protecção da rapariga: a moeda de três vinténs. Almeida Ribeiro, notável médico legista, nos seus trabalhos *Uma Hipótese... e Uma Tese...* trata este assunto com a graça que lhe é peculiar mas também com o apurado espírito de pesquisa de que nunca abdicou.

E assim conclui que ainda há alguns anos (o trabalho é datado de 1941) “as mães populares portuguesas usavam pôr ao pescoço das suas filhas uma moeda de três vinténs que só era retirada quando o seu uso não se justificava...”.

Posto em relevo o valor do conceito e a importância que ainda hoje tem, não é de surpreender a sua significativa repercussão na literatura.

Lembramos apenas, como referências, exemplos em conhecidos escritores portugueses, desde Camilo Castelo Branco a Aquilino Ribeiro, Trindade Coelho, Fialho de Almeida, Miguel Torga, Vergílio Ferreira e Rebelo da Silva.

O tempo não vai permitir-nos outras considerações, além dos resumos dos conteúdos do conto *O Encontro*, de Vergílio Ferreira, e de *A Camisa do Noivado*, de Rebelo da Silva, escolhidos porque um ilustra uma realidade contemporânea e o segundo remonta à época medieval.

Começamos com palavras de Vergílio Ferreira: “Os meus romances nascem normalmente de um problema que se me impõe e que, invencivelmente, eu tendo a objectivar numa história, num ambiente, em determinadas personagens.”

No conto escolhido, *O Encontro*, o problema objectiva-se através de um caso de sedução duma rapariga do meio rural por alguém que vem da cidade e despreza as gentes do campo.

A personagem que preenche a “história” é um engenheiro silvicultor que se instala numa aldeia serrana por motivos profissionais.

Não é facultado o seu nome. O engenheiro passa, assim, a simbolizar o homem da cidade, enraizado na cidade. “Ah! Que se me apanhasse em Lisboa! Farto de aldeia, caramba! Farto!!! Para o inferno a silvicultura, os levantamentos topográficos, esta terra de bestas.”

E simboliza também todos os “engenheiros” que não pensam que a honra de uma rapariga de classe inferior (que lhes serviu de desfastio por uns tempos) possa ser resgatada de outra maneira que não pelo dinheiro ou algumas dádivas.

Naquela noite, o caminho que conduzia à casa dela

sufocava-o, a cada passo, de terrores que não conseguia dominar.

Vinham-lhe à memória as palavras do Gomes: - “O senhor engenheiro tenha cuidado. Se a coisa é lá com eles, senhor engenheiro, tudo está bem, tudo bate certo. É como se fosse uma coisa em família. Mas uma pessoa de certa categoria, já não é assim...”

À sua volta tudo era negro e ameaçador. A massa das trevas fê-lo sujar-se de lodo e lama, ao atravessar a ribeira. No seu calvário, magoou-se numa perna e rasgou as mãos nas silvas. O clarão baço da lua em quarto minguante anunciava, no seu ciclo, a morte.

Os cães uivavam ao longe. Um aproximou-se e do alto do cabeça ladrava ao escuro, como guia do homem, na noite, para as profundidades.

Reunia-se a trilogia do oculto e da morte: terra, água, lua...

Aparece, finalmente, a rampa de areia branca que precede a casa da rapariga.

O encontro é estranho desde o princípio. Ela queria que ele se definisse. E quando pressente a realidade crua, quando pressente que ele não quer casar, tem um assomo de orgulho da sua condição: “O senhor julga que os outros são feitos de trampa? Engana-se.”

E a vingança veio pela mão dos dois irmãos e do pai que, inicialmente, deixara aquela tarefa para os filhos.

Na retina do engenheiro “cravou-se fundo a imagem dum homem alto, com a cabeça iluminada e um retalho de camisa a alvejar-lhe o peito.”

Imagem patriarcal, a imagem do Pai que assume o restabelecimento da Ordem, integrando a morte numa dinâmica de vida.

Aliás, a imagem do Pai, com as mesmas características, está presente em vários casos semelhantes.

- “Deitem-no à ribeira”, disse aos filhos. - “De cabeça para baixo.”

A morte acabou assim com todos os temores, todos os momentos de pânico, de estranheza e de horror que se sucederam para o engenheiro, desde o pôr do sol às duas da manhã - do início ao fim do conto.

O conto de Rebelo da Silva emerge dum ambiente que se sobrepõe a um tempo natural e cíclico, flutuando num contexto lendário, maravilhoso que dilui, em larga medida, sinais do “tempo cronológico”.

A realidade geográfica que lhe serve de cenário apresenta-se caracterizada por quantidade de informantes: “província de Trás-os-Montes”; “o monte, hoje esquecido, de Alguço”; “o Angueira bramindo, entalado na branca penedia do leito...”.

A cor medieval é acentuada pelas muralhas de cantaria grossa e as torres quadrangulares do antigo castelo, “debruçadas sobre um precipício despenhado... com os engenhos armados nos eirados e as ameias sempre vigiadas...”.

O castelo não se apresenta com uma conotação de protecção mas de hostilidade e a presença senhorial revela-se opressora.

A humanizar este espaço, inscreve-se o conhecido triângulo, aqui com matizes próprios: a mulher jovem amada por um jovem que corresponde aos seus sentimentos e o homem velho que quer disputá-la, desestabilizando, alterando o funcionamento normal do tempo:

- Silvana, neta do besteiro Garcia do Marnel, sem parentes desde a morte do avô e sem nada de seu; a terra que era seu dote foi barbaramente devastada e depois confiscada pelo castelão Soeiro Lopes;

- Telo Vasques, de Miranda, o melhor besteiro depois de Garcia do Marnel, o noivo que todas as raparigas das cinco aldeias desejavam;

- Soeiro Lopes, agressivo e cruel, descendente dos senhores de Biscaia, raça onde o sangue nobre se confundia com a chama infernal do espírito das trevas, desde o casamento de Diogo Lopes com a Dama-Pé-de-Cabra.

A Soeiro Lopes prendem-se todas as imagens reunidas à volta dos esquemas de usurpação, de destruição, de rapto, de domínio.

Em largos espaços abertos, hortas, campos cultivados, entre matilhas e cavalos envoltos em nuvens de pó, diverte-se arrasando searas, matando rebanhos, deixando “mendigos à noite os que tinham amanhecido remediados”.

No espaço fechado do seu castelo, os banquetes eram regados com “suor de sangue”. Maculando infamemente a inocência das moças do lugar, “as flores mais frescas e mais puras caíam desmaiadas.”

De facto, a sensualidade desenfreada de Soeiro Lopes levava-o a desrespeitar as raparigas da aldeia e um dia houve em que os seus olhos caíram sobre Silvana que, apesar de todas as ameaças, conseguiu resistir.

A condição imposta por Soeiro como senhor do povoado, para conceder a mão de Silvana a Telo, consistia na apresentação, em três dias, de duas camisas - a de noivado e a que, no dia seguinte lhe serviria de mortalha - tecidas com urtigas nascidas na campa de Garcia:

Esta condição liga o conto a esquemas longínquos, herança de raízes pré-cristãs, em que fadas e encantamentos faziam parte do dia a dia.

Estes esquemas pressupõem a relação entre o enterro dum familiar, a fertilidade do solo da sua campa e a superação dum perigo conseguida por um descendente, através do vegetal mágico nascido sobre a sepultura.

E ainda de acordo com aquele esquema, pressupõe a ajuda de alguém, neste caso a velha Aldonça, detentora de especial sabedoria e que previa o futuro.

O maravilhoso brota na narrativa em contexto medieval, sem conflitos, antes interligando o humano, o

natural e o sobrenatural.

Foi na água encantada de uma fonte que Aldonça banhou as urtigas e as reduziu a fios que depois dobou e transformou em tela branca e fina.

“Urtigas do cemitério nos deram o fio e boas fadas nos teceram o pano. Em três dias estarão as camisas acabadas e em três dias veremos também a noiva no altar e o morto no caixão.”

Cumpriu-se a profecia mas não sem que muitas lágrimas corressem antes.

A vista das camisas, Soeiro Lopes fica louco de raiva e de ciúme e decide raptar Silvaninha.

Outra personagem, contudo, surge, a pedido de Aldonça: D. Pedro, o Rei, o Pai.

Aldonça mantém com ele estranha relação de entendimento, mesmo que D. Pedro esteja fisicamente distante. Tomado de viva agitação, o Rei entra no castelo de Soeiro Lopes. Vê a donzela num leito, com as mãos amarradas e um lenço sobre a boca, não podendo sequer responder às cruéis palavras com que era torturada.

Ao lado, a areia, caindo na ampulheta, marcando a passagem do cheio ao vazio, do mundo superior ao mundo inferior, indicava que estava próxima a hora em que se consumaria a traição.

Não querendo manchar em “tal” sangue o ferro das suas armas, D. Pedro manda-o prender pelos seus próprios homens e depois de ele lhe declarar que não estava arrependido, afasta com o pé o escanho que o sustentava, deixando que o laço se apertasse no pescoço do descendente de Diogo Lopes.

Ao castelão cruel que deseja - como algo que lhe é devido e não pode ser recusado - a virgindade de uma pobre rapariga, opõe-se a Suprema Justiça, através do Rei, do Pai, no sentido lato, solar.

“Horas depois, a camisa do enterro servia de mortalha a Soeiro e, na capela, os noivos recebiam a benção nupcial, tendo El-Rei D. Pedro por padrinho.

Atendendo a que os dois prevaricadores, o do conto de Vergílio Ferreira e o do conto de Rebelo da Silva eram duma esfera social superior e por isso convencidos de que tinham todos os direitos, terminamos a nossa intervenção como Rebelo da Silva iniciou o conto. Com uma transcrição da Crónica de El-Rei D. Pedro, de Fernão Lopes, cap. IX:

“Assi que bem podem dizer deste rei D. Pedro, que nom saírom em seu tempo certos os ditos de Solon, filosofo, e doutros, alguns dos quais disserom, que as Leis e justiça erom como teias de aranha nas quaes os mosquitos pequenos, caindo, são reteudos e morrem com ella, e as moscas grandes e que sam mais rijas, jazendo em ellas rompem-as e vão-se.”

* Professora da Escola Superior de Educação de Coimbra

Bibliografia

Alcorão, (trad. e anotações de José Pedro Machado, pref. de Suleiman Vali Mamede), Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1979.

Duarte-Santos, L. A. , *Virgindade e Desfloramento*, O Médico (209), 1955.

Medicina Legal, Coimbra, Casa do Castelo Ed., 1966.

Encyclopaedia Universalis, France S.A. 1989.

Ferreira, Virgílio, *Contos*, Lisboa, Liv. Bertrand, 1979.

Kassindjia, Fauziya, *O Silêncio das Lágrimas*, Lisboa, Bertrand, 1999.

Silva, Rebelo da, *Contos e Lendas*, Liv. Civilização Ed., 1967.

Sousa, João Silva de, *Religião e Direito no Alcorão*, Lisboa, Ed. Estampa, 1986.

NOS CAMINHOS DA SEXUALIDADE: ANDROGINIA NA RELIGIÃO E NA CULTURA PORTUGUESAS

António Maria Romeiro Carvalho*

«A androginia talvez seja, de facto, o princípio norteador da Nova Era».

June Singer, *A Androginia. Para Uma Nova Teoria da Sexualidade*, 1976, p. 202

O que é que a sexualidade tem a ver com a religião, perguntar-se-á. Para além de, nas coisas humanas, tudo ter a ver com tudo, a sexualidade tem a ver com a religião e esta com aquela. C.G. Jung é frequentemente citado como tendo dito que, quando as pessoas traziam questões sexuais, acabavam estas por se revelar questões religiosas; quando traziam questões religiosas, acabavam elas por se revelar questões sexuais.¹ Sabemos, por outro lado, que o que existe no mais profundo do ser, seja no homem, seja num povo ou numa cultura, mais tarde ou mais cedo, tudo vem à superfície. Surge, naturalmente, em forma de religião, arte ou outra forma de expressão. Quando assim não acontece, o profundo expressa-se de forma doentia. Daqui a importância dos estudos psiquiátricos. Seja como for, o profundo tem de expressar-se à luz do dia. Uma das formas mais completa dessa expressão é a mitologia. Tal como o indivíduo projecta os seus conteúdos psíquicos pessoais sobre o meio ambiente que o envolve, diz J. Singer, «a mitologia é um meio através do qual uma povo projecta os conteúdos da psique colectiva sobre o mundo exterior». Nisto acreditaram C.G. Jung e outros.²

Mas como terá surgido a sexualidade? Como terão aparecido os dois se a criação, a acreditar em todos os relatos, começa sempre o uno, pelo ovo? Na opinião de J. Rosnay, «a sexualidade teria nascido do ...canibalismo: ao comerem-se umas às outras, as células teriam integrado os genes de outras espécies, que se teriam misturado(...) Em seguida, enquanto os organismos se tornam mais complexos, vão-se dotando de células germinais, que comportam, cada uma, metade dos genes do organismo a que pertencem. A sexualidade generaliza-se».

Com a sexualidade, introduziu-se também a morte, isto é, introduziu-se o tempo no interior do organismo, o envelhecimento, a morte. E embora nos custe, a morte é tão importante quanto a sexualidade; é a sua contra-face. Continua J. Rosnay, que «a morte repõe em circulação os átomos, as moléculas, os sais minerais de que a natureza necessita para continuar a desenvolver-se. Com a morte processa-se uma grande reciclagem dos átomos, cujo número se mantém constante desde o big bang».³ É graças à morte que a vida se regenera. Sem a morte, tudo morreria. É verdade que, a nível do indivíduo, a morte é dolorosa, mas, para a espécie é uma espécie de prémio. Faz assim sentido que o acto sexual seja encarado, ao longo dos séculos, como um lançar fora energia vital, um morrer pouco a pouco. E mais sentido faz quando tal é pensado em termos de colectivo. Decerto, a morte não é um presente para o indivíduo, mas é um prémio para a espécie, pois que permite a esta conservar o nível óptimo de desempenho.

1. Androginia: Origem e Conceito

Teólogos, poetas e filósofos têm exaltado a androginia como «um estado da exaltação do ser, o remate ideal da humanidade numa condição de transcendência». No mundo real, porém, a androginia tem sido conotada com a falta de uma diferenciação quer no estilo quer na aparência. Casos exemplares são as performances de Michael Jackson e de certos atletas Olímpicos, com ar afeminado, bem como as carreiras de estrelas de Hollywood e de Rock, casos de Mick Jagger, Elvis Presley e Marlene Dietrich. Hoje, os drag queen não só não escondem o seu aspecto, e talvez opção, andrógino, como o vendem.

A par do termo androginia aparece o termo hermafrodita, muitas vezes com igual significado. Contudo, há diferenças. Enquanto androginia é a síntese, hermafrodita é o híbrido. Androginia é o masculino-feminino indistinguível. Enquanto

«hermafrodita é uma figura do sexo, o andrógino é uma figura do género e o bissexual, pelo menos no moderno uso do termo, uma figura da sexualidade». Por exemplo, para C. Jung, «bissexualidade significa união transcendente, o todo, e o seu símbolo ou arquétipo era o andrógino ou hermafrodita», que Jung usa como sinónimos. Dir-se-á que, continua M. Garber, «no desenvolvimento da civilização, o ser primordial bissexual transformou-se num símbolo da unidade da personalidade, um símbolo do self, onde a guerra dos contrários encontra a paz».⁴

Para C. Jung, a *anima* é o lado inconsciente feminino do homem, enquanto o *animus* é o lado masculino da mulher. O andrógino «representa a integração ideal do masculino e do feminino no psique do indivíduo, um estado que ele chama *todo* ou *individualidade*».

Este todo consistirá na união ou fusão das personalidades consciente e inconsciente.

A androginia não é nem hermafroditismo, nem bissexualidade. Para se compreender o conceito de androginia, diz J. Singer, revela-se essencial «o senso de pertencer a uma ordem cósmica e de estar reflectindo a imensidão macrocósmica no interior do microcosmos humano». Androginia começa quando cada um de nós reconhece, de forma consciente, o seu potencial masculino e feminino. A androginia realiza-se quando cada um de nós próprios consegue estabelecer relações harmoniosas entre os dois aspectos diferentes e dicotómicos. Androginia, afinal de contas, é a «capacidade de cada indivíduo encontrar a sua própria maneira natural de ser».⁵

A androginia é um arquétipo, no sentido Jungiano do termo. É um arquétipo inerente da psique humana. Os arquétipos originam as imagens das tradições, dos mitos, dos contos de fadas e mesmo das actuais grandes imagens projectadas pelos Media. A androginia é um destes arquétipos e é representada continuamente em mitos e símbolos que, diz J. Singer, «reconhecidos e invocados, têm a capacidade de energizarem a potência criativa dos homens e das mulheres de maneira que a maioria de nós hoje mal pode imaginar».⁶

Androginia pode ser definida como «uma forma arcaica e universal para exprimir a totalidade, a coincidência dos contrários. Mais que uma situação de plenitude e de autarcia sexual, a androginia simboliza a perfeição de um estado primevo, não condicionado». As grandes divindades da vegetação são andróginas e andróginos, geralmente e igualmente, são as divindades da fertilidade. Como refere M. Eliade, traços de androginia encontram-se tanto em deusas, como Cibele, quanto em deuses, como Adonis ou Dionísios.⁷ Divindades agrícolas havia que eram consideradas femininas um ano e masculinas no ano seguinte.⁸ Como mostram as antigas teogonias gregas, qualquer divindade é bissexual, o que significa não necessitar de parceiro para reproduzir. A androginia

será mesmo a base biológica do homem. O feto, nos primeiros tempos de gestação, não é nem masculino, nem feminino. Naturalmente, passará a feminino. Para que seja masculino, necessita que surja uma hormona e que esta desempenhe o seu papel.

Perseguindo esta hipótese, castraram-se coelhos antes do início da diferenciação sexual, o que ocorre no 19º dia da gravidez, no total de 32 dias. O resultado obtido é que todos os fetos se desenvolveram como fêmeas. «*O macho constrói-se contra a feminidade primeira do embrião*», é a grande conclusão retirada por E. Badinter.⁹ De forma semelhante, se passa no caso humano, onde os embriões XX e XY são anatomicamente semelhantes até à 6ª semana.

Conclui-se, facilmente, que é mais fácil fazer uma mulher que um homem, coisa que já dizia J. Money. «Da concepção de um XY à masculinidade adulta, os caminhos está infestado de ciladas». Como E. Badinter pensa a psicóloga americana Ruth Hartley, para quem «os machos aprendem geralmente o que não devem ser para serem masculinos, antes de aprenderem o que podem ser ...» A identidade masculina afirma-se pela negativa e os seus processos de identificação são oposicionais; pelo contrário, a identidade feminina afirma-se pela positiva e os seus processos são relacionais. Nesta busca de identidade e oposição masculino-feminino, é claro o significado da linguagem quotidiana: «prova que és homem», «sê homem», é costume dizer-se, e nunca o contrário.¹⁰

Voltando a esta ideia, central no pensamento da autora, «o embrião macho luta para não ser feminino [...] Só pode existir opondo-se à mãe, à sua feminidade, à sua condição de bebé passivo». O masculino, para o ser, tem de afirmar três coisas: que não é uma mulher, que não é um bebé e que não é um homossexual.¹¹ Por isto é que um homem, que queira ser um homem tem de começar por se libertar da mãe e recalcar aquele maravilhoso e doce estado de passividade em que fazia um só com a mãe. Quanto maior e mais longa for esta ligação mãe-filho, mais drástico e doloroso tem de ser o acto de separação. Agora se compreende a «pedagogia homossexual».

A pedagogia homossexual, diz Berbard Sergent, é muito mais antiga do que normalmente se crê e tem mais aceitação nas sociedades onde a virilidade, quem o diria, tem o estatuto de valor moral absoluto. Como refere John Boswell, «entre os povos antigos entendia-se frequentemente que os homens que amavam outros homens eram mais masculinos que os seus homólogos heterossexuais». Os Gregos e os Sábios, os Romanos e os Escandinavos da Idade Média, os samurais japoneses e os Baruya, entre outros povos, pensaram, ao contrário dos tempos hodiernos, que a verdadeira virilidade passava por uma relação estreita entre dois homens. Nas tribos Baruya e Sábios, os jovens são alimentados com o esperma dos mais velhos.¹²

A introdução da homossexualidade na formação do rapaz, pensam alguns autores, ficar-se-ia a dever ao papel apagado do pai. Com isto esconde-se o medo da homossexualidade paterna, reforçada ainda pelo horror do incesto. Quanto à mãe, na sua relação com a filha, não se teme nada parecido. Como bem nota E. Badinter, «o pai pedófilo pertence ao registo dos grandes perversos»,¹³ ao passo que a mãe é, naturalmente pedófila. Aliás, o que é que, no fundo, se quer dizer quando se diz de alguém que é uma «mãe galinha?»

Marcado no mais profundo do homem está, pois, a androginia e o seu sucessor natural, o feminino. As crenças mais antigas reúnem-se, assim, à biologia. Crenças como as dos Babilônios: «é uma lei fundamental da criação que cada ser humano seja ao mesmo tempo macho e fêmea no seu corpo e nos seus princípios espirituais».¹⁴ A mesma crença manifestam os gregos, pela boca de Aristófanes. No banquete, Aristófanes tomou a palavra e disse: «A princípio havia três géneros entre os homens e não dois, como hoje, o masculino e o feminino; um terceiro era composto dos outros dois: o seu nome subsistiu, mas a coisa desapareceu; então, o real andrógino, espécie e nome, reunia num único ser o princípio macho e o princípio fêmea; agora já não é assim e só o nome ficou, como uma injúria. Em seguida, cada homem tinha a forma de uma esfera, com as costas e as costelas em arco, quatro mãos, outras tantas pernas e duas faces ligadas a um pescoço arredondado, absolutamente idênticas (...) Se havia três géneros, e tais como eu disse, era porque o primeiro, o macho, era originariamente filho do Sol, o segundo, fêmea, extraído da Terra, e o terceiro, participante dos dois, da Lua, porque a Lua tem esta dupla participação (...) Zeus cortou os homens em dois (...) Uma vez realizada esta divisão da natureza primitiva, eis que cada metade, desejando a outra, a procurava».¹⁵

Enquanto que o maior e mais profundo trabalho dedicado à androginia é a obra de June Singer, a afirmação e sustentação da androginia dos santos (masculinos) da religião popular portuguesa é de Moisés Espírito Santo e é simultânea e complementar de uma outra, a de que a sociedade e cultura portuguesa é «ginocrática» (efeminismo de matriarcal).¹⁶

A metodologia por nós seguida não é muito diferente da dos dois autores. Propomo-nos, tal como J. Singer, «investigar os inúmeros aparecimentos de imagens andróginas em diversas culturas, bem como a peculiar tendência da nossa cultura de suprimir essas imagens andróginas». De tal forma que, quando surgem essas imagens, surgem imperfeitas, incompletas e distorcidas do hermafrodita, como o Adão do Capítulo 2 do Génesis. Esta convicção é de tal forma forte na autora que não se escusa de afirmar

que «talvez, num futuro distante, os críticos sociais olharão em retrospectiva para a época da qual estamos nos aproximando e a denominarão «Era da Androginia»».¹⁷

Nesta intenção, a autora investigou «as páginas da história e da mitologia para descobrir o que as pessoas pensam sobre o Amor». Concluindo que, em toda a parte, se deparou com «o andrógino fitando-me como seu enigmático sorriso, um sorriso não inteiramente masculino nem inteiramente feminino». É convicção da autora que se pode «conhecer a qualidade primordial do andrógino a partir dos seus resquícios nos mitos, nas lendas e nas tradições sagradas de muitos povos primitivos». Os mitos dão-nos pistas «que sugerem ter existido uma cultura, hoje perdida, predominantemente matriarcal».¹⁸ Sabe-se que a religião é a cristalização da cultura e afirma-se, a par da arte, como a expressão que melhor revela as características dessa mesma cultura. Tal como M. Espírito Santo, estudamos a religião popular portuguesa para a descoberta das características da nossa cultura.

2. Andrógino Original e Andrógino Divino

O andrógino original encontra-se em todo o Alfa e Ómega, no início de toda a cosmogonia, como no final de toda a escatologia. No campo humano, esta unidade primordial tem imagem sexual e é dada pela pureza sexual do início do homem. A representação material desta ideia é dada muitas vezes com um ser possuidor dos dois sexos. Coexistente a esta ideia, uma outra se afirma, não contraditória, antes complementar. A de que, neste mundo, há necessidade imperiosa de diferenciar e separar totalmente os dois sexos porque, dizem as crenças antigas e diz a biologia, o ser humano nunca nasce totalmente masculino ou feminino.¹⁹ A descrição bíblica de Adão e Eva, da criação do homem à queda e expulsão do paraíso, contém esta duplicidade e uma leitura atenta permite ver aí a unidade primordial e a separação sexual posterior (Gen 1,26-2,24).²⁰ «Então Deus disse: façamos o homem à nossa imagem e semelhança (...) Então o senhor Deus mandou ao homem um sono profundo e enquanto ele dormia, tomou uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o senhor Deus fez uma mulher e levou-a para junto do homem».(Gen 1,26; 2,21-22).

Adão, à semelhança de Javé, é andrógino. Quer J. Singer, quer C.G. Jung pensam que uma verdade psíquica é uma recapitulação de uma verdade cósmica. Ora, se Javé criou homem e mulher à sua imagem e semelhança... Adão é andrógino, à semelhança de Javé; Javé é andrógino, à semelhança de Adão. Mais, Adão é uma totalidade. Diz o *Zohar*, no comentário a Gen 1,26: «façamos o homem à nossa imagem e

semelhança para que ele abrace como nós as quatro direcções (Este, Oeste, Norte e Sul), o alto e o baixo». Sendo Adão o centro, estão completas as setes direcções da totalidade. Mais, ainda. Bem dentro da tradição semita, e sociedades tradicionais, o nome de Adão diz isso mesmo. Em Adão estão contidos o superior e o inferior, em virtude das suas letras *aleph*, *daleth*, e *nem* final. O nome de Adão, continua o *Zohar*, foi entendido como englobando macho e fêmea.²¹

De Forma Semelhante pensa A. Souzenelle. Para esta autora, a tradição judaica apresenta Adão andrógino. Adão sabe que é dois: ele é '*Ish*, o esposo; ele é ela, a mãe, *Adamash*, '*Ishah*, a esposa. «'*Esh* é o fogo, '*Ishah* é a fogo».

'*Ishah* ficou na tradição judaica como *Lilith*, a noite. *Lilith* é o inconsciente. É uma personagem meio mítica, meio lendária. É apenas citada uma vez em toda a Bíblia, em Isaías 34,14. Há lendas que tratam *Lilith* de forma negra, mas outras há que a identificam com a Rainha de Sabá. *Lilith* é pois «a noite». A noite é materna. Cabe aqui evocar as inúmeras imagens de virgens negras enterradas em quase todas as partes do Globo. Uma famosa é a virgem negra polaca adorada por João Paulo II. Em França há mais de cem. Muitas delas são anteriores ao cristianismo. «Estão ligadas ao culto da deusa mãe, mas sobretudo ao da *virgo paritura*, «a virgem parideira» de origem celta».²²

Esta ideia de um andrógino divino decorre, diz J. Singer, «do conceito pelo qual o Ser último consiste uma unidade-totalidade. Nessa unidade-totalidade existem, conjugados, todos os pares de contrários em todos os níveis de potencialidade. A criação se dá quando o ovo cosmogónico se quebra. Nasce então o mundo».²³

O relato bíblico insere-se na universalidade do mundo antigo. Neste, as religiões não têm hierogamias (união de deuses) em virtude dos deuses supremos serem andróginos, isto é, macho e fêmea, em simultâneo. Assim, a hierogamia seria inútil para o acto de criar. A criação da mulher bíblica, mesmo sob a capa do patriarcado, pode ser considerada como um relato do fim da androginia e da diferenciação dos dois sexos.

A Grécia confirma Israel. A partir da *Ilíada* e da *Odisseia*, cujo texto é fixado no século VI a.C., nasce assim o mundo: «as águas de Oceano e Tetis correm bem juntinhas à volta da terra. No início, portanto, este par ancestral não delimita qualquer espaço. Como refere R. Sorel, «nem terra, nem céu adquirem extensão antes da união «sexual» das duas potências primordiais que têm a particularidade de partilharem da mesma natureza - ou, segundo uma metáfora fluvial, o mesmo leito. No início há apenas um elemento (água doce), no seio do qual se manifesta a dualidade/complementaridade do masculino (Oceano) e do feminino (Tétis). No princípio apresenta-se, pois, uma única água. «Um género de hermafrodismo pré-

antropomórfico», continua o mesmo autor.²⁴

A estatuária grega é sexual à sua maneira, isto é, não tem por fim excitar o outro sexo. «O sexual é um domínio particular que mergulha na estética, da mesma forma que a estética não pode existir sem o sexual». No período helenístico, porém, depois de sofrer as influências asiáticas, o espírito grego tentou traduzir esta neutralidade de uma maneira «groseiramente simbólica fazendo de Eros o hermafrodita, o andrógino voluptuosamente fatigado, possuindo e exibindo órgãos genitais masculinos e femininos ao mesmo tempo».

Por fim, o mito do andrógino é descrito por Platão n' *O Banquete* e assenta na ideia de que, na origem, o ser humano era constituído pela duplicação de dois seres humanos. Mas este mito não tinha fundamento na sociedade grega, pois que, aqui, o amor homossexual era encarado com indiferença.

No plano das relações entre os dois sexos, na religião católica, São José é um velho inofensivo de barbas que desaparece logo que a sua função protectora de Maria e do Menino deixa de ser necessária. Este é o protótipo da família portuguesa.

Resumindo, unidade sexual no princípio e no fim; separação sexual no meio, isto é, durante a existência no mundo. Pelo que, a divindade é unidade, porque princípio e fim. O homem é masculino ou feminino, porque a sua vida na terra é uma «peregrinação», porque mortal. Assim se podem também explicar os ritos de circuncisão e excisão. Ambos os ritos têm como finalidade a passagem definitiva da criança para o seu sexo aparente. O clitóris na mulher seria uma sobrevivência do pénis, enquanto o prepúcio no homem seria uma sobrevivência feminina, como refere J. Chevalier.²⁵

Só no princípio e no fim, no nascimento e na morte, em criança e na velhice - que é quando «volta a menino», no seio da Mãe - o homem é unidade sexual. O homem completa o círculo, torna-se imortal. No meio destes dois extremos, durante a sua «peregrinação», não é possível a unidade sexual. E não é porque a divisão sexual foi introduzida pelo pecado original.

Assim, só de uma forma é possível retomar, em vida, essa unidade; pelo sacrifício supremo da masculinidade: a castração. Castração física, como a de Orígenes ou simbólica, como a da São Paulo.²⁶ Em ambos os casos, castração efectiva. O que acabamos de afirmar é verdade religiosa e cultural do «povo» português. Verdade provada pelos santos, mas não só.

3. Os Santos Portugueses e a Androginia

Na aldeia, e na cultura portuguesa, os olhos e a face são o espelho da alma e as vestes diferenciam sexualmente. Os santos populares são representados

com vestes femininas, traços femininos e nomes masculinos. Dizemos os santos masculinos, que as santas populares portuguesas são representadas de feições, gestos e vestidos claramente femininos.

O mesmo não acontece com as santas, que são representadas bem femininas e algumas imagens de Nossa Senhora (Nossa Senhora da Expectação, Nossa Senhora do Ó) até mesmo apresentam a Senhora em estado de “expectação”. Excepções são os santos de barbas, que são inofensivos, isto é, colocados em lugar secundário ou mesmo esquecido; ou são pai (São José, pai de Cristo e São Pedro, pai da igreja); ou são violadores da mãe, no sentido figurado ou efectivo do termo (São Cristóvão e Santo Hilário), ou vão morrer (Senhor dos Passos e Cristo crucificado). No geral, os santos, na religião popular - repete-se - são andróginos.

Contudo, esta androginia não é do mesmo tipo da de divindades antigas, que possuem os dois sexos, representando a “totalidade das potências mágico-religiosas solidárias dos dois sexos”.²⁷ Sexo é uma questão que nem se coloca nos santos populares portugueses. E quando se coloca é simplesmente para evidenciar a secundarização do masculino face ao feminino, do pai face à mãe ou, então, para apresentar o abate voluntário do órgão sexual masculino. É o caso de Cristo sofredor que morre na cruz contra o caso de São Sebastião que morre flechado, mas sorridente. Cristo foi um homem que morreu pelo Pai; São Sebastião foi um *gallo* que se sacrificou pela Mãe. Interessante é que foi o teólogo cristão Orígenes (e Gregório de Nissa) quem viu em Adão um ser andrógino. Orígenes, ele próprio um *gallo* e, por via disso, não terá sido santo como tantos dos seus companheiros teólogos.

Esclareçamos pois esta diferença através de dois santos que são exemplos opostos: Cristo e São Sebastião. São dois casos paradigmáticos e, simultaneamente, semelhantes e antagónicos.

3.1. Cristo e São Sebastião

Cristo, já o disse M.E. Santo, ora se apresenta como ser andrógino, ora não. Andrógino quando está junto dos apóstolos, da multidão, de mulheres ou de crianças. Nestas circunstâncias, Cristo é afeminado. Depois dos trinta e três anos, quando inicia o suplício, Cristo é claramente masculino. No primeiro caso, Cristo é «solidário das mulheres; no segundo, é a «representação do pai».²⁸ Dizem os Evangelhos, a este propósito: «apresentaram-lhe então crianças para que as tocasse, mas os discípulos repreendiam os que as apresentavam. Vendo-o, Jesus indignou-se e disse-lhes: deixai vir a mim os pequenos e não os impeçais porque o Reino dos Céus é daqueles que se lhes assemelham».²⁹

O mesmo episódio, segundo O Evangelho segundo

Tomé, apócrifo, é igualmente claro: «Jesus viu crianças a mamar. Disse aos discípulos: (...)quando fizerdes de dois um e o interior como o exterior, e o exterior como o interior, e a parte superior como a inferior, de modo a fazer com que o homem e a mulher sejam um só, para que o homem se não faça homem e a mulher se não faça mulher (...) então entrareis no Reino» (L. 22). Noutra situação, «Simão Pedro disse-lhes: que Maria saia de entre nós, porque as mulheres não são dignas da Vida. Jesus disse: eis que a vou atrair a mim, a fim de a tornar um homem» (L. 114).

Nesta linha, abordemos, agora, comparativamente, São Sebastião, o santo de tanga, amarrado a uma árvore e setado e Cristo supliciado. O mesmo é dizer, Cristo na figura de *Ecce Homo*, Senhor dos Passos e Crucificado.

Do nosso ponto de vista São Sebastião era um *gallo*.³⁰ O seu sacrifício é suportado com cara de prazer e ar angelical dedicando-se à deusa mãe. Cristo na fase adulta, masculino e barbudo tem um ar doloroso e de enorme sofrimento. É de tal forma o seu sofrimento que, no Jardim das Oliveiras, sua sangue e pede ao pai que afaste dele tal cálice. Dedicando o sofrimento ao pai identifica-se com ele. Aqui se pode encontrar também a diferença entre identificação feminina e masculina, entre mãe e pai e, simultaneamente, a diferença entre matriarcado e patriarcado. Enquanto São Sebastião se sacrifica pela Mãe e possui uma cara jovem e alegre, Cristo, que se sacrifica pelo Pai, apresenta uma face adulta, reveladora da dor e sacrifício que lhe trespassam o corpo e a alma.

Se nos é permitida uma observação, até que ponto a afirmação actual de que a “homossexualidade é uma opção” estará ou não relacionada inconscientemente com estes arquétipos de sacrifício? E, já agora, porque não dar um salto até ao Médio Oriente do século II pela mão de Luciano de Samocata³¹, um autor grego clássico, e participar na “Festa da Fogueira” em honra da deusa síria, na cidade santa de Hiera?

“É nesses dias que se fazem os *Gallos*. Enquanto uns tocam flauta e celebram os mistérios, uma demência comunica-se a muitos dos assistentes, e muitos dos que vieram como espectadores entregam-se aos actos que vou contar. Todo o mancebo que decidiu ser *Gallo* larga o fato, avança lançando um grande grito no meio da assembleia, corre a agarrar num cutelo que é, julgo eu, reservado para esse efeito desde há muitos anos. Apanhado o cutelo, castra-se subitamente e põe-se a correr pela cidade exibindo nas mãos aquilo que cortou. A casa para onde atirar aquilo de que se privou, qualquer que seja a casa, fornece-lhe uma túnica de mulher e tudo quanto é preciso para adorno do sexo feminino. É assim que se pratica a castração”.

A partir daqui, os *Gallos* vestiam-se como as mulheres e faziam tarefas de mulheres. Porém, não se pense que os *Gallos* passavam à categoria de

homossexuais, travestis ou deixavam de amar. Nada disso. Continuando com Luciano sabemos que, “há mulheres que se enamoram dos *Gallos*, os *Gallos* são loucos por elas e ninguém tem ciúmes; consideram-se esses amores inteiramente sagrados”.

Pela castração o *Gallo* “colocava-se no mesmo plano da mulher virgem e da criança: a efeminação sugeria-lhes a passagem à existência eterna onde não há masculino nem feminino, mas uma criatura nova que é andrógina”, dizem M. Meunier e M.E. Santo.

Os *gallos* espalham-se pelo Mediterrâneo propagando o culto da grande mãe. Estão em Roma e na Judeia. Cristo conheceu-os, com certeza, uma vez que nos diz: “porque há eunucos que o são desde o ventre de suas mães; e há eunucos tornados tais pelas mãos dos homens; e há eunucos que a si mesmo se fizeram eunucos por amor do reino dos céus. Quem puder compreender que compreenda” (Mat 19,12).

Mas Cristo disse bem mais. Algo mais que os Evangelhos Apócrifos perpetuaram e os Canônicos aboliram ou deixaram apenas alguns laivos do muito que seria nos primeiros tempos. Estamos convencidos, e é nossa convicção que Cristo anunciou a era da androginia consubstanciada na criança. Criança que é tanto rapaz como rapariga e que até aos sete anos vive num limbo. As mensagens dos evangelhos repetem esta ideia até à saciedade. Vejamos, por exemplo, citações contínuas do *Evangelho Segundo Tomé*.

Lê-se no Logion 11, «no tempo em que éreis um, tornaste-vos dois, mas uma vez que vos tornastes dois, o que fareis?» Depois, aparece Jesus em cenas com crianças. «Jesus viu crianças a mamar, Disse aos seus discípulos: estas crianças a mamar podem-se comparar com os que entram no Reino. Eles disseram: Então, sendo pequenos, entraremos no Reino?

Jesus disse-lhes: Quando fizerdes de dois um e o interior como o exterior, e o exterior como o interior, e a parte superior como a inferior, de modo a fazer com que o homem e a mulher sejam um só, para que o homem não se faça homem e a mulher se não faça mulher; quando obtiverdes olhos em lugar de um olho e uma mão em lugar de uma mão e um pé em lugar de um pé, uma imagem em lugar de uma imagem, então, entrareis no Reino». L 22 A propósito, recorde-se a conversa entre Jesus e Nicodemos: «Em verdade, em verdade te digo, quem não nascer de novo não poderá ver o reino dos céus». Jo 3, 3

No mínimo é suspeita a relação de Jesus com sua mãe. Ouçamo-lo. «Simão Pedro disse-lhes: que Maria saia de entre nós, porque as mulheres não são dignas. Jesus disse: eis que a vou atrair a mim, a fim de a tornar homem, para que também ela seja um espírito vivo semelhante a vós, os homens. Porque toda a mulher que se tornar homem entrará no reino dos céus»: L. 114

Leia-se em Mateus: «porque há eunucos que o são

desde o ventre da mãe, e há eunucos tornados tais pelas mãos dos homens e há eunucos que a si mesmos se fizeram eunucos por amor do reino dos céus. Quem puder compreender, compreenda». Mat 19,12.

Voltando às crianças, «Maria disse a Jesus: com quem se podem comparar os teus discípulos? Ele disse: compararam-se com crianças pequenas». L. 21

Noutra altura, «os seus discípulos disseram: em que dia te manifestarás a nós e em que dia te veremos? Jesus disse: quando vos despojardes da vossa vergonha, e pegando nas vossas roupas, as deitardes aos pés como crianças pequenas, e as calcardes, então vereis o Filho daquele que é vivo e não tereis medo». L. 37

Mais, «Jesus disse: desde Adão até João Baptista, entre todos os que foram nascidos das mulheres, nenhum foi maior que João Baptista; de modo que os seus olhos não serão destruídos. Mas eu digo: aquele que entre vós se tornar pequenino conhecerá o Reino e será maior que João». L. 46 Ainda, «Jesus disse: o homem velho com os seus muitos dias, não hesitará em interrogar uma criança de sete dias sobre o lugar da Vida ... ». L. 4

Os primeiros cristãos compreendiam tais palavras e conheciam tais situações. Alguns tomaram estas palavras de Cristo à letra e castraram-se. O mais célebre deles, já o dissemos, foi Orígenes, um dos maiores teólogos dos primeiros séculos do cristianismo. É possível descortinarmos, ainda hoje, o peso desta herança cultural na igreja católica. A castidade é voto de religiosas e religiosos católicos. Só pela castidade se pode atingir a fusão perfeita com Cristo. E para atingir Cristo (deus) é preciso fundir-se com a Santa Madre Igreja. O mesmo desejo de atingir o divino, dantes natural e livre de pecado, passa para as mãos da igreja intermediária entre o sagrado e os homens. Socialmente a castidade ganha valor de pureza, de posse da virtude.

São Paulo também conhecia esta realidade mas segue a racionalidade grega. Os gregos admitiam o andrógino apenas como realidade virtual. Quando nascia uma criança com sinais de hermafroditismo era imediatamente eliminada pelos pais.³²

São Paulo opõe-se claramente ao conteúdo desta mensagem. Propõe uma forma sublimada de castração, sugerindo a castidade a todos, começando pelos solteiros e viúvos. É muito clara a sua mensagem quando diz: “estás casado? Não procures desligar-te. Não estás casado? Não procures mulher” (1Cor 7, 27). Por aqui se pode compreender provavelmente as origens da castidade sacerdotal. Mas os primeiros eremitas, homens e mulheres que buscaram a perfeição no deserto nos séculos IV e V da nossa era buscavam também a fusão com Cristo na androginia. Exemplo é o relato acerca da eremita Amma Sarra e conta-se dela que, durante treze anos

foi «fortemente atacado pelo demónio da fornicação». Também se dizia que «viveu sessenta anos sobranceira ao rio e nunca desviou os olhos para o olhar». Era uma mulher forte e também cheia de sabedoria. Aos anacronetas que a foram visitar e lhe lembraram que ela era mulher respondeu: «pela natureza, sou uma mulher, mas não pelo pensamento».³³

4. Religião e Cultura Portuguesa: o Domínio da Mãe e a Permanente Dependência do Filho

Os santos portugueses, resume Moisés Espírito Santo, têm «nome masculino e alma feminina». Diz ainda que «a androginia dos santos populares reporta-se às representações inconscientes da mãe; eles são mães de algum modo, ou bons como a mãe».³⁴ Na cultura portuguesa é isto claro. Nascemos e morremos todos iguais. No princípio e no fim, o homem é bom, isto é, todos os bebés são lindos, toda a criança é boa, todo o falecido é boa pessoa. Pelo contrário, o disciplinador, o «mau» é o pai. Assim, quanto mais dentro e mais próximo da mãe, mais puro, mais unidade primordial. Por fim, criança é feminino gramatical e culturalmente. Seja do sexo masculino, seja do feminino, criança é a idade de viver debaixo das saias da mãe e das mulheres; vestir vestidos, folhados, laços e rendas femininos; é a idade de brincar (eles e elas) aos homens e às mulheres sem que se lhes veja maldade alguma. É a idade da inocência. Sobre o domínio da cultura sobre a gramática, é interessante o exemplo de Idanha-a-Nova. Aquando da observação da Procissão do Senhor dos Passos, todos, homens e mulheres referia, que ao encontro do senhor iam as três santinhas. E «as três santinhas» são Nossa Senhora das Dores, Santa Maria Madalena e São João Baptista. Para além da afectuosidade cultural portuguesa do «inho», gramaticalmente, dever-se-ia dizer santinhos, porque está um masculino, e é o masculino que é o universal. Mas diz-se «santinhas», porque, para além da presença da Mãe de Deus dolorosa e da «Santa», São João (como a maioria dos santos portugueses) é *feminino*. Mesmo o pároco, em conversa, se referiu aos três como «santinhas», emendado de imediato o erro gramatical em que caíra. É a *vingança* da religião popular e do matriarcado. E não admira que o próprio padre, possuidor de uma firme cultura gramatical, tenha caído neste erro. Afinal, o padre é ele mesmo, um andrógino. O padre é uma figura ambígua: por um lado, veste de mulher e os homens da aldeia dizem-no castrado; por outro, dizem que não tem mulher, mas anda com as mulheres dos outros.³⁵ Assim, pelos trajes e pelo comportamento, o padre da aldeia, o antigo prior, «é andrógino, participa da natureza bissexual dos deuses».³⁶

Voltando ao homem, durante o tempo que passa

entre os dois pólos essenciais da vida humana referidos, nascimento e morte, que são o vir e o regressar ao seio da Grande Mãe, o homem que queira tornar a ser criança só tem uma solução: castrar-se. Possessiva, como as mães portuguesas, a Magna Mater não consente que o seu filho seja de outra mulher. A Mãe não consente que o seu filho cresça e deixe de ser criança.

O acto sexual é necessário à procriação e inevitável, visto a existência humana, no mundo, exigir a separação sexual, consumando assim, uma atracção contínua dos contrários. O acto sexual é um mal inevitável e necessário e considerado pela mulher como uma violentação. Por isso é que nos santos barbudos, nitidamente machos, como é o caso de São Pedro e Santo Antão, se esquecem da família, a prova da sua sexualidade masculina.³⁷ São eremitas, renegaram o mundo, isto é, a carne. Não há eremita que não passa pela tentação da carne, como as lendas de Santo António e São Bento exemplarmente referem: «al iniciar su nueva existencia de anacroneta, se vio fortemente asediado por deseos de fornicación (...) en cierta ocasión había visto una mujer haciéndole codiciar su hermosura y enciendendo en su ánimo apetitos libidinosos».³⁸ Na tradição popular, São Pedro é *transformado* em eremita. Assim se compreende que uma das mais lindas ermidas, numa das mais lindas paisagens, seja dedicada a São Pedro. São Pedro de Vir-a-Corça, Monsanto, lugar do eremitério, onde, segundo a lenda, viveu Santo Amador.

Confirmando o dito, por oposição, estão as santas das ermidas. Todas apareceram a pastorinhos crianças, numa árvore feminina, que tem sempre bom fruto. Isto é, não precisam de homem para dar bom fruto, ao contrário destes que não o dão, ou dão mau fruto. A Senhora do Almortão apareceu numa murta, a Santa Catarina (Ladoeiro) tem associada uma amendoeira, a Senhora da Silva (S. Miguel de Acha) e Nossa Senhora da Póvoa (Penamacor) apareceram numa silva, Nossa Senhora da Azenha (Monsanto e Pena Garcia) apareceu dentro do tronco esburacado de velho de uma azinheira, Nossa Senhora do Incenso (Penamacor) num tronco oco de velho de uma sobreira, Nossa Senhora da Silva (Bemposta), para que não fosse roubado pelos invasores, foi enterrada. No local nasceram silvas que deram lindas rosas brancas. Nossa Senhora de Fátima aparece numa azinheira, por isto mesmo. E com quem vivem estas senhoras? As santas são solteiras, logo não podem ter o menino ao colo, que, em imagem popular, significa maternidade. Mas a Senhora não o é e, por tal, pode ter o filho nos braços e mostrá-lo bem aos seus fiéis. O filho menino, que mais não é que a sublimação do filho-homem-esposo.

Não conhecer homem, não precisar dele, é concentrar em si toda a energia primordial. Conhecer homem é perdê-la, toda ou em parte. As santas das

ermidas não conhecem homem e só assim conseguem segurar sozinhas e isoladas o negativo do exterior fazendo muralha face à aldeia. O exemplo histórico mais representativo do que dizemos é o de Joana d'Arc. Uma santa virgem aldeã que comandou os exércitos da sua Pátria contra os invasores inimigos. Santa que, como Santa Marina, cortou os cabelos e se apresentava como homem, para mostrar, no campo do masculino, a sua superioridade. Santa idolatrada pelo "povo", mas queimada pela hierarquia católica.

O homem adulto, qual zangão, deve morrer. Ser homem é morrer, ser mãe é viver. Identificar-se com ela é ser imortal, é ser sempre criança. Ser criança para sempre é o desejo possessivo das mães. Por parte dos homens, é o desejo de regressar à idade do ouro: a idade do sonho e do colo da Mãe.

5. Conclusão: Era do Aquário, Era da Androginia

Um arquétipo será aquela coisa material que, «na mitologia, na religião e muitas vezes na vida corrente, é a sombra de uma outra que não se consegue definir, nem exprimir, é a sua imagem ou o seu símbolo». O arquétipo é pois algo de inato e inconsciente, em grande parte e que chega até nós «via pensamentos, sentimentos e experiências corpóreas».³⁹

A androginia é, definitivamente, um arquétipo. Porém, visto que a revolução sexual actual pode parecer uma reacção contra as injustiças ao longo dos séculos, convém deixar claro, como faz a autora, que a androginia é algo «inerente na natureza do organismo humano. O princípio da androginia não é reactivo, mas intrínseco».⁴⁰ Depois de tudo, não custa aceitar a afirmação fundamental desta psicóloga: a androginia será o princípio norteador da nova era.

O andrógino foi praticamente abolido da tradição judaico-cristã por, pelo menos aparentemente, ameaçar a imagem patriarcal de deus. No entanto, o que corresponde mais ao arquétipo da orientação da sociedade humana é a androginia e não o modo patriarcal. Só o facto de a nossa sociedade, para além da ditadura patriarcal, ter virado demasiado para o racionalismo e para a tecnologia a impede de ver esta verdade.

Hoje, uma nova teoria sexual se afirma contra antigas afirmações e convenções. A antiga ordem vai caindo aos pés de uma liberdade sexual e contactos desinibidos. É o fim do controlo antigo. Porém, ao contrário do que deveria acontecer, as novas psicologias só nos fatigam. A nova sexualidade é cada vez mais individualista, cada vez mais preocupada e reduzida ao prazer, prazer individual, e cada vez menos preocupada com os valores. Por paradoxo, portanto paregoar os prazeres do sexo, até o sexo, digo, o prazer, se esvai. É contra este paradoxo que chamamos, já, a atenção. Reduzir ou acentuar na

sexualidade os processos de reprodução ou planeamento familiar, isto é, colocar a tónica no controle nos processos de reprodução ou não reproduções é reduzir a sexualidade à história das técnicas, ao mesmo tempo que se retira ela da associação habitual e secular ao casamento e à família. É verdade que isto contribui para o prazer e felicidade individual, mas não é menos verdade que contribui para uma deficiente «criação» dos filhos, no sentido pleno do termo. As antigas leis foram rejeitadas e o caos se implantou, visto que não se encontrou nenhum substituto adequado. Face a esta situação de *nada*, vê bem J. Singer, quando afirma que «a maioria das pessoas vai se tomando indiferente ... vivência, emocional da sexualidade, ou ingressam num niilismo sexual em que tudo é experiência e tudo vale».⁴¹

Para se ultrapassar esta nova situação, é necessário uma nova forma de pensamento. O Ocidente pensa, habitualmente, em termos de sistemas fechados, isto é, quando se enfraquece ou esgota um elemento, tudo sofre e esgota. Dito de outra forma, o pensamento ocidental é, intrinsecamente, entrópico.

Esta forma de pensar, bem como os modelos tradicionais de sexualidade estão em decadência. As pessoas estão mais livres de experimentar. Porém, já atrás o referimos, acabam por se ver em dificuldades pois que, por mais que se queira, a marca a fogo de antigos rótulos permanece. O primeiro destes rótulos é o carácter absolutos, quando deveria ser relativo, atribuído à sexualidade: homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade ... A nova teoria sexual terá de partir para um contexto mais amplo de sexualidade. Como bem resume J. Singer, «a nova era em que estamos ingressando exigirá o abandono de um enfoque estritamente pessoal e de uma orientação universal».⁴²

No universo, cada pessoa é um sistema aberto, um organismo completo e cada qual possuidor de uma energia que faz com que a sociedade avance. Assim pensado e assumido, cada indivíduo é visto como factor de progresso. Nenhum é só feminino, nenhum é só masculino; nenhum nem nenhuma parte é a boa e a outra a má. Todos possuem permanentemente em presença a oposição de contrários. Sabê-lo e conhecê-lo e usá-lo, eis a realização. Neste jogo de contrários, a grande oposição é a que se reduz à *luta* entre o lado introvertido da natureza do indivíduo e a abertura ao universo. Resultado do estudo de inúmeros casos psiquiátricos, J. Singer afirma que «ao lado introvertido da nossa natureza defrontam-se problemas referentes à energia que flui por outros canais que não os interpessoais; por exemplo, as dúvidas e os dilemas em torno da masturbação, da criatividade, da viuvez e da velhice. Ao lado extrovertido ocorrem as questões de solidão dentro do casamento, ou de alienação em meio a um grupo ou organização».⁴³

No fim de tudo o que foi exposto, perguntar-se-á como nasce ou conhecemos o andrógino dentro de nós. Esta pergunta não se pode colocar. No fim de tudo, dever-se-á ficar a saber que a androginia não se toma ou adquire. Nós nascemos andróginos. Podemos é não o saber ou perceber. Para sermos ou percebermos o que somos, «basta sermos nós mesmos».⁴⁴ Voltando às palavras de Cristo, «quem tem ouvidos que ouça»! Quem quiser que entenda!

* Professor de História. Sociólogo. Investigador do IEDS - Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica da UNL.

Notas

- 1 Afirmando por June Singer. *Androginia. Rumo a uma Nova Teoria da Sexualidade*, p. 203
- 2 Idem, *Ibidem*, p. 55.
- 3 Citações e ideia central de Joel de Rosnay, in Hubert Reeves e Outros, *A Mais Bela História do Mundo...*, pp. 82-84.
- 4 Marjorie Garber, *Vice Versa Bissexuality*, pp. 207-208.
- 5 Citações de June Singer, *Androginia. Rumo a uma Nova Teoria da Sexualidade*, pp. 38, 42.
- 6 June Singer, *Ibidem*, p. 27.
- 7 Afirmações de Mircea Eliade, *Sonhos e Mistérios*, p. 148.
- 8 A propósito de androginia e hierogamia, e partindo da análise dos mitos cosmogónicos, é possível estabelecer uma sequência, digamos, cronológica:
 - 1- a situação primordial é a totalidade, isto é, é a androginia que precede a hierogamia;
 - 2- a cosmogonia inicia-se com a separação entre o Céu e a Terra e vão nascer deuses;
 - 3- depois desta separação já se pode falar de hierogamia e consuma-se a criação do mundo com a união dos dois princípios cósmicos, e nascem mais deuses;
 - 4- a Terra-Mãe morre dando à luz divindades da fecundidade telúrica e vegetal, sem necessidade de par. Tal como a semente lançada à terra, a Terra-Mãe não necessita de par para a fecundação, mas sacrifica-se para que ela aconteça. A partir de Mircea Eliade, *Opus Cit*, p. 153.
- 9 Elisabeth Badinter, *XY. A Identidade Masculina*, p. 62.
- 10 Citação e ideia base de Elisabeth Badinter, *Opus Cit*, pp. 55, 82, 15.
- 11 Idem, *Ibidem*, p. 55.
- 12 Citação e informações históricas de Elisabeth Badinter, *Opus Cit*, pp. 11-114.

- 13 Idem, *Ibidem*, p. 120.
- 14 Citado por Jean Chevalier e Outro, *Dicionário dos Símbolos*, p. 66.
- 15 Platão, *O Banquete*, pp. 67-69.
- 16 Quanto a nós, foram duas maiores achas lançadas na fogueira da intelectualidade portuguesa que, infelizmente, não discute, antes pratica a inveja e a maledicência. Na senda da polémica, o autor lançou uma terceira, em 1996, segundo a qual o culto na Cova de Santa Iria, Fátima, foi precedido por cultos fatimidas há séculos. Muito das aparições, da vida dos videntes e da toponímia o prova. Aqui, ao caso vem a androginia e gostaríamos de dar o nosso contributo para a compreensão da tese deste sociólogo.
- Acerca das três teses do autor, ler *A Religião Popular Portuguesa e os Mouros Fatimidas e as Aparições de Fátima*.
- 17 June Singer, *Opus Cit*, pp. 78, 26.
- 18 Idem, *Ibidem*, pp. 9, 28, 54.
- 19 Sobre o símbolo “andrógino”, fala Jean Chevalier e Outro, *Dicionário dos Símbolos*, p.66.
- 20 A acreditar em Mircea Eliade, vários midrashim apresentam Adão andrógino: Adão e Eva de costas e ligados pelos ombros ou Adão sendo homem do lado direito e mulher do lado esquerdo. *Mefistófeles e o Andrógino*, p. 107.
- 21 O Zohar. *O Livro do Esplendor*.
- 22 Annick Souzenelle, *O Feminino do Ser. Para Acabar de Vez com a Costela de Adão*, p. 26, 33,46.
- 23 June Singer, *Opus Cit*, p. 28.
- 24 Reynal Sorel, *As Cosmogonias Gregas*, p. 22.
- 25 Jean Chevalier, *Opus Cit*, p. 66.
- 26 Para perceber esta diferença, ler 1 Cor 7,7-8; 2 Cor 11,2.
- 27 Mircea Eliade, *Tratado de História das Religiões*, pp. 72-74.
- 28 Moisés Espírito Santo, *Opus Cit*, p. 120.
- 29 Mar 10,13-14. Também Mat 19,13-15; Lc 18,15-17.
- 30 Gallo ou galli eram originários da Gália que vocacionados pela Deusa se castravam para se dedicar à sua missão religiosa.
- 31 Um cronista viajante do século II da nossa era.
- 32 Diz Mircea Eliade, *Mefistófeles e o Andrógino*, p. 121.
- 33 AAVV, *Os Padres do Deserto*, Lisboa, p. 172.
- 34 Moisés Espírito Santo, *A Religião Popular Portuguesa*, pp. 119 e 121. Sobre a castração e o culto da Grande Mãe, ler *Origens do Cristianismo Português*, pp. 83-99.
- 35 Gostaríamos de lembrar a quadra popular que se refere aos filhos do padre: «Não há fruta como o abrunho,/ nem lenha como a de azinho;/ nem filhos como os do padre, / que chamam ao pai padrinho».
- 36 Idem, *Opus Cit*, p. 193
- 37 Como diz Moisés Espírito Santo, “os santos populares, e muitos dos que são venerados pela igreja, apresentam estas constantes: não são casados e não fazem menção da sua família; renunciaram ao estatuto de macho e de pai” *A Religião Popular Portuguesa*, pp. 117
- 38 *Legenda Dorada*, Vol. 1, pp. 107, 200.
- Esta foi a tentação em que Martins Scorsese fez cair Cristo

39 A definição base de arquétipo de ambos os autores é a mesma. Moisés Espírito Santo, *A Religião Popular Portuguesa*, p. 19 e June Singer, *Androginia. Rumo a Uma Nova Teoria da Sexualidade*, p. 210.

40 Juno Singer, *Opus Cit*, p. 10.

41 June Singer, *Opus Cit*, p. 202.

42 Idem, *Ibidem*, p. 204.

43 Idem, *Ibidem*, p. 224.

44 Idem, *Ibidem*, p. 208.

Fontes

AAVV, *Bíblia Sagrada*, Lisboa, Livraria Figueirinhas, 1975, 21ª Edição

AAVV, *O Evangelho Segundo Tomé*, Lisboa, Editorial Estampa, 1991

AAVV, *Os Padres do Deserto*, Lisboa, Editorial Estampa, 1991.

AAVV, *O Zohar. O Livro do Esplendor*, Lisboa, Editorial Estampa, 1994

PLATÃO, *O Banquete*, Lisboa, P.E.A., 1986, 2ª Edição.

Bibliografia

BADINTER, Elisabeth, XY. *A Identidade Masculina*, Porto, Edições ASA, 1996 (1992), 2ª Edição

BARBIER, Patrick, *História dos Castrados*, Lisboa, Livros do Brasil, 1991 (1989) CASSIRER, Ernst, *La Philosophie des Formes Symboliques*,

CAZENAVE, Michel, *Encyclopedie des Symboles*, Paris, Le Livre de Poche, 1996 (1989)

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Editorial Teorema, 1994 (1982)

COELHO, Adolfo, *Contos Populares Portugueses*, Lisboa, P. D. Quixote, 1993, 3ª Edição

ELIADE, Mircea, *Mefistófeles e o Andrógino*, São Paulo, Martins Fontes, 1991 (1962)

ELIADE, Mircea, *Tratado de História das Religiões*, Porto, Edições ASA, 1992 (1949)

GARBER, Marjorie, *Vice Versa Bisexuality*, New York, Simon & Schuster, 1995 HORNER, Tom, *Sexo na Bíblia*, Lisboa, Editorial Futura, 1979 (1974)

LEVEQUE, Pierre, *Deuses, Animais e Homens*, Lisboa, Edições 70, 1996 (1985) LEININSOHN, Rochard, *História da Vida Sexual*, Lisboa, Livros do Brasil, (1956) MARTINS, Manuel Gomes, «Portugal não Tem Tradição de Mar», 24 Horas, 20-9-98

OLIVEIRA, Carlos de, Org., *Contos Populares Portugueses*, Vol. 4, Porto, Livraria Figueirinhas, 1977

PEDROSO, Consiglieri, *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, Lisboa, P. D. Quixote, 1988

PHILIP, Neil, *Livro Ilustrado de Contos de Fadas*, Porto, Livraria Civilização, 1997 PHILIP, Neli, *Livro Ilustrado de Mitos*, Porto, Livraria Civilização, 1995

REEVES, Hubert e Outros, *A Mais Bela História do Mundo. Os segredos das Nossas Origens*, Lisboa, Gradiva, 1997 (1996), 2ª Edição

SANTO, Moisés Espírito, *A Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1990 (1984), 2ª Edição

SANTO, Moisés Espírito, *Origens do Cristianismo Português*, U.N.L., 1993 SANTO, Moisés Espírito, *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988

SANTO, Moisés Espírito, *Os Mouros Fatimidas e as Aparições de Fátima*, U.N.L., 1995

SINGER, June, *Androginia. Rumo a uma Nova Teoria Da Sexualidade*, São Paulo, Editora Cultrix, 1990 (1976)

SOREL, Reynal, *As Cosmogonias Gregas*, Lisboa, P.E.A., 1994



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9

LEGENDAS DAS FOTOGRAFIAS

1. Nossa Senhora do Ó. A Senhora, como as santas portuguesas, é apresentada de vestes, expressão e situação claramente feminina. Não há engano ou dúvida possível. É uma mulher e em estado de gravidez. Montemor-o-Velho. Foto do autor.

2. Maria é a maior santa da religião católica. É a rainha dos santos, como bem demonstra esta pintura: A Santíssima Trindade coroa Maria. Esmoriz. Foto

do autor.

3. Jesus, Maria e José, a Sagrada Família, o protótipo da família portuguesa. Cristo criança, é andrógino. José, de barbas, é inofensivo. Aparece operário muito em virtude da força do operariado com o século XIX. Castelo Branco. Foto do autor.

4. Santo andrógino é também São João, quando apresentado em criança, geralmente segurando o cordeiro. Figueiró dos Vinhos. Foto do autor.

5. São Sebastião, o mais acabado exemplo de um santo andrógino que se sacrifica pela Grande Deusa Mãe. Quanto a nós, São Sebastião era um Gallo. Galli eram os que se castravam em louvor da deusa siria Cibele. O seu sorriso e ar angelical e não sofredor contrasta com o do Senhor dos Passos e Cristo sofredor. Penamacor. Foto do autor.

6. Senhor dos Passos. Sacrificou-se pelos homens em honra de deus Pai. Ao contrário de São Sebastião, a sua dor é imensa. Tanto que pede ao Pai para que afastasse dele aquele cálice. Mação. Foto do autor.

7. Cristo Crucificado. A mesma dor, o mesmo ar dolorido e de cara barbada, ao contrário da cara imperbe de São Sebastião. Oliveira de Azeméis. Foto do autor.

8. Barbudo apresenta-se também São Cristóvão. Um bom exemplo do culto popular que está muito pouco voltado para os cultos (mais) recomendados pela hierarquia católica. Embora não sendo um santo muito popular naquela hierarquia, a sua estátua na Rotunda do Aeroporto, Lisboa, só para dar este exemplo, encontra-se sempre rodeada de flores. Mafamude. Foto do autor.

9. A senhora das Dores. O seu sofrimento é o de uma mãe que perde o filho jovem. De certa forma, é como se estivesse «roubando» ao filho uma cota parte do sacrifício salvador, sofrendo com ele e acompanhando todos os seus passos até à cruz final. Um protótipo da mãe portuguesa. Mação. Foto do autor.

DE QUANDO SE CONSIDEROU A ÁGUA CONSTITUÍDA POR OXIGÉNIO E HIDROGÉNIO E A ADEÇÃO DOS QUÍMICOS PORTUGUESES ÀS NOVAS TEORIAS NO SÉCULO XVIII

Maria de Fátima Paixão*



Figura 1 – A balança já existia no laboratório de Alquimia (séc XIII)

A história do conhecimento químico da água está indissoluvelmente ligado à história do progressivo conhecimento dos gases, do estudo das reacções químicas de combustão e da compreensão científica do princípio da conservação da massa, pelo recurso a sofisticadas balanças e outros instrumentos.

Vamos ver que, primeiro, o ar teve que passar a ser uma mistura de gases, que, segundo, o oxigénio teve que ser um elemento, para, em terceiro lugar, a água poder ser um composto... e tal implicou uma mudança de teoria explicativa da organização da matéria, em que a interpretação das reacções de combustão teve papel decisivo.

1. Da Alquimia à Química

Foi Aristóteles quem se referiu à “física da qualidade”, cujas influências perdurariam, praticamente, até Lavoisier, pela tese dos quatro elementos. Toda a experiência sensorial se baseia sobre quatro qualidades, quente, frio, seco e húmido, que se juntam a uma matéria prima que de si não tem propriedades e não existe no estado isolado, e dão, por combinação

das qualidades, os elementos: o fogo (quente e seco), o ar (quente e húmido), a terra (frio e seco) e a água (frio e húmido). A existência de uma “Química” justifica-se pelo facto de as qualidades se poderem substituir, num elemento, pela qualidade oposta. O ar transforma-se em água, se o quente é substituído pelo frio. Nesta explicação, os elementos não são imutáveis e é possível, partindo de várias substâncias, obter outras completamente diferentes, sem que restem quaisquer traços das primeiras.

Aristóteles não passou de interpretações, sem nunca ter realizado qualquer experiência. No sentido da implicação de uma prática, Zóximo (séc III d.C.) é habitualmente considerado o pai da Alquimia. Baseando-se em concepções próximas das de Aristóteles, teve, por exemplo, a confirmação experimental de que água aquecida num recipiente aberto se reduz a uma exalação que se mistura com a atmosfera e deixa no fundo uma terra branca, pulverulenta, de tal modo que a conclusão de que a água se transforma em ar e terra era inevitável.

Para muitos historiadores da ciência (Reichen 1966; Jaffe 1967; Debus 1984) Paracelso (1493-1541) foi um

dos mais espantosos alquimistas do século XVI. Inaugurou a primeira cátedra de Química fundada no mundo, na Universidade de Basileia em 1527, embora não tenha lá ficado muito tempo. Entre contradições e incoerências, de que é acusado, Paracelso efectuou muitas observações com interesse. Reconheceu, por exemplo, que o ferro atacado pelo vitríolo (ácido sulfúrico), em presença da água, origina “uma libertação semelhante ao vento” (hidrogénio), verificou que, através da combustão, o estanho aumentava de peso. Destes fenómenos dava as suas explicações ocultistas: o princípio enxofre é substituído pelo princípio sal e o metal morre deixando cinzas. “Aqueça-se essas cinzas com algum fermento (entenda-se carbono) e volta a obter-se o metal primitivo graças ao fermento, símbolo da ressurreição” (Reichen 1966, 26-30). Contudo, na sua opinião, a alquimia não devia ter como única finalidade a transmutação dos metais, mas também a descoberta de remédios que permitissem aliviar os sofrimentos da humanidade (Reichen *op. cit.*).

Paracelso estudou na universidade de Montpellier, vagueou entre Bolonha e Pádua, Espanha e Portugal, antes de viajar para Inglaterra. Clamou pela necessidade de experimentação (Jaffe 1967, 26). Considerava que as mudanças que ocorrem no corpo são químicas, as doenças devem ser tratadas pelos químicos, a vida é essencialmente um processo químico e o corpo um laboratório no qual os princípios do mercúrio, sal e enxofre se misturam e reagem para trazer a doença ou a saúde. Publicamente a sua posição era de que “o verdadeiro uso da Química não é fazer ouro mas preparar medicamentos”, contudo, em privado, tentaria preparar ouro alquímico (*op. cit.*, 30).

Pela mesma altura, a prática química em Portugal, ao serviço da medicina e da farmácia, era influenciada por Fioravanti, com João Bravo Chamisso, no seu tratado *De Medendia Corporis Malia*, a considerar a alquimia como “parte integrante da cirurgia”, e Duarte Arraes, no seu *Tratado dos Oleos de Enxofre*, em que cita Paracelso e Arnaldo Vilanova. Sabe-se ainda que, no século XVI-XVII, Frei Vicente Nogueira (1586-1654) possuía uma biblioteca recheada de preciosos tratados alquímicos, com obras de Hermes Trimegisto, Raimundo Lullio, Basílio Valentino e do próprio Paracelso, que a Inquisição terá apreendido e queimado (Amorim da Costa 1992, 157-158).

2.1. Firmar uma teoria: Sthal e a teoria do flogisto

A Química manteve-se, na emergência da revolução científica dos séculos XV-XVII, partidária de uma filosofia vitalista, muito naturalista, do entendimento do cosmos. É sobretudo dentro do vitalismo de Paracelso, que, nos séculos XVII e XVIII, algumas

explicações de certos fenómenos químicos ainda se assumem (Amorim da Costa 1987).

A atenção dos químicos volta-se com mais interesse para a natureza do fogo, do ar e dos demais elementos, deixando-se arrastar, com naturalidade, para os problemas sobre a **natureza da combustão**.

Becher (1635-1682) dá o passo mais decisivo nessa reformulação. As suas obras *Oedipus Chimiis* (1664) e *Physica Subterranea* (1669) rapidamente se impõem como dois textos base sobre os elementos, os princípios e os processos químicos. Nelas, Becher rejeita a doutrina corrente relativa aos quatro elementos de Aristóteles, afirmando que o fogo não é um verdadeiro elemento e considerando que os princípios elementares de todas as coisas são o ar, a água e a terra. Porém, destes três, mais do que elementos constitutivos, o ar é, antes, um instrumento de mistura e, portanto, os elementos que são realmente base de todas as coisas materiais são a terra e a água. Considerando as diferentes propriedades dos metais e outros minerais, Becher foi levado a admitir três tipos de terra: uma que explicasse a substância, outra, a sua cor, e uma terceira, a sua subtilidade, forma, odor e peso. Na natureza existiriam pois, uma terra *vitrescible*, uma terra *pinguis* e uma terra *fluida*.

A *Physica Subterranea* de Becher fascinou particularmente o químico alemão George Stahl (1660-1734) que a considerou um dos mais importantes textos químicos que já haviam sido escritos. Stahl analisou-a com cuidado, e reeditou-a em 1703, incluindo um longo comentário de sua autoria, sob o título *Specimen Beccherianum*.

Stahl identificou a terra *pinguis* de Becher, uma terra gordurosa, oleosa, e combustível, com o princípio sulfuroso de Paracelso, responsável pela combustibilidade dos corpos em cuja composição entre. E, na sequência de uma certa tradição alquímica, chamou a essa terra **flogisto** (Amorim da Costa 1988). Este flogisto tornou-se a base dum novo sistema teórico explicativo de todos os fenómenos químicos que logo se constituiu na teoria química verdadeiramente compreensiva que dominaria ainda durante quase todo o século XVIII. A combustão é o resultado de os metais perderem o seu flogisto. A respiração tem o efeito de remover o flogisto do corpo para o ar, e então, quanto mais o ar estiver saturado com flogisto por combustão ou respiração, mais esta se torna impossível (Taghard 1993). O sistema conceptual de Stahl era então muito amplo e providenciava um quadro explicativo para muitos fenómenos importantes. O flogisto seria como que o princípio vital dos metais: tal como acontece quando o princípio vital de um ser vivo se escapa, o deixa mais pesado, jazendo imóvel sobre a terra, assim acontece na calcinação dos metais. Calcinar, mais não seria do que mortificar (influências do vitalismo).

Em 1694, Stahl aceitou uma cátedra da nova universidade de Halle. Foi médico do rei da Prússia e membro da Real Academia. Escreveu 240 obras de Química e Biologia (Barreira s.d.). A sua teoria conseguia, então, explicar certos aspectos do comportamento químico das substâncias e chegou a conquistar numerosos adeptos entre os químicos da época, alguns deles, justamente famosos, como Cavendish, Scheele, Priestley e outros.

2.2. A teoria do Flogisto em Portugal

Em Portugal, antes do Tratado de Rodrigues de Abreu, a *Farmacopeia Lusitana* de D. Caetano de Santo António, nas suas diversas edições, ignora por completo a orientação química de Becher e Stahl.

A *Historologia Médica* de Rodrigues de Abreu, de 1733, é a defesa e introdução pronta do sistema stahliano em Portugal. Nela, o autor “depois de dar notícia de todos os systemas que tem havido na Medicina, conheceo que o systema Stahliano merecia preferencia entre os outros, porque conforme os seus Principios, nelle se pode dar melhor razão dos phenomenos da Natureza Humana, tanto no estado de saúde, como no tempo das enfermidades”; “por todos estes motivos tomou a resolução de explicar a doutrina daquelle Author, e o fez na língua Portuguesa” (Proêmio de Martinho de Mendonça).

Rodrigues de Abreu chama Química Nova à Química posterior a Paracelso. Estritamente afecto à tradição de Becher e Stahl se revelou igualmente Manoel Henriques de Paiva (1752-1829) naquela que apresenta como “a primeira obra chimica que em nossa linguagem sahe a luz”, os seus *Elementos de Chimica e Pharmácia*, já quando Lavoisier, em França, movia cerrada guerra às doutrinas flogistas. Ele defende que os princípios activos que penetram a composição íntima de todos os corpos são Fogo, Ar, Água, Sais e os Corpos Flogísticos (Amorim da Costa 1987).

3. Antecedentes próximos da Química moderna

Apesar do longo caminho que à Química faltava percorrer, a moderna disciplina emergiu, em larga medida, do estudo do ar e de outros gases, pelos sucessores de Boyle.

Stephen Halles (1677-1761) inventou um aparelho para recolher gases sobre a água. Recolheu os gases libertados pelo aquecimento de sangue, conchas, madeira, sementes, mel, açúcar, tártaro, calcário, pirites, etc., preocupando-se com a quantidade de gás libertado em cada situação, e não acerca das suas qualidades particulares. “O ar era ar”. Faltou-lhe a ideia de que existem diferentes espécies de gases com propriedades físicas e químicas diferentes.

Joseph Black (1728-1799) descobriu o primeiro gás cujas propriedades são demonstravelmente diferentes

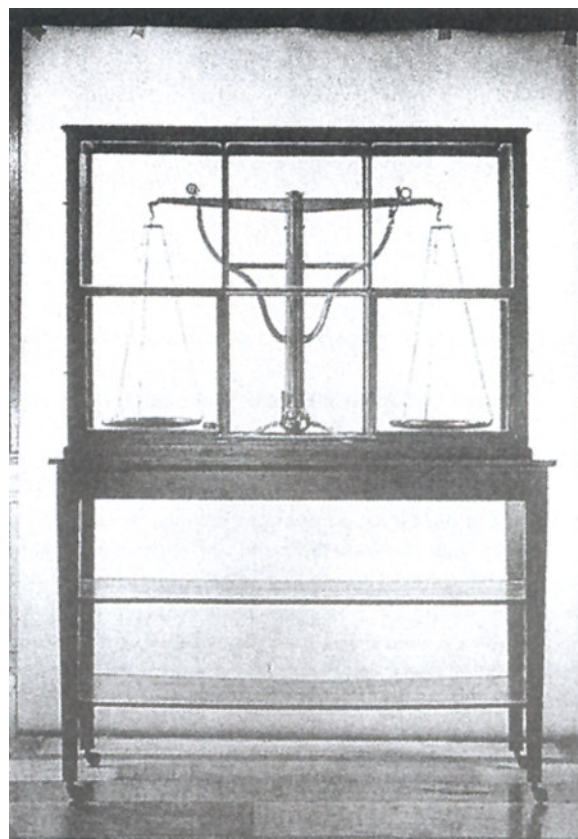


Figura 2 – Balança de Lavoisier fabricada por Fortin (séc XVIII)

das do ar comum. Chamou-lhe “ar fixo” (dióxido de carbono). As investigações de Black despertaram a crença de que o ar não era o único tipo de gás. Aquilo a que ele chamou “ar fixo” era evidentemente uma substância química reactiva que era inteiramente distinta do “ar comum”. Era produzido por respiração, fermentação e combustão.

O gás que conhecemos como hidrogénio foi, pela primeira vez, preparado pelo russo Lomonossov. Em 1745 escreveu: “da solução de qualquer metal não precioso, em ácido, emerge um vapor inflamável que não é mais do que o flogisto”.

A Rutherford, coube a tarefa de isolar a parte do ar que permanece depois de uma combustão ter lugar. Aqueceu uma porção de fósforo numa amostra de ar, sobre água. Os fumos foram absorvidos pela água. Quando o processo estava completo, cerca de três quartos do ar permaneciam. Rutherford, em 1772, isolou o nitrogénio e percebeu que ele não alimentava as combustões ou a respiração, tal como o “ar fixo”, mas, ao contrário deste, não turvava a água de cal. Chamou a este novo gás “mofeta” (nitrogénio).

Priestley (1733 - 1804) substituiu o banho de água por um banho de mercúrio. Com este aparelho de recolha, gases que se dissolviam ou reagiam com a água poderiam, a partir de então, ser recolhidos. E Priestley encontrou alguns, chamados agora de óxido

nítrico, cloreto de hidrogénio, amónia, dióxido de enxofre, tetrafluoreto de sílica, etc. Em 1774, encontrou o mais procurado gás de todos - o oxigénio.

Priestley mostrou que este novo gás provoca maior brilho na chama de uma vela e, ainda, que ratos sobreviviam nele mais tempo do que em ar comum. Concluiu que este novo gás era “mais puro” do que o “ar comum” e chamou-lhe “ar desflogisticado” (Glashow 1994, 187). Este, imediatamente, se tornou o foco central de interesse dos químicos, tanto em Inglaterra como no continente.

Cavendish publicara em 1766 que o hidrogénio ardia, mas ele não identificou o seu produto de combustão. Em 1781 ficou atónito ao verificar que se tratava de água. Estudos mais quantitativos publicados em 1784 mostraram que dois volumes de hidrogénio reagem com 5 volumes de “ar comum” de forma a consumir todo o hidrogénio e diminuir o volume de ar comum em 20%. Apesar da evidência pôr a claro o facto de que o hidrogénio e o oxigénio se combinavam entre eles para formar água, Cavendish insistiu numa explicação em termos de flogisto e reforçou a noção de que a água é um elemento indecomponível e fundamental. Ele olhou tanto para o oxigénio como para o hidrogénio como variedades de água com o seu conteúdo em flogisto modificado...

4. Aspectos de Revolução Química:

4.1. O programa sistemático de investigação de Lavoisier: A rotura com a teoria do flogisto e a construção da nova teoria do oxigénio

Em França, Lavoisier interessa-se pela combustão. Tal interesse terá começado em 1772, o “ano crucial”, como lhe chamou Guerlac (1961 *in* Santos e Costa 1992), com o início dos trabalhos que conduziram a uma grande alteração no modo de compreender o processo da combustão.

Numa carta fechada dirigida à Academia das Ciências, em Novembro de 1772, e para ser guardada até que tivesse completado outras experiências, Lavoisier já afirmava que o aumento de peso na combustão do fósforo e do enxofre provinha de uma imensa quantidade de ar. E, convicto da importância da descoberta, escreveu: “Cette découverte me paraissant une des plus intéressantes de celles qui aient été faites depuis Stahl” (Santos e Costa 1992, 128), sugerindo que o aumento de peso na combustão deveria ter a mesma causa. Mas ainda não conhecia o oxigénio! Priestley visitou Paris e encontrou-se com Lavoisier falando-lhe das suas experiências. Pouco depois dessa visita, Lavoisier preparou e estudou o oxigénio no seu próprio laboratório. O seu sistema conceptual, por volta de 1777, traduzido na “Mémoire sur la combustion en général”, contém quatro espécies



Figura 3 – O casal Lavoisier, pintado por David (1788); em baixo à direita o balão usado para a síntese da água

de ar (eminentemente respirável, atmosférico, fixo, mofeta) e descreve a combustão por recurso ao “ar puro”. No mesmo ano a respiração é assunto de outra Memória.

Em 1780 Lavoisier chama ao “ar puro, princípio oxigénio, e considera que uma vez admitido este princípio, as principais dificuldades da química parecem desaparecer, e todos os fenómenos se explicam com uma espantosa simplicidade. Completamente, rejeitou a teoria do flogisto.

Lavoisier mostrou que a combustão é a combinação química do oxigénio com uma substância combustível e que o metabolismo dos humanos e dos animais envolvia “combustão interna” do carbono e do hidrogénio para libertar CO_2 e H_2O .

Entretanto Cavendish realizou a composição da água. A descoberta de Cavendish da combustão do hidrogénio para formar água teve, igualmente, um papel importante no pensamento de Lavoisier. Brilhantemente, este repetiu o trabalho do inglês e introduziu

uma experiência engenhosa para verificar a composição da água do ponto de vista da sua nova teoria da combustão. Essas experiências foram conclusivas (Jaffe 1967). Ele descreve-as com muita minúcia...

O título do seu primeiro grande “paper”, publicado em 1788, é ilustrativo: “Sobre a natureza da água e as experiências que parecem provar que esta substância não é um Elemento propriamente dito e pode ser decomposto e recombinação”. A água é um composto dos elementos oxigénio e hidrogénio. Não existia outra explicação. A água não pode ser transmutada em terra. Todos os quatro elementos gregos se tinham definitivamente desfeito: O ar é agora uma mistura de gases, a água já é um composto, o fogo torna-se o processo da oxidação e a terra surge em muitas variedades químicas distintas (Glashow 1994).

A teoria do oxigénio de Lavoisier, que interpretava a combustão de forma diferente, recebeu uma aragem fresca com tal descoberta da composição da água.

Tais experiências sobre a síntese e a análise da água vieram, principalmente, completar os argumentos para um ataque público e frontal à teoria do flogisto. Aliás, a experiência foi feita publicamente, para que pudesse ser reconhecida... Veja-se a importância atribuída a este evento, pelo destaque que ao balão onde foi realizada a experiência pública da síntese da água, é dado na pintura de David.

4.2. O papel do laboratório e dos novos instrumentos: a balança.

Os instrumentos de precisão foram de grande importância para a formulação da teoria de Lavoisier e o laboratório constitui uma grande diferença relativa aos existentes na sua época, ainda de utilização muito privada.

De instrumento de medida, a balança tornou-se utensílio de previsão e juiz supremo de decisões. Já há muito que fazia parte da decoração habitual do laboratório, mas sem grandes exigências de precisão. Lavoisier exigiu balanças que ainda não existiam e encarregou Mégnie e Fortin de as conceber e fabricar. Tornaram-se sensíveis a 5 miligramas para massas da ordem de 600 gramas. A de Fortin, por exemplo, construída em 1788 e paga por 600 libras (120000 Francos de 1993) podia atingir 10 Kg com precisão da ordem de 25 miligramas. Permitiu mais tarde, à Comissão de Pesos e Medidas, definir o quilograma (Bensaude-Vincent & Journet 1993, 49). Tais instrumentos eram caros e só a fortuna pessoal de Lavoisier permitiu que a investigação fosse conduzida com tais exigências. As balanças são uns, entre dezenas de outros aparelhos fabricados especificamente, requeridos pelo desenvolvimento da química.

4.3. Adversários, Apoiantes e a consolidação de uma teoria

Rapidamente os cientistas franceses começaram a rodear Lavoisier: Fourcroy, De Mourveau, Berthollet e outros. Fora da França, a oposição ainda era forte, especialmente em Inglaterra onde Stevenson declarou: “Este arte-mágico tenta persuadir-nos que a água, o mais poderoso antiflogístico natural que possuímos é um composto de dois gases, um dos quais ultrapassa todas as outras substâncias na sua inflamabilidade”. Cavendish, que também tinha decomposto a água, nunca aceitou a nova explicação. Em 1803 Priestley escreveu da Pensilvânia: “Eu acredito que a Revolução Política será mais estável que a Revolução Química”, referindo-se à Revolução nos Estados Unidos.

O Professor Thomas Hope, da Universidade de Edimburgo, foi o primeiro a adoptar a nova nomenclatura nas suas lições públicas (Jaffe 1967, 75). Em Edimburgo, Black aceitou a sua explicação e passou-a aos seus estudantes. Itália e Holanda puseram-se em linha ao mesmo tempo. Da Suécia, Bergman escreveu a Lavoisier a oferecer o seu apoio. A Academia de Berlim adoptou as ideias de Lavoisier em 1792. A Rússia inaugurou o novo sistema com Lomonosov (Jaffe 1967).

Em 1789 é publicado o “*Traité Elementaire de Chimie*”, cuja primeira edição possuiu 2000 exemplares, organizando as experiências e a teoria já relatadas nas anteriores Memórias públicas e marcando a separação definitiva entre a Química do flogisto de Stahl e a Química do oxigénio, exposta numa linguagem clara e nova. Pela primeira vez um livro de texto falava a linguagem das pessoas, afastando a Química da mística.

Em Coimbra, com Rodrigues Sobral (1759-1828) e Vicente Coelho de Seabra (1764-1804) o Laboratório Químico da Universidade, criado pela Reforma Pombalina de 1772, foi um dos baluartes de vanguarda desta Nova Química. Aliás, Vicente Coelho de Seabra, publica um livro intitulado “*Elementos de Chimica*” em 1788 (um ano antes da publicação do próprio *Traité*) e uma segunda parte em 1790. O Departamento de Química reproduziu-o, recentemente, em edição fac-similada. Existem na Biblioteca do Departamento de Química Obras de Lavoisier, em francês, com a data de 1864, da Imprimerie Imperial e um belo exemplar do *Traité*.

Esta alteração de paradigma científico terá sido uma das maiores de todos os tempos na História da Química. Lavoisier explicou a combustão como oxidação (combinação química de um combustível com o oxigénio), identificou a água como um composto de hidrogénio e oxigénio, reconheceu o que são e não são elementos químicos e estabeleceu a lei da conservação da massa (em consequência dos estudos sobre combustão e sobre a síntese e análise

da água).

Como escreve Hubert Reeves “é perpetuamente preciso “pôr a ciência em cultura” e ao reinserir as justificações científicas na história a que pertencem, conseguimos projectar sobre elas uma nova luz.

E para além de tudo... A água não perde a sua beleza por sabermos que é um composto de oxigénio e de hidrogénio!

* Professora da Escola Superior de Castelo Branco. Investigadora.

Bibliografia

Amorim da Costa, A.M. 1987. Fermentação, o emblema filosófico de Becher. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Química*, 30 (Série II), 27-32.

Amorim da Costa, A.M. 1988. Da farmácia galénica à farmácia química no Portugal setecentista. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Química*, 32/33 (Série II), 23-28.

Amorim da Costa, A.M. 1992. Alquimia em Portugal: O rei Alphonso. In Dias, A.R. & Ramos, J.M. *Química e Sociedade. A presença da Química na actividade humana*, 2. Lisboa: Escolar Editora e SPQ, 115-132.

Barreira (sd). Stahl. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, 17. Lisboa: Editorial Verbo.

Bensaude-Vincent, B. & Journet, N. 1993. Rien ne perd, rien ne se crée: tout se pèse. *Les Cahiers de Science et Vie. Les pères fondateurs de la science. Lavoisier*, 42-62.

Debus, A.G. 1984. *Science and history. A chemist's appraisal*. Coimbra: Serviços de Documentação e Publicações da Universidade.

Glashow, S.L. 1994. *From alchemy to quarks. The study of physics as a liberal art*. Pacific Grove, California: Brooks/Cole Publishing Company.

Jaffe, B. 1967. *Crucibles. The story of chemistry*. New York: Fawcett World Library.

Lavoisier, A.L. 1864. *Ouvres de Lavoisier*. Paris: Imprimerie Imperial.

Reeves, H. 1990. *Malicorne ou Reflexões de um observador da natureza*. Lisboa: Gradiva.

Reichen, C-A. 1966. *História da Química*. Lisboa: Morais Editora.

Santos, A.M.N. & Costa, P.F. 1992. A contribuição de Lavoisier para os fundamentos da Química moderna. In Dias, A.R. & Ramos, J.M. *Química e Sociedade. A presença da Química na actividade humana*, 2. Lisboa: Escolar Editora e SPQ, 185-213.

Salzberg, H.W. 1991. *From Caveman to Chemist. Circumstances and achievements*. Washington: American Chemical Society.

Seabra, V.C. 1788/1790. *Elementos de Chimica*. Reprodução fac-similada em 1985 da edição impressa em Coimbra, na real oficina da Universidade. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Taghard, P. 1993. *Conceptual revolutions*. Princeton: Princeton University Press.

**CADERNOS DE CULTURA “MEDICINA NA BEIRA INTERIOR
- DA PRÉ - HISTÓRIA AO SÉC. XX”**

ÍNDICE GERAL

Nº 1 - NOVEMBRO DE 1989

EDITORIAL: Medicina e Cultura.

Médicos escritores da Beira Interior. Armando Moreno

Possibilidades de acesso ao médico diplomado na Beira de quatrocentos. Iria Gonçalves

João Rodrigues de Castelo Branco e a solidariedade médica na luta contra a doença e a morte. Alfredo Rasteiro

António Nunes Ribeiro Sanches - o médico higienista (1699-1783). Fanny Andrée Font Xavier da Cunha

Plácido da Costa, um Beirão que triunfa no litoral. Amélia Ricon Ferraz

Epistemologia do senescer - doença, doente, saúde e morte. Josias Gyll

Nº 2 - JUNHO DE 1990

EDITORIAL: Medicina e Humanismo.

Assistência aos doentes na vila de Castelo Branco e seu termo, entre finais do séc. XV a começos do séc. XVII. Manuel da Silva Castelo Branco

A latroética e o «Retrato del perfecto medico» de Henrique Jorge Henriques no âmbito médico-social renascentista. Romero M. B. Gandra

Para a história da morte no século XVI: a certificação da morte em Amato Lusitano e as novas artes de morrer em Frei Heitor Pinto. António Lourenço Marques

A terra e os homens da Beira Interior nos “relatórios” médicos locais nos inícios do século XIX. Maria Adelaide Neto Salvado

A medicina popular no concelho de Proença-a-Nova. Maria Assunção Vilhena Fernandes

Nº 3 - JUNHO DE 1991

EDITORIAL: Medicina e Verdade.

Evocação do Doutor José Lopes Dias. Fernando Dias de Carvalho

Assistência aos doentes, em Castelo Branco e seu termo, entre começos dos séculos XVII e XIX (I parte). Manuel da Silva Castelo Branco

Dois homens, dois tempos - um objectivo comum. Amélia Ricon Ferraz

O hospital da Santa Casa da Misericórdia do Fundão. Clara Vaz Pinto

Amuletos e ex-votos da Beira Interior na colecção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

Olinda Sardinha

A medicina popular no séc. XIX - sua prática nas aldeias da Serra da Gardunha. Albano Mendes de Matos

Nº 4 - OUTUBRO DE 1991

EDITORIAL: Medicina e Interdisciplinaridade.

Fragilidade da velhice a da doença - alguns exemplos da Idade Média Beirã. Iria Gonçalves
 A crónica dos cônegos regantes de Santo Agostinho e a 1ª escola de medicina portuguesa. Romero B. Gandra
 A medicina e o médico perante o doente moribundo e incurável, no séc. XVI - testemunho de Amato Lusitano. António Lourenço Marques
 António de Andrade (1581 - 1634) - o problema do catalo e das patologias pela luz e pelo frio em grandes altitudes. Alfredo Rasteiro
 Apologia da hidroterapia na conservação da saúde - nota introdutória da tradução de um manuscrito de Ribeiro Sanches. Fanny A. F. Xavier da Cunha
 Memória sobre os banhos de vapor da Rússia considerados para a conservação da saúde e para a cura de várias doenças. António Ribeiro Sanches
 O sentimento da morte, nos finais do séc. XIX, nas notícias necrológicas da Beira Interior. Maria Adelaide Salvado
 Um ensalmo arcaico da raia de Riba Côa. O salmo da “giplé” e a oração de “Santa Cilhê”. J. Pinharanda Gomes
 Estados de alma - doença e morte. José Morgado Pereira
 Epitáfios e crisântemos da memória. Branquinho Pequeno

Nº 5 - OUTUBRO DE 1992

EDITORIAL: A Medicina no cruzamento dos saberes.

Memória de Amato. Alfredo Rasteiro
 Espaço geográfico nas Centúrias de Amato. Maria Adelaide Neto Salvado
 Algumas plantas aromáticas usadas em Amato Lusitano. A. M. Lopes Dias
 A realidade de dor nas curas de Amato Lusitano. António Lourenço Marques
 Rabacinas - uma comunidade perante a morte. Francisco Henriques, João Gouveia e João Caninas
 A morte no Alcaide - atitudes e rituais. Albano Mendes de Matos
 População do concelho de Idanha-a-Nova. António Maria Romeiro Carvalho
 Miguel Torga: “O alma grande”. António Morão
 A morte e o amor. António Branquinho Pequeno

Nº 6 - ABRIL DE 1993

EDITORIAL: Medicina e Mentalidades.

A vida e a dor - um caso. Albano Mendes de Matos
 A dor nos finais do Antigo Regime. António Lourenço Marques
 A emergência da dor no chão das palavras. Fernando Paulouro Neves
 Catástrofes naturais na visão de Amato Lusitano. Maria Adelaide Neto Salvado
 Amato, Vesálio, Paré. Alfredo Rasteiro
 O segredo na iatroética. Romero Bandeira, Viana Pinheiro, Mário Lopes
 Desertificação e desenvolvimento. António Maria Romeiro Carvalho

Nº 7 - NOVEMBRO DE 1993

EDITORIAL: A Medicina e as Letras.

A melancolia nas Centúrias de Amato. José Morgado Pereira
 O amor a a morte nos registos paroquiais albicastrenses. Manuel da Silva Castelo Branco

A vida e a dor no concelho de Idanha-a-Nova. Maria João Guardado Moreira
 Práticas etnomedicinais na Raia. Pedro Miguel Salvado
 Breve reflexão sobre a via sacra da dor. Maria Antonieta Garcia
 Como nasceu um grande romance português. António Manuel Lopes Dias

Nº 8 - NOVEMBRO DE 1994

EDITORIAL: Medicina e Sociedades.

Alguns aspectos da vida e da obra de Amato Lusitano. J. Firmino Crespo
 Amato, Montalto e a arte dos olhos nos séc. XVI e XVII. Alfredo Rasteiro
 Estudo da Primeira Centúria de Amato Lusitano. António Manuel Lopes Dias
 A velhice no tempo de Amato Lusitano. António Lourenço Marques
 O enciclopedismo de Ribeiro Sanches. Carlota Boto
 O corpo: dor e esplendor, na festa da S. Pedro, no Catrão - séc. XIX Albano Mendes de Matos
 O povo da aldeia de Malhadal perante a dor. M. Assunção Vilhena Fernandes
 O problema dos expostos no concelho de Castelo Branco. António Lopes Pires Nunes
 Expostos no concelho de Idanha-a-Nova no séc. XIX (1820-1920). António Maria Romeiro de Carvalho
 O espaço geográfico da Beira Raiana no olhar de Fernando Namora. Maria Adelaide Neto Salvado

Um parto prodigioso em Castelo Branco no séc. XVIII. Pedro Miguel Salvado
 As filhas de Eva - que esplendor? Maria Antonieta Garcia
 Exaltação da vida: percurso documentado em Miguel Torga. Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

O corpo, o pudor, o amor, o ciúme, o desejo, o eu. Raul d'Andrade
 Censura & Censura, um universo castrador. Fernando Pauloro das Neves
 O corpo nos modelos do pintor. J. Ribeiro Farinha
 "Febre romântica". José Morgado Pereira

Nº 9 - NOVEMBRO DE 1995

EDITORIAL : Medicina e História.

Amato e os Nasci. Alfredo Rasteiro
 Panaceias nossas de cada dia, "ontem e hoje". Fanny A. F. Xavier da Cunha
 À procura da Idade do cancro nas Centúrias de Amato Lusitano. António Lourenço Marques
 Achegas para o estudo da ecologia de vegetação da Beira Interior. António Manuel Lopes Dias
 Tuberculose e Idades do homem. Maria Adelaide Neto Salvado
 O sanatório das Penhas da Saúde - templo do tempo. Elisa Pinheiro
 A Idade militar e a literatura tradicional no ciclo da vida do homem da Gardunha. Albano Mendes de Matos
 A Idade de ser "ratinho". Maria da Assunção Vilhena Fernandes
 A Idade do quotidiano. António Maria Romeiro de Carvalho
 O fio de "Laquesis"... nas palavras dos poetas. Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata
 As Idades do homem - Imundíces e conspurcações. Victor Sáinhas
 As Idades do homem - viagens no tempo e na memória. J. Ribeiro Farinha

Nº 10 - NOVEMBRO DE 1996

EDITORIAL: Medicina e Ciência.

O mundo feminino do séc. XVI no olhar de Amato Lusitano. Maria Adelaide Neto Salvado
 A mulher e as suas doenças em Amato Lusitano. Albano Mendes Matos
 A mulher, o sofrimento e a compaixão na obra de Amato Lusitano. Alfredo Rasteiro

Amarguras do nascimento e o génio de Amato Lusitano. António Lourenço Marques
 A mulher, a medicina e a aldeia, aproximação ao tema. António Maria Romeiro Carvalho
 A mulher de Proença-a-Nova nas suas relações com a medicina. Maria Assunção Vilhena Fernandes
 Aparar a vida: uma história da mulher. Maria de Lurdes da Costa Barata
 A palavra no masculino e as terapias da alma. Maria Antonieta Garcia
 O hospital na época de Amato. Romero Bandeira

Nº 11 - NOVEMBRO DE 1997

EDITORIAL: Medicina e Ética.

A receita do “manjar de fígados” do Doutor Amato Lusitano. Alfredo Rasteiro
 A alimentação na obra de Amato Lusitano (1511-1568). Fanny A. Font Xavier da Cunha
 Os frutos e as leguminosas nas curas de Amato Lusitano. Maria Adelaide Neto Salvado
 O vinho na época de Amato Lusitano. António Lourenço Marques
 Elos à vida - alimento da palavra poética. M. Lurdes Gouveia da Costa Barata
 A botânica da bacia mediterrânica em Amato Lusitano. António M. Lopes Dias
 A alimentação na aldeia do Malhadal. Maria Assunção Vilhena Fernnades
 Hábitos alimentares na Serra da Gardunha. Albano Mendes de Matos
 Alimentação na Beira Interior... António Maria Romeiro Carvalho
 Estudantes da Beira Interior em Salamanca. J. Candeias da Silva
 Salamanca e os Lusitanos. Alfredo Rasteiro
 Relações culturais entre Salamanca e a Beira Interior. Santolaya Silva
 Os eternos odores da memória. Ribeiro Farinha

Nº 12 - NOVEMBRO DE 1998

EDITORIAL: Medicina e Espiritualidade.

Os comportamentos alimentares nas Centúrias de Curas Medicinais José Morgado Pereira
 As Índias de Castela e as Índias de Portugal na obra de Amato Lusitano. Alfredo Rasteiro
 Os produtos de origem animal na terapêutica de Amato Lusitano. Albano Mendes de Matos
 A doença e a condição feminina em Amato. José Morgado Pereira
 A saúde oral em Amato Lusitano. Manuel Lourenço Nunes
 Médicos da Beira Baixa nas Índias. Joaquim Candeias da Silva e Manuel da Silva Castelo Branco
 Simão Pinheiro Mourão: um médico da Beira do séc. XVII entre Salamanca e as Índias ocidentais.
 António Lourenço Marques
 Doentes nos cárceres da Inquisição. Maria Antonieta Garcia
 A fonte grande do Ladoeiro. António Maria Romeiro de Carvalho
 Curandeiros na zona do Pinhal. Maria Assunção Vilhena Fernandes
 Doença e Política de Saúde. Teotónio R. de Souza
 O primeiro livro de um nativo da América foi publicado em Lisboa. José Miguel Santolaya Silva
 Outras Índias - as Índias possíveis. Ribeiro Farinha

Nº 13 - NOVEMBRO DE 1999

EDITORIAL: Medicina e Pós-modernidade.

A água em “de medica mataria” Dioscórides, segundo Amato Lusitano e Andres Laguna. Alfredo Rasteiro
 A água, medicina universal, e Amato Lusitano (1511-1568). Fanny Andrée Font Xavier da Cunha
 A água e a vida quotidiana à luz das IV e V Centúrias de Curas Medicinais de Amato Lusitano. António Lourenço Marques

As águas santas - das velhas crenças à voz de Amato Lusitano. Maria Adelaide Neto Salvado
A ironia em Amato Lusitano. José Morgado Pereira
... O espírito de Deus sobre a superfície das águas. Maria de Lurdes Gouveia da Costa
O sagrado da água em cultos judaicos beirões. Maria Antonieta Garcia
A água e a fonte: em busca da sexualidade esquecida. António Maria Romeiro Carvalho
Águas e curas milagrosas na Serra da Gardunha - a fonte da Senhora da Orada. Albano Mendes de Matos
A água na medicina popular no concelho de Proença-a-Nova. Maria da Assunção Vilhena
El agua y los poetas. José Miguel Santolaya Silva
Droga versus medicamentos: uma nódoa histórica. Romero Gandra

ÍNDICE ONOMÁSTICO

ALBANO MENDES DE MATOS

A medicina popular no séc. XIX - sua prática nas aldeias da Serra da Gardunha. (n. 3);
 A morte no Alcaide - atitudes e rituais. (n. 5);
 A vida e a dor - um caso. (n. 6);
 O corpo: dor e esplendor, na festa de S. Pedro, no Catrão - séc. XIX. (n. 8);
 A idade militar e a literatura tradicional no ciclo da vida do homem da Gardunha. (n. 9);
 A mulher e as suas doenças em Amato Lusitano. (n. 10);
 Hábitos alimentares na Serra da Gardunha. (n. 11);
 Os produtos de origem animal na terapêutica de Amato Lusitano. (n. 12);
 Águas e curas milagrosas na Serra da Gardunha - a fonte da Senhora da Orada. (n. 13).

ALFREDO RASTEIRO

João Rodrigues de Castelo Branco e a solidariedade médica na luta contra a doença e a morte. (n.1);
 António de Andrade (1581 - 1634) - o problema do cataio e das patologias pela luz e pelo frio em grandes altitudes. (n. 4);
 Memória de Amato. (n.. 5);
 Amato, Vesálio, Paré. (n. 6);
 Amato, Montalto e a arte dos olhos nos séc. XVI e XVII. (n. 8);
 Amato e os Nasci. (n. 9);
 A mulher, o sofrimento e a compaixão na obra de Amato Lusitano. (n. 10);
 A receita do "manjar de fígados" do Doutor Amato Lusitano. (n. 11);
 As Índias de Castela e as Índias de Portugal na obra de Amato Lusitano. (n. 12);
 Salamanca e os Lusitanos. Alfredo Rasteiro (n. 11);
 A água em "de medica materia" Dioscórides, segundo Amato Lusitano e Andres Laguna. (n. 13).

AMÉLIA RICON FERRAZ

Plácido da Costa, um Beirão que triunfa no litoral. (n.1);
 Dois homens, dois tempos - um objectivo comum. (n. 3).

ANTÓNIO BRANQUINHO PEQUENO

Epitáfios e crisântemos da memória. (n.4);
 A morte e o amor. (n. 5).

ANTÓNIO LOPES PIRES NUNES

O problema dos expostos no concelho de Castelo Branco. (n. 8).

ANTÓNIO LOURENÇO MARQUES

Para a história da morte no século XVI: a certificação da morte em Amato Lusitano e as novas artes de morrer em Frei Heitor Pinto. (n. 2);

A medicina e o médico perante o doente moribundo e incurável, no séc. XVI - testemunho de Amato Lusitano. (n. 4);

A realidade da dor nas curas de Amato Lusitano. (n. 5);

A dor nos finais do Antigo Regime. (n. 6);

A velhice no tempo de Amato Lusitano. (n. 8);

À procura da idade do cancro nas Centúrias de Amato Lusitano. (n. 9);

Amarguras do nascimento e o génio de Amato Lusitano. (n. 10);

O vinho na época de Amato Lusitano. (n. 11);

Simão Pinheiro Mourão: um médico da Beira do séc. XVII entre Salamanca e as Índias ocidentais. (n. 12);

A água e a vida quotidiana à luz das IV e V Centúrias de Curas Medicinais de Amato Lusitano. (n. 13).

ANTÓNIO MANUEL LOPES DIAS

Como nasceu um grande romance português. (n. 7);

Estudo da Primeira Centúria de Amato Lusitano. (n. 8);

Achegas para o estudo da ecologia de vegetação da Beira Interior. (n. 9);

Algumas plantas aromáticas usadas em Amato Lusitano. (n. 5);

A botânica da bacia mediterrânica em Amato Lusitano. (n. 11).

ANTÓNIO MARIA ROMEIRO CARVALHO

População do concelho de Idanha-a-Nova. (n. 5);

Desertificação e desenvolvimento. (n. 6);

Expostos no concelho de Idanha-a-Nova no séc. XIX (1820-1920). (n. 8);

A idade do quotidiano. (n. 9);

A mulher, a medicina e a aldeia, aproximação ao tema. (n. 10);

Alimentação na Beira Interior e a educação para uma alimentação racional. (n. 11);

A fonte grande do Ladoeiro. (n. 12);

A água e a fonte: em busca da sexualidade esquecida. (n. 13).

ANTÓNIO MORÃO

Miguel Torga: "O alma grande". (n. 5).

ARMANDO MORENO

Médicos escritores da Beira Interior. (n. 1).

CARLOTA BOTO

O enciclopedismo de Ribeiro Sanches. (n. 8).

CLARA VAZ PINTO

O Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Fundão. (n. 3).

ELISA PINHEIRO

O sanatório das Penhas da Saúde - templo do tempo. (n. 9).

FANNY ANDRÉE FONT XAVIER DA CUNHA

António Nunes Ribeiro Sanches - o médico higienista (1699-1783). (n.1);
Apologia da hidroterapia na conservação da saúde - nota introdutória da tradução de um manuscrito de Ribeiro Sanches. (n. 4);
Panaceias nossas de cada dia, "ontem e hoje". (n. 9);
A alimentação na obra de Amato Lusitano (1511-1568). (n. 11);
A água, medicina universal, e Amato Lusitano (1511-1568). (n. 13).

FERNANDO DIAS DE CARVALHO

Evocação do Doutor José Lopes Dias. (n. 3).

FERNANDO PAULO RO NEVES

Censura & Censura, um universo castrador. (n. 8);
A emergência da dor no chão das palavras. (n. 6).

FRANCISCO HENRIQUES

Rabacinas - uma comunidade perante a morte. (n. 5).

IRIA GONÇALVES

Possibilidades de acesso ao médico diplomado na Beira de quatrocentos. (n.1);
Fragilidade da velhice e da doença - alguns exemplos da Idade Média Beirã. (n. 4).

JOAQUIM CANDEIAS DA SILVA

Estudantes da Beira Interior em Salamanca. (n. 11);
Médicos da Beira Baixa nas Índias. (n. 12).

JOSÉ MIGUEL SANTOLAYA SILVA

Relações culturais entre Salamanca e a Beira Interior. (n. 11);
O primeiro livro de um nativo da América foi publicado em Lisboa. (n. 12);
El agua y los poetas. (n. 13).

JOSIAS GYLL

Epistemologia do senescer - doença, doente, saúde e morte. (n.1).

JOSÉ MORGADO PEREIRA

Estados de alma - doença e morte. (n. 4);
A melancolia nas Centúrias de Amato. (n. 7);
"Febre romântica". (n. 8);
Os comportamentos alimentares nas Centúrias de Curas Medicinais. (n. 12);
A doença e a condição feminina em Amato. (n. 12);
A ironia em Amato Lusitano. (n. 13).

J. FIRMINO CRESPO

Alguns aspectos da vida e da obra de Amato Lusitano. (n. 8).

J. PINHARANDA GOMES

Um ensalmo arcaico da raia de Riba Côa. O salmo da “giplé” e a oração de “Santa Cilhê”. (n. 4).

J. RIBEIRO FARINHA

O corpo nos modelos do pintor. (n. 8);

As idades do homem - viagens no tempo e na memória. (n. 9);

Outras Índias - as Índias possíveis. (n. 12);

Os eternos odores da memória. (N. 11).

MANUEL LOURENÇO NUNES

A saúde oral em Amato Lusitano. (n. 12).

MANUEL DA SILVA CASTELO BRANCO

Assistência aos doentes na vila de Castelo Branco e seu termo, entre finais do séc. XV a começos do séc. XVII. (n. 2);

Assistência aos doentes, em Castelo Branco e seu termo entre começos dos séculos XVII e XIX (I parte). (n. 3);

O amor e a morte nos registos paroquiais albicastrenses. (n. 7);

Médicos da Beira Baixa nas Índias. (n. 12).

MARIA ADELAIDE NETO SALVADO

A terra e os homens da Beira Interior nos “relatórios” médicos locais nos inícios do século XIX. (n. 2);

O sentimento da morte, nos finais do séc. XIX, nas notícias necrológicas da Beira Interior. (n. 4);

Espaço geográfico nas Centúrias de Amato. (n. 5);

Catástrofes naturais na visão de Amato Lusitano. (n. 6)

O espaço geográfico da Beira Raiana no olhar de Fernando Namora. (n. 8);

Tuberculose e idades do homem. (n. 9);

O mundo feminino do séc. XVI no olhar de Amato Lusitano. (n. 10);

Os frutos e as leguminosas nas curas de Amato Lusitano. (n. 11);